

Revista

# RAÍZES

# 68

Publicação Semestral  
Distribuição gratuita

Agosto de 2024

Publicação da  
Fundação Pró-Memória  
de São Caetano do Sul

ANO XXXVI





# Palavra do Presidente

 Charly Farid Cury

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

A REVISTA *RAÍZES* chega à sua 68ª edição, ratificando o seu compromisso com a divulgação e a difusão da memória da cidade em seus diferentes aspectos e dimensões. Para tanto, contamos, mais uma vez, com a valiosa contribuição de nossos articulistas, sempre dispostos a nos revelar fatos do passado sul-são-caetanense por meio da abordagem de temas diversos que incidem, de um modo geral, sobre o cotidiano político, econômico e cultural da nossa sociedade em momentos plurais da sua história.

Acreditamos que a produção do conhecimento histórico, uma das propostas basilares da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, é o caminho para o fortalecimento do senso crítico e dos laços identitários dos moradores locais (nosso público-alvo), que, assim, encontram, nas páginas desta tradicional publicação, carro-chefe do projeto editorial da instituição, um espaço representativo de suas lembranças nostálgicas, de seus saberes peculiares e de suas histórias desafiadoras.

Que tenhamos uma excelente e inspiradora leitura! ■

Ano XXXVI – Número 68  
Publicação semestral  
Distribuição gratuita  
Publicação da Fundação  
Pró-Memória de São Caetano do Sul

[WWW.FPM.ORG.BR](http://WWW.FPM.ORG.BR)  
[FPM@FPM.ORG.BR](mailto:FPM@FPM.ORG.BR)  
[RAIZES@FPM.ORG.BR](mailto:RAIZES@FPM.ORG.BR)



FUNDAÇÃO  
PRÓ-MEMÓRIA  
SÃO CAETANO DO SUL

**Prefeito Municipal:** José Auricchio Jr. **Secretário Municipal de Cultura:** Erike Busoni. **Presidente da Fundação Pró-Memória:** Charly Farid Cury. **Conselho Diretor:** Charly Farid Cury – Presidente, Anna Figueira, Brenno Diorrener Pereira, Candido Giraldez Vieitez, Erike Laerte Busoni, Eva Bueno Marques, João Tarcisio Mariani, Kátia Valéria Gomes de Souza, Luiz Domingos Romano, Márcia Gallo, Priscila Ferreira Perazzo, Wagner Antônio Natale, William Pesinato. **Conselho Consultivo:** Ana Paula Demambro, Donizetti Tadeu Moretti, Elisabete Montesano, Issao Toyoda Kohara, José Luiz Cabrino, Marcos Eduardo Massolini, Mário Porfírio Rodrigues, Nelson Albuquerque Oliveira Júnior, Newton Mori, Paulo Alves Rosa, Wander Correa.

**RAÍZES**

**Jornalista Responsável:** Paula Fiorotti (Mtb. 28.927).  
**Edição e organização:** Paula Fiorotti. **Revisão:** Paula Fiorotti, Cristina Toledo de Carvalho e Humberto Pastore.  
**Serviço de Difusão Cultural:** Cristina Toledo de Carvalho e Humberto Pastore. **Comissão Editorial:** Charly Farid Cury, Ana Maria Guimarães Rocha, Cristina Toledo de Carvalho, Heloísa Canga, Humberto Pastore, Maria Zulema Cebrían, Paula Fiorotti, Rodrigo Marzano Munari, Sandra Regina Bittancourt Gouveia. **Projeto Gráfico:** Roberta Giotto.  
**Digitalização de Imagens:** Ingrid Marianeck.

Tiragem desta edição:  
2.000 exemplares  
Agosto de 2024

Av. Dr. Augusto de Toledo, nº 255  
Santa Paula - CEP: 09541-520  
São Caetano do Sul - SP  
Fone/fax: (11) 4223-4780

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da história do ABC. A seleção do material é de responsabilidade da Comissão Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Agradecemos informações adicionais a respeito das imagens eventualmente não identificadas publicadas nesta revista, a fim de que possamos alterar os créditos em futuras publicações.

# Carta ao leitor

■ Paula Fiorotti

EDITORA

PREZADO LEITOR, ao escrever este texto, parei para pensar há quanto tempo sou a jornalista responsável e editora da revista *Raízes*. A primeira edição sob minha responsabilidade foi a de número 43, publicada em julho de 2011, e que teve como tema principal a história do Externato Santo Antonio, tradicional escola da cidade. Desde então, tivemos algumas alterações no design da revista e ainda mudanças em sua linha editorial.

Posso afirmar que desempenhar este papel dentro da Fundação Pró-Memória estreitou meus laços com São Caetano do Sul, com a própria instituição e me fez conhecer pessoas incríveis. Já foram tantas lindas histórias, muitos depoimentos interessantes e imagens maravilhosas de tempos nostálgicos. Aprendi muito, me emocionei, fiz descobertas incríveis sobre nossa história.

E nessa trajetória, minha e da revista, descobri que, além da publicação ser um valioso documento de registro histórico e de memória, tendo se transformado em fonte de pesquisas, *Raízes* é um presente para mim e, principalmente, para o leitor. Daqueles que, quando a gente abre, vem um sentimento muito bom,

aquela saudade dos bons e velhos tempos, a chamada nostalgia. E poder entregar isso aos nossos leitores é um privilégio. Afinal de contas, a nostalgia nos ajuda a encontrar nosso eu autêntico, nos fazendo lembrar quem somos e fomos destinados a ser.

E nesta edição, querido leitor, os artigos de capa nos levam a memórias que estão caminhando para o esquecimento coletivo. E aqui cabe nosso papel de reacender a história de um célebre morador da antiga São Caetano, o famoso curandeiro Vicente Rodrigues Vieira, chamado até de santo por muitos. Pessoas vinham de longe buscar tratamento em nosso distrito e sua fama ultrapassou nossos limites. Além da capa, muitos outros artigos, textos, entrevistas e fotografias estampam as páginas da revista.

Esta edição vem com uma novidade, a seção *Poesias e Crônicas* virou *Crônicas e Causos*, assim abrimos espaço para histórias e lembranças singelas escritas por nossos moradores.

E, assim, seguimos em nosso caminho de ser o elo entre passado, presente e futuro, despertando emoções e estabelecendo, cada dia mais, a revista *Raízes* como um espaço de reflexão acerca da memória local. ■

---

Paula Fiorotti

é jornalista formada pelo Instituto Metodista de Ensino Superior, tem pós-graduação em Comunicação Empresarial e Relações Públicas, pela Faculdade Cásper Líbero, e especialização em Gestão de Patrimônio e Cultura, pela Unifai (Centro Universitário Assunção). É membro do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental de São Caetano do Sul. É responsável pelo Projeto Editorial da Fundação Pró-Memória, sendo editora da revista *Raízes*, e está atuando como responsável pela programação da Pinacoteca Municipal, do Espaço Cultural - Casa de Vidro e de outros espaços da instituição.

✉ raizes@fpm.org.br

---



# 10 CAPA

**Estrada do Curandeiro: mudança de nome e apagamento de memória**  
Virgílio Antiqueira

Na capa, imagem de Vicente Rodrigues Vieira, o curandeiro Vicente, em foto da década de 1930. Na contracapa imagem da capela que pertenceu ao filho do curandeiro, Bento Rodrigues Vieira, situada onde hoje é a Praça Francisco Pires, no final da Alameda Cassaquera

Acervo/FPMSCS

**4**  
#HASHTAG

**5**  
ALMANAQUE

**21**  
ENTREVISTA  
com Renato Dotta  
Coletivo Mapa Xilográfico

**26**  
ARTIGOS  
Uma joia da  
arquitetura moderna  
André Aparecido Bezerra  
Chaves

**30**  
O barro cinzento paulista:  
da Fazenda do Tijucusú  
ao Núcleo Colonial  
de São Caetano  
Edileine Carvalho Vieira

**35**  
RAÍZES E RETRATOS  
Acervo/Sérgio Miliani

**36**  
MEMÓRIA  
Estigmatinos:  
frutos de 100 por 1!  
João Tarcísio Mariani

**46**  
Celafiscs agita São Paulo,  
Brasil e o mundo há 50 anos  
Humberto Domingos Pastore

**50**  
Recanto Educacional Pingo  
de Gente: uma trajetória de  
mais de 25 anos  
Suzete Teresinha Moreno

**53**  
A tatuagem está  
gravada na história de  
São Caetano do Sul  
Marcos Eduardo Massolini

**62**  
CURIOSIDADES  
Por muito pouco, São Caetano  
não nascia falando inglês

**63**  
RAÍZES E RETRATOS  
Acervo/Mauro Fiorotti

**64**  
PERSONAGENS  
O jogo de xadrez em São  
Caetano e o seu mestre  
Keigo Toyoda  
Cristina Toledo de Carvalho

**71**  
Aqueles histórias familiares...  
Maria de Lourdes Pires Barros

**77**  
CURIOSIDADES  
Um alemão no meio  
dos italianos

**78**  
HOMENAGEM  
José de Pádua Reis e sua  
sólida vida familiar e  
profissional construída em  
São Caetano do Sul  
Cristina Toledo de Carvalho

**81**  
HISTÓRIA ORAL  
Elisabete Righetto Soto:  
A eterna Rainha de São  
Caetano do Sul  
Humberto Domingos Pastore

**84**  
MEMÓRIA E AFETO  
O famoso coreto da Praça  
Cardeal Arcoverde

**85**  
RAÍZES E RETRATOS  
Acervo/ Julio César Rodrigues  
Coelho

**86**  
ESPORTES  
20 anos se passaram. E a  
história de uma grande  
conquista permanece viva  
Associação Desportiva São  
Caetano, Campeã Paulista de  
Futebol de 2004  
Luiz Domingos Romano

**90**  
Serginho Escadinha, o maior  
líbero de todos os tempos  
Mario Edson Botteon

**94**  
Os jogos do Sport Club  
Corinthians Paulista em São  
Caetano do Sul  
Renato Donisete Pinto

**102**  
CRÔNICAS E CAUSOS  
Memórias de um Sargento.  
TG 277 - Turma 66, valores  
evidenciados!  
Angelo Honorato Zucato

**103**  
Lembranças e curiosidades  
Mario Edson Botteon

**105**  
NOSSO ACERVO –  
MUSEU HISTÓRICO  
MUNICIPAL

**106**  
NOSSO ACERVO  
– PINACOTECA  
MUNICIPAL

**107**  
ACONTECEU

**109**  
MEMÓRIA  
FOTOGRAFICA

# LINHA DO TEMPO DA HISTÓRIA DE SÃO CAETANO

Conheça a história de São Caetano de uma maneira fácil e rápida. Entre no site [www.fpm.org.br](http://www.fpm.org.br), na aba *Sobre a Cidade*, e acompanhe os principais acontecimentos da trajetória do município.



# HISTÓRIA DOS BAIRROS



No site da Fundação Pró-Memória, também é possível saber um pouco mais sobre a formação de cada um dos 15 bairros da cidade. Entre no [www.fpm.org.br](http://www.fpm.org.br) e acompanhe!



[instagram.com/  
fpmscs\\_oficial](https://www.instagram.com/fpmscs_oficial)



[facebook.com/  
promemoria.caetano](https://www.facebook.com/promemoria.caetano)



## EXPOSIÇÕES VIRTUAIS

Muitas imagens e conteúdos interessantes sobre nossa história disponíveis em muitas exposições virtuais, produzidas a partir de imagens do nosso Centro de Documentação Histórica.



➔ Acervo/FPMSCS

1949

## Os 75 anos das primeiras eleições municipais

Com a autonomia político-administrativa da cidade, obtida frente ao município de Santo André por meio do plebiscito de 24 de outubro de 1948, os moradores locais adquiriram o direito de eleger seus representantes junto aos poderes Executivo e Legislativo do recém-criado município de São Caetano do Sul. Assim, há 75 anos, mais precisamente no dia 13 de março de 1949, foram realizadas as primeiras eleições municipais. Computando 4.094 votos contra 1.017 de José Luiz Fláquer Netto, Ângelo Raphael Pellegrino foi eleito prefeito. Candidato da coligação autonomista, que reunira diferentes legendas partidárias, sua posse ocorreu em 3 de abril daquele ano de 1949, ocasião em que também foram empossados os 21 vereadores eleitos para a Câmara Municipal. A imagem em destaque mostra o povo em festa na Avenida Conde Francisco Matarazzo após a realização desse primeiro certame eleitoral do município.



1939

## Os 85 anos do Instituto de Ensino Sagrada Família

O Instituto de Ensino Sagrada Família completou, no mês de março, 85 anos. Sua origem remonta a 1939, sendo fruto de um projeto escolar ligado à ordem religiosa dos estigmatinos e idealizado pelo padre Alexandre Grigolli, então pároco da chamada Matriz Nova (na ocasião, era assim que os moradores da cidade se referiam à futura Paróquia Sagrada Família). Sob a direção de Verino Segundo Ferrari, a instituição surge com o nome de Escola Paroquial São José, uma vez que foi criada no mês dedicado ao santo. De acordo com os registros referentes a essa fase inicial da escola, o seu corpo docente era formado pelas professoras Bernadette Pereira Mayer e Santina Leonor Fiorotti, além de Ferrari. Em junho de 1943, a instituição tem seu nome mudado para Escola Paroquial São Caetano e, em 1961, adquire a denominação que mantém até os dias de hoje: Instituto de Ensino Sagrada Família. Em seus 85 anos de atuação, o Sagrada (como é popularmente chamada a escola) contou com a colaboração de inúmeros mestres. Na década de 1950, o número de alunos já era bastante significativo, registrando-se, a partir desse período, a participação marcante da família Voltarelli. Nomes como os de Geny, Eugênio, Rose e Olyntho Voltarelli Filho deixaram seu contributo ao desenvolvimento do colégio. Na imagem destacada, alunos da então Escola Paroquial São Caetano em foto da década de 1940. À direita, o diretor Verino Segundo Ferrari.



2004

## Hospital Municipal Maria Braido: uma trajetória de duas décadas

O Hospital Municipal Maria Braido possui uma trajetória de duas décadas, tendo sido inaugurado em março de 2004, durante o terceiro mandato do prefeito Luiz Olinto Tortorello (2001-2004). Integra, ao lado do Hospital Infantil Márcia Braido e do Hospital Euryclides de Jesus Zerbini, inaugurados, respectivamente, em 1973 e 2012, o Complexo Hospitalar Municipal, que compreende o quadrilátero formado pela Avenida Vital Brasil Filho e pelas ruas São Paulo, Rio de Janeiro e Luiz Louzã. A sua denominação foi instituída pelo decreto nº 8.873, de 18 de março de 2004, em homenagem à antiga primeira-dama de São Caetano do Sul Maria Braido, falecida em dezembro de 2000. A imagem que ilustra este registro é do aspecto original da fachada do hospital, aparecendo, ao lado, o edifício do Hospital Infantil Márcia Braido. Com a construção do Hospital Euryclides de Jesus Zerbini, o Complexo Hospitalar Municipal ganhou nova configuração no prolongamento do prédio que abriga o Hospital Maria Braido.



1954

## Biblioteca Municipal Paul Harris: 70 anos de atividades

Em 2024, a Biblioteca Municipal Paul Harris chega aos seus 70 anos de atividades em São Caetano do Sul. Criada pela lei nº 381, de 20 de novembro de 1953, foi oficialmente inaugurada no dia 22 de julho de 1954, embora já estivesse com o seu expediente ativo desde março de tal ano. A escolha do nome de seu patrono, idealizador do Rotary Club Internacional, foi uma homenagem da municipalidade ao Rotary local pelos esforços empreendidos em prol da criação de uma biblioteca na cidade por ocasião de uma ampla campanha de arrecadação de livros promovida pela entidade. Já em seu primeiro ano de funcionamento, a Biblioteca Paul Harris apresentou o seguinte movimento: 1.042 consulentes, 4.000 empréstimos de livros e 11.527 visitas. Nessa fase inicial, o seu acervo bibliográfico era de 2.600 exemplares. Ao longo de sua trajetória, a instituição esteve em vários endereços. Sua primeira sede foi instalada em uma sala situada no terceiro andar do Edifício Vitória, na esquina das ruas Baraldi e Santo Antônio. Posteriormente, mudou-se para as dependências do Teatro Municipal Santos Dumont (Avenida Goiás, nº 1.111). Na sequência, estabeleceu-se no Edifício Del Rey (Rua Baraldi, nº 1.005) e, em setembro de 1983, passou a ocupar prédio próprio no Terminal Rodoviário Nicolau Delic. Em 1992, a instituição transferiu-se para um novo espaço, localizado na Avenida Goiás, nº 600, vindo a ocupar parte das instalações do edifício que abrigara, entre 1961 e aquele ano de 1992, o Paço Municipal. Dez anos depois, sediou-se no prédio onde hoje se encontra a Secretaria Municipal de Cultura e a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, na Avenida Dr. Augusto de Toledo, nº 255, e, atualmente, encontra-se no edifício da Secretaria Municipal de Educação, na Avenida Goiás, nº 950. Para marcar as suas sete décadas de atuação na cidade, apresentamos a imagem em que aparece José Pereira Martins, o primeiro encarregado da instituição. Nos dias atuais, o seu comando está sob a responsabilidade de Ana Maria Guimarães Rocha, cuja trajetória junto à Biblioteca Municipal Paul Harris teve início em 2 de janeiro de 1981, no cargo de escriturária.



## Os 70 anos da inauguração do Viaduto dos Autonomistas

Entre o final da década de 1940 e o início dos anos de 1950, o aumento do tráfego na região central de São Caetano do Sul trouxe à tona o problema relativo à ligação do Bairro da Fundação com aquela região da cidade. Dificultada sobretudo pela lentidão do funcionamento das já obsoletas porteiras que controlavam o fluxo de trens, pedestres e veículos nas imediações da estrada de ferro, a conexão entre ambas as áreas tornou-se causa de alguns transtornos. Com o objetivo de saná-los, a municipalidade, durante o primeiro mandato do prefeito Anacleto Campanella (1953-1957), promoveu a construção do Viaduto dos Autonomistas, um marco do cenário urbano local que foi transformado, na ocasião, em símbolo do progresso sul-são-caetanense. Em 2024, a sua inauguração completa 70 anos. Marcada por um evento solene e pomposo, ao qual estiveram presentes autoridades políticas, como o então governador de São Paulo, Lucas Nogueira Garcez, e uma grande massa de populares, a inauguração do Viaduto dos Autonomistas, no dia 28 de julho de 1954, teve lugar na programação dos festejos do 77º aniversário da cidade. A foto que apresentamos constitui registro de um dos momentos desse evento de inauguração.



1959

## Os Patrulheiros Mirins de São Caetano do Sul completam 65 anos

Os Patrulheiros Mirins de São Caetano do Sul completam, neste ano de 2024, 65 anos. A instituição surgiu em 3 de junho de 1959 com a denominação de Guarda Infanto-Juvenil de São Caetano do Sul. A ideia de reunir crianças e adolescentes de poucos recursos em um projeto que pudesse tirá-los das ruas, orientando-os e ocupando-os, foi do capitão Juventino Borges, que, na ocasião, comandava a 2ª Companhia do 10º Batalhão da Força Pública do Estado de São Paulo. As atividades iniciais foram realizadas na própria sede da 2ª Companhia da Força Pública em São Caetano, localizada na esquina das ruas Rio Grande do Sul e Baraldí. Em 1964, a então Guarda Infanto-Juvenil foi transferida para outro local. Sob a responsabilidade do soldado Arnaldo Faustino da Luz, designado instrutor do grupo de 150 menores que estavam aos cuidados da instituição, fora iniciada a montagem da sua fanfara, que, posteriormente, ganhou destaque, vindo a abrilhantar diversos eventos e comemorações na cidade. No início da década de 1970, a Guarda Infanto-Juvenil passou a chamar-se Patrulheiros Mirins de São Caetano do Sul. Após ter se instalado em endereços diferentes desde a sua criação, a entidade encontra-se atualmente na Rua Cavalheiro Ernesto Giuliano, nº 450. Com o mesmo espírito e finalidade que vêm pautando a sua atuação há 65 anos, os Patrulheiros Mirins comandam adolescentes de 12 a 17 anos, fornecendo-lhes condição para a descoberta e o desenvolvimento de habilidades e capacitando-os para o mercado de trabalho. A foto contemplada é da década de 1980 e mostra um pequeno grupo de integrantes que estava sob orientação da instituição na época.



## **Escola Municipal de Educação Infantil (Emei) Emílio Carlos: 60 anos**

A Emei Emílio Carlos, localizada na Rua Gonzaga, nº 241, foi inaugurada no dia 4 de abril de 1964, durante o segundo mandato do prefeito Anacleto Campanella (1961-1965). Antes de sua transformação em escola municipal de educação infantil, a instituição funcionou como parque infantil, orientação que tinha na promoção da recreação o seu cerne. Por força do decreto municipal nº 4.470, de 9 de dezembro de 1977, foi designada como escola padrão de ensino pré-escolar no processo de conversão dos antigos parques infantis em escolas municipais de educação infantil. Entre as suas professoras pioneiras, destacam-se Eva Mansuette, Lavinia Conrado Weisman, Maria de Lourdes Valine, Marilena Piotto Monteiro, Neusa Ivete Geromel e Waldir Borges de Salles. Nesta foto dos anos 1980, aparece o prédio da escola em uma de suas diferentes configurações, apresentadas ao longo destas seis décadas.

# Estrada do Curandeiro: mudança de nome e apagamento de memória

Virgílio Antiqueira

JÁ FAZ QUASE 100 ANOS que Vicente Rodrigues Vieira, o curandeiro, o São Vicente, faleceu em São Caetano do Sul. Era o dia 9 de março de 1925 e, por mais que ainda haja, no cemitério do Bairro Santa Paula, para os saudosos Vila Paula, o jazigo do curandeiro<sup>1</sup>, muito visitado no passado, na memória dos mais jovens, pouco ou nada sobra acerca de uma figura tão importante para a cidade do início do século 20.

Voltando aos tempos de Vieira, convém a reflexão da analogia entre amnésia topográfica e amnésia toponímica<sup>2</sup>. A primeira está relacionada ao distúrbio de orientação; a segunda, à substituição do topônimo<sup>3</sup>. Nessa perspectiva, ao observamos os inúmeros registros da época, temos claro que era extremamente importante o referencial para a chegada ao local em que ficava a casa de Vieira, local muito procurado por pessoas da cidade e de fora dela, que usavam o trem para a chegada à estação e de lá buscavam o alto do atual Bairro Santa Maria para encontrar o curandeiro.

As orientações para localização no espaço são usadas desde os mais remotos tempos. Por conta disso, a história da



Cartão-postal com imagem do curandeiro Vicente

humanidade está repleta de estudos acerca do assunto e sobre a evolução das formas de nomear. Entretanto, o que sempre foi e sempre será extremamente importante é que, para ir de um ponto a outro, necessitamos de referenciais, seja com um mapa de papel, como era feito outrora, seja, na atualidade, pelos mais modernos aplicativos com *Global Positioning System* (GPS).

No contexto urbano, em especial na hodonímia<sup>4</sup>, em que, por exemplo, ouvimos as mais diversas possibilidades de narração que dão os caminhos: vire à direita na Ave-



Capela que pertenceu ao filho do curandeiro Vicente, Bento Rodrigues Vieira, situada onde hoje é a Praça Francisco Pires, no final da Alameda Cassaquera. A capela existiu até o início dos anos 1970, quando foi demolida pela família. Estima-se que a presente foto seja dos anos 1940, época em que Bento Rodrigues Vieira ainda substituíra o pai (falecido em 9 de março de 1925) na recepção de peregrinos à procura de graças e cura para as suas doenças

nida Goiás, em seguida vire à direita na Avenida Presidente Kennedy e depois vire à direita na Avenida Tijucussu, para quem conhece a cidade de São Caetano do Sul, o caminho é simples, são três avenidas bem conhecidas e bem sinalizadas. No entanto, ao não conhecer a cidade, mesmo sendo um caminho sem muitas dificuldades, há uma tendência a uma atenção maior aos nomes.

E esses nomes, o que representam? Para quem está indo de um local para outro, apenas um referencial espacial? Mas será que nunca se perguntam algo além disso? Nomes como

“Goiás” e “Presidente Kennedy” são de fácil entendimento, possuem um sentido mais transparente<sup>5</sup>, mesmo para quem não é da cidade. O mesmo ocorre com “Tijucussu”? Será que, mesmo sendo da cidade, quem passa pelo local vai além do sentido da representação espacial e consegue ver o nome como um elemento de memória relacionado intimamente à história local?

O elemento aqui exposto do “Tijucussu” tal como lamaçal, que remete ao contexto do terreno encontrado na localidade quando da vinda dos primeiros europeus para o território antes

ocupado pelos indígenas, mesmo com sentido etimológico opaco, ainda aparece e pode recuperar elementos salutarés da história da cidade. E o antigo topônimo Estrada do Curandeiro?

**Bairro Santa Maria** - Os limites do bairro foram definidos conforme o decreto nº 3.064, de 1968. O loteamento começa no cruzamento da faixa da rede elétrica com o Córrego Utinga (que faz divisa com Santo André), sobe por este até a Rua Marina, segue por esta até o cruzamento com a Alameda Conde de Porto Alegre; segue por esta até o cruzamento com

a Alameda São Caetano e o fim da Rua Oriente; segue por esta última até o cruzamento com a faixa da rede elétrica; segue por esta até o cruzamento com o Córrego Utinga.

A configuração acima apresentada é um pouco diferente da configuração do primitivo Santa Maria, do loteamento dos irmãos Pujol<sup>6</sup>, visto que ia até o Córrego do Moinho, local hoje canalizado sobre o qual passa a Avenida Presidente Kennedy.

Considerando os limites do antigo Santa Maria, ou mesmo com o Bairro Saúde, Jardim Cândida, ou até mesmo os vizinhos Barcelona (este em São Caetano) e Campestre e Jardim (em Santo André), é fato que a localidade é bem acidentada e o desenho urbanístico dos irmãos Pujol foi uma ótima solução para esse tipo de terreno.

As alamedas, presentes no bairro e também em seu vizinho de Santo André, bem como os desenhos dos quarteirões, permitem que o local acidentado seja melhor aproveitado para loteamento urbano. O local em que está o bairro hoje era ocupado antes por grandes chácaras. Alguns lotes são da década de 1920 e outros da década de 1940.

Os locais loteados pelos irmãos Pujol eram da seguinte maneira:

Bairros de habitação burguesa – reservados às pequenas propriedades de recreio ou villegiatura – Bairro Jardim, Bairro Campestre

e Bairro Utinga;  
Bairros de habitação proletária – reservados à edificação popular para o operariado da Capital e dos importantíssimos centros industriais de São Bernardo e São Caetano -

Bairro Operário, Bairro de Santa Maria e Bairro da Saúde;

Bairro Industrial – reservado, em longa faixa marginal à São Paulo Railway, para a edificação industrial e comercial de usinas, armazéns, entrepostos, etc., que necessitam de desvios particulares das linhas da Estrada de Ferro<sup>7</sup>.

**Vicente<sup>8</sup> Rodrigues Vieira: o curandeiro** - É inegável na história do Bairro Santa Maria a importância da figura de Vicente Rodrigues Vieira, também conhecido pelas alcunhas de Pai Vicente, São Vicente e o curandeiro Vicente. São muitas as histórias, os relatos, e o cuidado com a história local fez com que houvesse o registro disso em livros e muitos artigos de jornais e revistas<sup>9</sup>, mas atualmente isso tem se perdido. Pouco se escreve nos dias de hoje sobre a figura de Vicente Rodrigues.

O olhar para as injustiças toponímicas busca uma discussão sobre o tema, relacionando a não homenagem com a possibilidade de apagamento da memória histórica de um homem tão ilustre.

**História de Vida** – Vicente Rodrigues Vieira morava em Santo Amaro, cidade de São Paulo, com

a mulher e vários filhos. Era um homem simples, trabalhador da lavoura. Conta-se que, em uma determinada situação, foi procurado por uma mulher que sofria de uma doença e, após conversar com ela, pede que volte para casa e, passado um tempo, a mulher fica curada. Em agradecimento, a mulher oferece terras em São Caetano para Vieira, que aceita e, após mudar para o novo endereço, torna-se bastante popular. A popularidade é tão grande que, “muitos anos após a morte de Vicente, seus familiares ainda recebiam cartas de várias partes e, até, de países como a Itália.”<sup>10</sup>

Historiadores, como Ademir Medici, relatam que Vieira era um homem bondoso, misericordioso, que nada cobrava das pessoas, as quais inclusive vinham de longe para atendimento. O curandeiro era muito conhecido mesmo.

A cidade de São Caetano do Sul<sup>11</sup> da época era diferente, um local que, pelo recenseamento nacional de 1920, contava com cerca de cinco mil habitantes. Muitos aspectos caracterizavam a localidade, mas, naquele período, sem dúvidas, o curandeiro Vicente estava hiper-relacionado à cidade.

Um outro aspecto que caracterizava o distrito de São Caetano na década de 20 era a presença do curandeiro Vicente Rodrigues Vieira, o *São Vicente*, que realizava verdadeiros *milagres* com as pessoas



aos 56 anos de idade, o sr. Vicente Rodrigues Vieira.

O enterro realizou-se hoje, às 9 horas, no cemitério de S. Caetano.<sup>16</sup>

A popularidade do curandeiro confirma-se com as notícias de seu falecimento em periódicos até mesmo da cidade de Santos:

Falleceu o curandeiro de S. Caetano

S. Paulo, 10 - Na estação de S. Caetano morreu, hoje, o sr Vicente Rodrigues Vieira, que todos conheciam pela alcunha de “São Vicente”.

“São Vicente”, além de feiticeiro, era um curandeiro muito conhecido em S. Paulo.

Todos os dias a sua residência naquele suburbio, era procurada por pessoas de varias classes sociaes, que iam em busca de remedio para os seus males. Ainda domingo-ultimo a casa do “São Vicente” se encheu. No entanto, elle morreu pobre. O seu enterramento será realizado amanhã, naquela localidade.<sup>17</sup>

Para além de registros da época sobre o falecimento do curandeiro, há, por exemplo, no *Correio Paulistano*, uma publicação de muita aplicada: “O Serviço Sanitário multou em 500\$000 o curandeiro de S. Caetano, no município de S. Bernardo, Vicente Rodrigues Vieira”.<sup>18</sup> Interessante notar que a abrangência de Vicente Rodrigues Vieira extrapola os limites de



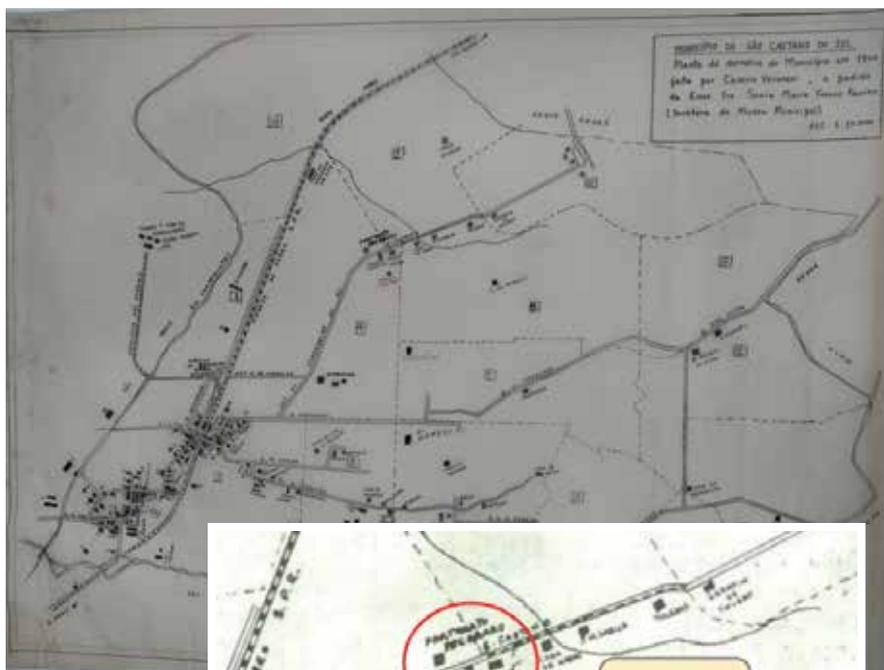
Mapas elaborados pelo autor (a partir do openstreetmap.org)

São Paulo, visto que o periódico *A Noite*, do Rio de Janeiro, coloca-o como “S. Vicente dos namorados multado como charlatão”. Segundo a notícia, procuram pelo curandeiro “até pessoas de alta distinção social”.<sup>19</sup> Embora o objetivo não seja tratar de questões sanitárias e exercício ilegal de medicina, as notícias comprovam que Vieira era realmente conhecido para além do território de São Caetano.

Vicente Rodrigues Vieira está sepultado na quadra 10, jazigo 83, em Vila Pau-

la. Natural de Santo Amaro. Veio para São Caetano entre 1906 e 1909. Recebia em casa romeiros de vários Estados brasileiros e países sul-americanos em busca de cura para suas doenças. Foi o primeiro grande relações públicas de São Caetano. Morreu em 9 de março de 1925. Tinha 52 anos.<sup>20</sup>

**A casa: localização geográfica** – Vicente Rodrigues Vieira, o curandeiro, ou, para muitos, São Vicente, atendia em casa. Era um sítio que, na época, estava em



Mapa elaborado por Casério Veronesi, que remete à cartografia da cidade na década de 1910



Detalhe de mapa de Veronesi onde podemos ver a indicação da dupla nomeação da Estrada do Curandeiro

um local cujo nome era Bairro da Saúde.<sup>21</sup> Atualmente, a localização da casa em que vivia Vieira está onde hoje é o Bairro Santa Maria, muito próximo ao Bairro Barcelona, bem como da divisa com Santo André.

Antes, como mencionado, o local era conhecido como Bairro da Saúde, denominação dos anos 20 do século passado, dada pelos primeiros loteadores, os Pujol, responsáveis por vários loteamentos. No mesmo local, em 1949, também há a nomenclatura de Jardim Cândida.

Em estudos sobre os bairros de São Caetano do Sul, Ademir Medici nos coloca a localização da casa:

O ponto exato da casa em que o curandeiro Vicente atendia localiza-se, hoje, entre a alameda Cassaquera, rua Arary, rua Guarda-Mór Greenhargh<sup>22</sup> e rua Lomas Valentina. Uma área bastante acidentada, verdadeira barroca, tendo ao fundo do vale o córrego Utinga.<sup>23</sup>

O mapa acima tem por objetivo mostrar essa localização, bem como a proximidade do local com a Ala-

meda São Caetano e a Alameda Cassaquera, principalmente com a primeira, anteriormente conhecida como Estrada do Curandeiro.

Após a morte de Vieira, alguns dizem que a capela que havia sido por ele construída fora destruída na década de 1940, mas, na verdade, não havia capela, como a depois construída por Bento, um de seus filhos. O curandeiro atendia em sua própria casa. Seu filho, que continuou com os trabalhos após sua morte, construiu uma capela nas proximidades e da qual há registros em fotos, na praça hoje conhecida como Francisco Pires, três quadras distantes da localização original do sítio de Vieira. Essa capela foi destruída nos anos 70 do século 20. As imagens que ilustram este artigo são da capela construída por Bento, além de mapa mostrando a localização da praça em contraponto com o local em que morava o curandeiro Vicente.

**A Estrada do Curandeiro** - Como em todas as cidades em crescimento, as décadas iniciais do século 20 ofereceram muitos desafios de locomoção. Mesmo com a SPR em São Caetano, isso não foi diferente. Ao chegar à estação, os que desejavam se locomover, por exemplo, até o local onde ficava o curandeiro Vicente poderiam ir de duas formas<sup>24</sup>: caminhando ou com algum transporte.



Foto do bonde que servia São Caetano, em 1925

Os romeiros, ao desembarcarem na estação ferroviária da SPR em São Caetano, caminhavam pela rua do Centro (rua São Caetano, hoje Av. Conde Francisco Matarazzo), entravam no caminho do curandeiro (rua Virgílio de Rezende, atual rua João Pessoa). Trilhavam uns campos com capoeiras altas e cavas fundas que alagavam no período das chuvas. Atravessavam um descampado (rua Luiz Gama), passavam no local em que a General Motors construiu uma fábrica montadora que, atualmente, gera emprego para mais de onze mil pessoas e que, naqueles tempos, era todo lama, brejo e onde os preás, pequenas caças, pássaros diversos

formavam o paraíso dos caçadores e predadores de passarinhos. Os romeiros pulavam mais algumas poucas valetas, e ganhavam a rua da Formicida (Goiás), atingiam a Itamaracá (alameda São Caetano) e, no final da rua Cassaquera, onde atualmente é a Praça Francisco Pires, aí ficava a capela do beato seu Vicente.<sup>25</sup>

O mesmo autor, em outro texto, trata desse caminho ao falar da Taberna do Theresina, conforme segue:

Quem, lá pelos idos dos anos vinte, quisesse se demandar em direção ao lugarejo da saúde, atual região do bairro Santa Maria, a procura da ca-

pela do seu Vicente, teria que, saindo do centro de São Caetano, entrar no caminho do curandeiro, - rua Virgílio de Rezende, atual João Pessoa - trilhar por uma picada de mato rasteiro - rua Luiz Gama até o caminho da Formicida - Goiás atual. No começo da rua Itamaracá - Alameda São Caetano - duzentos metros mais ou menos distante do cemitério construído há quase dez anos passados, encontraria uma rústica e acanhada taberna inteiramente construída de madeira e grosseiramente pintada de verde-musgo. Os frequentadores paus-d'água e os poucos moradores do Morro Pelado chamavam-na de a Taberna do Theresina.<sup>26</sup>

Essa taberna servia de local de parada para alimentação para os “peregrinos” que tinham como destino o local onde o curandeiro atendia aos que a ele buscavam. Quando a opção era o trajeto por trole, Veronesi assim o descreve:

O ponto de troles estava situado na rua Coronel Fernando Prestes (hoje Conselheiro Antonio Prado), ao lado da linha da S.P.R. Eles eram alugados, geralmente, por pessoas que vinham de fora para visitar o Curandeiro, homem tido como milagroso.<sup>27</sup>

O mapa de Veronesi (na página 15) conta com o registro da Estrada do Curandeiro. Esse mapa, se comparado ao atual, obviamente apresentará algumas correções urbanísticas comuns quando da concepção dos loteamentos das cidades, mas uma parte desse caminho primitivo, que levava ao local onde ficava a residência do curandeiro, é, pode-se afirmar, a atual Alameda São Caetano, antes denominada (em determinados trechos) ruas Itamaracá e Japurá (decreto nº 426, de 13 de março de 1954). Essas duas ruas estão no trecho inicial da Alameda São Caetano, antes mesmo de chegar ao cruzamento com a Avenida Presidente Kennedy.

O nome foi de amplo conhecimento na época. O *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, ao tratar de venda de imóvel, assim

o referencia: “Transcrição: - Pedro Oneda - Finucci e sua mulher - Venda - Estrada do Curandeiro, terreno 46x105 - 200\$000.”<sup>28</sup>

O mapa, apesar de ser um registro não oficial, tem elementos externos comprobatórios de sua veracidade. Exemplo disso é a residência de Pedro Oneda, no trecho inicial da atualmente conhecida Alameda São Caetano, antes Estrada do Curandeiro.

**O bondinho** - A importância do local não era pequena, motivo pelo qual criou-se até uma linha de bondes que passava pela localidade. O “bondinho dos Pujol”, que também atendia outras localidades onde a Empresa Imobiliária São Bernardo criou os loteamentos, tem relação com a iniciativa da empresa de levar mais conforto aos locais e, com isso, atrair mais compradores para os loteamentos recém-criados.

A influência dos irmãos Pujol era tanta na região que tinham privilégios de exploração de linhas de transporte. A lei ordinária nº 218, de 1º de outubro de 1921, comprova isso, pois o documento “concede aos Doutores Hyppolito Gustavo Pujol Júnior e Ernesto Pujol privilégio para a exploração dos serviços de uma rede de viação das raias do Município”.

Mesmo com a celebração desse acordo com a prefeitura, a Empresa Imobiliária São Bernardo não durou dez anos, apesar dos 50 anos de licença para

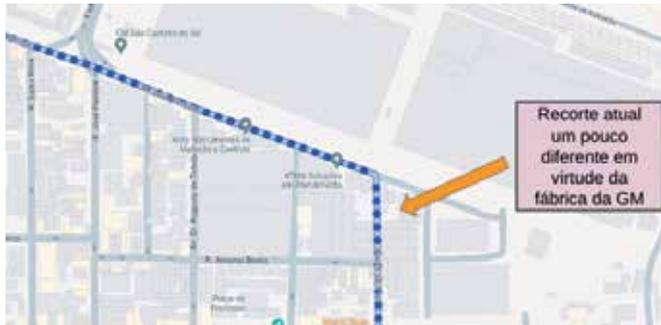
operação dos bondes. Os investimentos não resistiram às intempéries econômicas getulistas.

O nome do bairro chegou a ser Pujol por um determinado tempo. Voltou a ser Santa Maria. Depois dos Pujol, outra empresa exerceu bastante influência. A empresa era comandada pelos Simonsen.

A relação entre a SPR e os bondinhos é interessante. A estrada de ferro movimentava muitas pessoas e materiais, mas, em determinados momentos, trazia para São Caetano os que buscavam conforto espiritual, como Jayme da Costa Patrão coloca a seguir:

SETE HORAS E TRINTA MINUTOS. Trem parado. Alguns homens, mulheres, jovens; outros não tão jovens, velhos e muitas velhas, trôpegos, calados com aspecto enfermiço. Algumas poucas crianças que acompanhavam, andando, outras carregadas pelos adultos, dormiam. Eram os que desciam, neste horário, das segundas classes, às quartas-feiras principalmente, e se encaminhavam em peregrinação para a capela do Curandeiro, seu Vicente; todos em busca de conforto espiritual ou um lenitivo para as suas mazelas ou problemas.<sup>29</sup>

Esse conforto era buscado por meio de uma linha que, na época, fazia o percurso Estação São Caetano-Capela do Vicen-



Reconstrução do percurso, elaborada pelo autor a partir do Google Maps

te. A linha não era exclusiva para ida à capela, bem como não tinha como objetivo inicial ir apenas até lá, mas a importância do local é sim confirmada com a referência espacial como ponto final e viradouro para o retorno à estação. Essa linha de bondes ficou conhecida como “bonde das professorinhas”, em virtude de servir também como locomoção para muitas professoras que usavam o transporte para ir às escolas que ficavam no trajeto que o bonde percorria.

**Reconstrução do percurso** - Muito embora seja difícil precisar o caminho exato da Estrada do Curandeiro, pelos mapas e registros, ao observar o mapa atual, tem-se a seguinte possibilidade, saindo da estação São Caetano com destino ao local onde ficava a casa de Vieira.

**Considerações finais** - Um verdadeiro relações públicas de São Caetano do Sul do início do século 20. É dessa forma que muitos historiadores o colocam. Nos artigos das publicações da história local, há diversos relatos sobre Vicente Rodrigues Vieira, o curandeiro Vicente, São Vicente. Mas, a pouco tempo de se completar o centenário da morte do curandeiro Vicente, o nome continua desaparecido das homenagens póstumas da cidade. São hoje mais de 700 nomes de logradouros públicos, sem contar os demais nomes: escolas, edifícios públicos, etc.

Como aponta Vincenzi, Vieira ajudou a cidade a se tornar conhecida:

Entre os diversos fatores que tornam a cidade conhecida, podemos destacar o curandeiro chamado *Seu Vicente*, ou seja, Vicente Rodrigues Vieira. Habitava, como ainda habitam seus familiares, no Bairro Santa Maria, atrás do Grupo Escolar Rudge Ramos, então chamado *seu Vicente*. As pessoas vindas de todos os rincões do País eram transportadas da estação até o bairro em trolés bem concorridos, depois automóveis e por fim jardineiras. O dinheiro que lá deixavam era trazido a comerciantes que o contavam, descontando suas contas e ajudando com as sobras os pobres, bem como a construção da Igreja Velha.<sup>30</sup>

Em uma verificação para além dos limites do bairro, constata-se que nem mesmo os demais membros da família estão postos em homenagens. Alguma rua com o nome de Vicente? Alguma rua com nome de pessoas da família? Qual o motivo do antigo Bairro da Saúde? Nota-se, também, que nem mesmo há homenagens aos demais nomes dos tidos como fundadores do bairro, das famílias que compraram lotes dos Pujol nos anos 1920.

O topônimo é um verdadeiro marco de memória histórica, um monumento e carrega consigo todos os elementos que vão contar ou recontar, quando já opacos, aspectos extremamente importantes relativos à história de uma determinada localidade. Mas, quando olhamos para a Estrada do Curandeiro, essa memória perdeu-se dos registros toponímicos, embora, como visto, houve uso recorrente como referencial espacial demasiado importante no início do século 20.

Mesmo com a aproximação com a Igreja Católica, muito disso, graças ao padre Luiz Capra<sup>31</sup>, carlista (da obra escalabriniana), amigo muito próximo de Vicente Rodrigues Vieira, a presença do curandeiro na cidade, em especial quando de sua morte, provocou uma celeuma grande com a Igreja, fato que levou a questão adiante e exigiu interferência do Vaticano. De fato, venceu a ala contrária (dos estigmatinos), que estão até hoje na Paróquia São Caetano, e Vicente Rodrigues Vieira nem teve a oportunidade de ter seu corpo velado na igreja, mesmo tendo, em 1913, ajudado o próprio padre Capra com dinheiro para compor o *déficit* entre o valor arrecadado na porta da igreja (3:497\$700) e as despesas (3:837\$700) para as obras.<sup>32</sup> O padre Alexandre Grigolli<sup>33</sup>, figura bem importante e atuante na cidade, era estigmatino, inclusive está entre os primeiros da Congregação Estigmatina que chegaram ao Brasil.

Medici menciona que a notícia está na primeira página do jornal *O Comércio de São Bernardo* (nº 1, de 21 de março de 1925)<sup>34</sup>, e confirma a proibição da entrada do corpo do curandeiro na igreja para ser velado, em virtude da mudança de ordem religiosa. Além

disso, trata dos motivos da mudança, que tem mais relação com a não instalação de escola religiosa na cidade, que os carlistas não tinham como orientação, e que os estigmatinos tinham. O conflito entre carlistas e o arcebispo dom Duarte, que culminou com a chegada do visitador Amleto Cicognani, fez com que, em resumo, tivesse início a escola paroquial e isso levasse o curandeiro a pagar por um conflito que não era dele.

De acordo com João Tarcísio Mariani, em 22 de dezembro de 1923, o padre João Batista Pelanda assumiu, em nome da Congregação dos Padres Estigmatinos, a Paróquia São Caetano. Em 28 de março do ano seguinte, dom Duarte Leopoldo e Silva, arcebispo metropolitano de São Paulo, cria formalmente a Paróquia São Caetano, um ano antes da morte do curandeiro Vicente, mesmo período em que chega a São Caetano o padre Alexandre Grigolli, para auxiliar Pelanda.<sup>35</sup>

Acervo/FPMSCS



Oração a São Vicente impressa por seu filho Bento Rodrigues Vieira e distribuída à população

A proximidade de Capra e Vieira era tanta que o padre assim registra:

Reside em São Caetano, nesta paróquia, um curandeiro muito conhecido em quase todo o Estado de São Paulo e fora. Chama-se Vicente Rodrigues Vieira. Todos os dias há uma verdadeira romaria de doentes e aflitos que vão visitá-lo, esperando receber por intermédio dele a saúde ou outra graça que desejam. É homem religioso e muito bom de coração.

Faz muitas caridades, e ajudou muito as obras da igreja de São Caetano. Não dá algum remédio aos doentes: só com novenas e suas particulares devoções pretende curá-los. Não exige dinheiro: recebe qualquer pequeno donativo que queiram fazer-lhe espontaneamente. Não é feiticeiro, nem se serve do espiritismo. Que será?<sup>36</sup>

Riolando Azzi sintetiza bem a questão apresentada:

Os benzedores, moradores e curandeiros eram figuras típicas do catolicismo luso-brasileiro, onde grande parte dos ministérios eclesiais estavam nas mãos dos leigos. Dentro da mentalidade reformista e romanizadora, os bispos e religiosos, inspirados em Trento, passaram a ver essa atuação leiga como manifestação de superstição e fanatismo religioso.

“Capra é bem mais prudente. Reconhece os valores pessoais de Vicente Rodrigues Vieira e respeita a fé que o povo tem em suas orações. Mantém com ele atitude de diálogo, sem exprimir qualquer forma de condenação.”<sup>37</sup>

A esposa do curandeiro, para se ter uma ideia, pediu para rezar missa de sétimo dia em outra localidade, conforme publicação do *Correio Paulistano*:

A viuva e filhos do falecido Vicente Rodrigues Vieira convidam as pessoas de sua amizade para assistir à missa de 7o dia que, por intenção do mesmo, fazem celebrar no dia 16, às 9 e 30, na matriz do Braz.<sup>38</sup>

A família continuou vivendo na região. Mesmo assim, a missa foi celebrada em outra localidade, fato que comprova ainda mais o conflito entre Igreja e curandeiro. A toponímia crítica, cujo objetivo é analisar o topônimo sob a perspectiva político-ideológica, explicaria a não homenagem. Entretanto, o que de mais salutar precisa ficar é que, em se tratando de topônimo como elemento da memória cultural, a não existência de registro ou não manutenção do nome Estrada do Curandeiro fará com que, ano após ano, a história de Vicente Rodrigues Vieira, a história do curandeiro, fique cada vez mais distante. ■

#### NOTAS

<sup>1</sup> Jazigo 83, quadra 10.

<sup>2</sup> Cf. CARVALINHOS, Patrícia. 2022. *Topônimo monumento, herança imaterial em São Paulo (Brasil)*. Combatendo o apagamento toponímico. *Apropós [Perspektiven auf die Romania]* 8/2022, 14-30. doi: <https://doi.org/10.15460/apropos.8.1928>.

<sup>3</sup> Topônimo é o nome dado aos lugares. Da mesma maneira que São Caetano do Sul é um topônimo, o mesmo pode ser entendido por Estrada do Curandeiro.

<sup>4</sup> Hodonímia refere-se aos estudos de hodônimos, que são os topônimos em um contexto urbano, cujo objeto de análise são os logradouros: ruas, travessas, avenidas, praças, etc.

<sup>5</sup> A transparência aqui é referente ao conhecimento do nome, não ao seu sentido etimológico. No caso de Goiás, a primeira relação feita é ao estado de Goiás e não à etnia indígena que deu origem ao nome. Para quem usa o caminho é essa geralmente a relação feita.

<sup>6</sup> Os irmãos Hypólito Gustavo Pujol (engenheiro) e Ernesto Pujol Júnior (advogado) eram os donos da Empresa Imobiliária São Bernardo.

<sup>7</sup> HOWARD, Ebenezer. *Cidades-jardins de amanhã*. Tradução de Marco Aurélio Lagonegro. Introdução de Dácio Ottoni. Apresentação de Maria Irene Szmrecsanyi. São Paulo: Hucitec, 1996.

<sup>8</sup> Ademir Medici, em seu livro *Migração e urbanização*, escreve dedicatória a Vicente Rodrigues Vieira. Isso é, de verdade, um atestado de que a história deve a ele. Tanto deve que à coluna que Medici escreve para o *Diário do Grande ABC* tem, como protetor, Vicente.

<sup>9</sup> A publicação semestral da revista *Raízes*, da Fundação Pró-Memória da Prefeitura de São Caetano do Sul, já está em seu número 68.

<sup>10</sup> MEDICI, Ademir. *Migração e urbanização*: a presença de São Caetano na região do ABC. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1993, p. 411.

<sup>11</sup> Até a emancipação era apenas São Caetano.

<sup>12</sup> Convém registrar que Vieira é um dos que ajudou financeiramente na aquisição das terras para a construção do cemitério.

<sup>13</sup> CIANELLO, José Roberto. São Caetano, década de 20: o cenário que a General Motors encontrou. *Raízes*, São Caetano do Sul, Edição Especial, p. 5-9, ago. 2000, p. 7.

<sup>14</sup> VERONESI, Casério apud XAVIER, Sônia Maria Franco. São Caetano, nas lembranças de Casério Veronesi. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 2, p. 46-50, dez. 1989, p. 48.

<sup>15</sup> MIAZZI, Ana Molinari apud CARBELOTTI, Oscar. Testemunhas de uma época (depoimento de Ana Molinari e Germano Miazzi). *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 7, p. 50-58, jul. 1992, p. 55.

<sup>16</sup> *A Gazeta*, São Paulo, 10 mar. 1925. Note-se que há informação equivocada divulgada pelo jornal quanto à idade de Vieira.

<sup>17</sup> *A Tribuna*, Santos (SP), edição 343, 11 mar. 1925.

<sup>18</sup> *Correio Paulistano*, São Paulo, 9 out. 1921.

<sup>19</sup> *A Noite*, Rio de Janeiro, edição 03533, 8 out. 1921.

<sup>20</sup> MEDICI, Ademir. Nossos santos, nos cemitérios do Grande ABC. *Diário do Grande*, Santo André, 2 nov. 2009. Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/280031/nossos-santos-cemeterios-do-grande-abc-YCyJwksE2w.facebook>. Acesso em: 2 abr. 2024. Cumpre registrar que Ademir Medici apresenta, na página 414 de *Migração e urbanização*, a lista de filhos de Vieira em 1925. Essa lista é importante porque mostra que um dos filhos, Bento, o mesmo que seguiu com os trabalhos do pai, casou-se com uma filha de um imigrante italiano, da família Ricci.

<sup>21</sup> Especula-se, inclusive, que o nome Saúde tenha relação com o curandeiro Vicente.

<sup>22</sup> Guarda Mór Greenhargh é Guarda Marinha Greenhargh.

<sup>23</sup> MEDICI, Ademir, *Migração e urbanização*, p. 415.

<sup>24</sup> Algumas pessoas vinham pela entrada de São Caetano, via Vila Prudente.

<sup>25</sup> PATRÃO, Jayme da Costa. O bondinho das professoras (crônica de uma época). *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 3, p. 20-22, jul. 1990, p. 21. Cabe aqui uma observação sobre a confusão comum a respeito da localização da casa do curandeiro. Na verdade, na Praça Francisco Pires, ficava a capela de Bento, seu filho.

<sup>26</sup> Idem. A Taberna do Theresina. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 11, p. 39, jul. 1994, p. 39.

<sup>27</sup> VERONESI, Henry. História de vida e história vivida (a casa, a rua e a fábrica). *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 4, p. 24-30, jan. 1991, p. 27.

<sup>28</sup> *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, ano 41, n. 154, 7 jul. 1931.

<sup>29</sup> PATRÃO, Jayme da Costa. O bondinho das professoras (crônica de uma época), p. 20.

<sup>30</sup> VINCENZI, Jordano. Origens históricas da cidade dividem-se em dois períodos distintos. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 19, p. 15-16, jul. 1999, p. 16.

<sup>31</sup> Padre Luiz Capra faleceu em 14 de janeiro de 1920.

<sup>32</sup> AZZI, Riolando. *A Igreja e os migrantes: a fixação da imigração italiana e a implantação da obra escalabriniana no Brasil (1902-1924)*, Volume II. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 82-83.

<sup>33</sup> Tanto padre Luiz Capra quanto padre Alexandre Grigolli dão nome a escolas públicas da cidade.

<sup>34</sup> MEDICI, Ademir, *Migração e urbanização*.

<sup>35</sup> MARIANI, João Tarcísio. História da fé em São Caetano do Sul: Estigmatinos! *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 50, p. 102-106, dez. 2014.

<sup>36</sup> CAPRA, Luiz. In: *Livro de Tombo da Paróquia de Santo André*, 1913, apud AZZI, Riolando, op. cit., p. 83.

<sup>37</sup> AZZI, Riolando, op. cit., p. 83.

<sup>38</sup> *Correio Paulistano*, São Paulo, 13 mar. 1925.

Virgílio Antiqueira

é graduado em Letras pela Fundação Santo André, mestre em Letras, pelo Programa de Linguística (USP), e doutorando em Letras, pelo Programa de Filologia e Língua Portuguesa (USP). Pesquisa relações entre as nomeações dos lugares e fatores históricos, político-ideológicos sob a perspectiva da toponímia crítica.



Foto: Renato Alencar Dotta/Mapaxilico

Renato Alencar Dotta, descendente do curandeiro Vicente, em foto de 17 de abril de 2024

A seguir, apresentamos fragmentos de uma entrevista com Renato Alencar Dotta, descendente de Vicente Rodrigues Vieira. O material integra o conteúdo do projeto *Visões do Tijucussu*, desenvolvido pelo coletivo Mapa Xilográfico, com apoio do Sesc São Caetano, que consiste na produção de uma websérie documental, que abordará as narrativas locais a partir de fontes como pesquisas colaborativas historiográficas de personagens já falecidos (somadas a pesquisas junto a familiares, descendentes e praticantes da cidade) e depoimentos de personalidades da cidade.

O objetivo do projeto é realizar pesquisa documental audiovisual acerca da memória coletiva do município de São Caetano do Sul, especialmente das contribuições das pessoas que significam a diversidade na cidade, seja pela ancestralidade, ou então pelas suas atuações, narrativas e criações, ainda pouco difundidas pela historiografia local. Saiba mais sobre o projeto *Visões do Tijucussu* no Instagram, em @mapaxilo.

“Meu nome é Renato Alencar Dotta. Eu nasci em São Caetano do Sul, mas fui morar em São Paulo com quatro anos de idade, e moro lá desde então. Mas sempre tive uma relação muito forte com o ABC, não tanto com São Caetano, mas com a região, embora tenha parentes aqui (em São Caetano). Eu sou historiador, formado em História pela Universidade de São Paulo, sou doutor em História e atualmente sou professor do Colégio da USCS (*Universidade Municipal de São Caetano do Sul*). Tenho 49 anos e sou descendente do curandeiro Vicente. Localizar a figura do Vicente Rodrigues Vieira na história está sendo, nesse momento da minha vida, uma coisa bastante fascinante para mim.

O meu bisavô Antônio Dotta, na minha linha paterna, se casou com a filha dele (*curandeiro Vicente*), a primeira filha dele, a Guilhermina Rodrigues Vieira, e parece que ele era bem mais velho que ela. Ela, se bem me lembro, nasceu em 1906, e ele era de 1893. Esse meu bisavô era italiano, mas veio criança para o Brasil, e se tornou caixeiro viajante. E, dessa união, eles tiveram três filhos. O mais novo

era o meu avô, pai do meu pai, Paschoal Dotta. Aí que a minha história se liga com a dele, o curandeiro Vicente.

Eu ouço as histórias dele desde criança, meu pai contava, o meu avô, que era neto dele, também. Desde aquela época, eles contavam essas histórias de um curandeiro famoso, que era conhecido, que vinham pessoas de muito longe para procurá-lo. E, quando criança, eu achava tudo aquilo um pouco estranho, no sentido de que não te interessa enquanto você é criança. Como volta e meia você ouve isso, é uma coisa que acaba ficando na sua memória, mas não algo que chama a atenção. E, curiosamente, enquanto eu estava na graduação de História, isso também nunca me chamou a atenção assim, de resgatar essa história.

Depois, você entrando na área de humanidades, você acaba tomando uma atitude cética, (...) mas depois eu fui entendendo. Afinal, o que é que essas pessoas tinham naquela época? Qual era a assistência que essas pessoas tinham? Assistência médica, psicológica? Nenhuma. Zero, né? Na época, no Brasil da Primeira República, era meio que salve-se quem puder. Você não

tinha lei trabalhista, você não tinha assistência de saúde, você não tinha nada disso. Enfim, então eu fui entendendo e fui vendo que, na verdade, me interessava pela figura do Vicente, que é de uma grande riqueza, mesmo na família. Então eu fui me interessando. Mais recentemente, de uns anos para cá.”

\*\*\*\*\*

“Eles diziam que o Vicente era ‘bugre’, aquela pessoa que tem aquela pele mais escura, um descendente de indígenas, dos povos originários. Então, eu acredito que Vicente seja daquelas pessoas que, na época da colônia, os chamados bandeirantes traziam dos sertões para cá. Eu acredito que ele seja descendente desses indígenas que foram arrancados do interior do Brasil (...) trazidos pelos bandeirantes no século 17, 18, para São Paulo, para serem escravizados e que, depois, foram vivendo aqui na cidade e na Grande São Paulo, como pessoas muito pobres, que sobreviviam de bicos, à margem da economia formal.

Vicente nasceu em Santo Amaro, que, na época, era um município independente, e, durante muito tempo, eu não soube por qual motivo ele acabou vindo pra São Caetano. Depois acabei sabendo que ele veio pra cá, porque ele já ajudava as pessoas, adulto, lá em Santo Amaro, e ganha terras na região são-caetanense. Nesse contexto, então, ele

acabou se tornando um são-caetanense numa época em que São Caetano pertencia ao grande município de São Bernardo, que era o atual ABC, o qual, desde 1889, era um município só.

Nasceu na segunda metade do século 19, na época do Império ainda. Eu acredito que teve uma infância muito pobre e que, como essas pessoas sem acesso à educação, era analfabeto, não sabia nem contar, segundo relato do meu pai... E eu imagino que era uma daquelas pessoas que talvez tenham alguma coisa ou uma psique, algum dom, alguma coisa assim. Eu, como sou materialista, eu tenho um pouco de dificuldade (de compreender), mas eu acho que existe alguma coisa assim que certas pessoas têm, algum tipo de intuição. E eu acredito que ele deve ter visto nisso uma espécie de missão. E, ao passo que algumas coisas iam acontecendo na vida dele, algumas pessoas que ele ia ajudando de alguma forma... e isso deve ter se espalhado, como acontece com muitos curandeiros. Acho que, se você pegar a história dos grandes curandeiros brasileiros, Zé Arigó e Chico Xavier, eu acredito que vários deles têm uma trajetória mais ou menos assim. Em geral de famílias humildes, muitos deles sem saber ler e escrever... e isso acaba sendo uma espécie de missão na vida deles. (...) E acho que ele viu como uma missão de ajudar as pessoas e acho que ele ia sobrevivendo com isso.

Como muita gente nos interiores do Brasil, muitos desses curandeiros tinham uma mescla de saberes dos povos originários, indígenas, e da Igreja Católica, que sempre foi muito dominante no país. Então ele, com certeza, deveria se declarar católico. Aliás, ele tinha uma boa relação com, por exemplo, o padre Luiz Capra, que foi um dos principais padres aqui da região na primeira metade do século 20, que tinha um cargo importante na Matriz de Santo André (...). Tinha uma boa relação com ele, mas acredito que nem toda a Igreja Católica devia respeitá-lo, porque a Igreja tem um histórico de combate a essa religiosidade popular, haja vista um caso nem tão popular, mas que também tem uma faceta elitista, que é a figura do padre Cícero, por exemplo. O padre Cícero era um coronel, né? E aí tem toda uma história de milagre em torno da figura dele. E até hoje ele é um santo popular, embora ele não seja reconhecido como santo pela Igreja Católica. Então eu acredito que a relação do Vicente devia ser boa com alguns religiosos e não tão boa quanto com a instituição Igreja Católica em si.

Pela população mais comum, por aquela população totalmente excluída socialmente (não apenas aqui de São Caetano, mas no município de São Bernardo ou nas proximidades de São Paulo), ele passou a ser visto como um santo (...) começaram a ser

atribuídos milagres à figura dele. Mas, recentemente, eu mapeei que isso não era uma unanimidade na sociedade. Por exemplo, eu localizei, em vários jornais de São Paulo da época, várias opiniões contrárias, chamando-o de charlatão. A imprensa da época o combatia muito, pelo menos a imprensa paulistana. Ou seja, ele incomodava aquela elite paulistana, embora, segundo relatos do memorialista Ademir Medici, que apontam que os jornais locais - do município de São Bernardo - o tinham com respeito. Ou seja, a imprensa daqui, talvez até para estar de bem com a população, para ter uma simpatia da população, parece que o via com bons olhos, mas, em São Paulo, que não precisava dessa aprovação e via inclusive essas pessoas como ignorantes, tinha uma posição crítica e até de combate à figura do curandeiro (...). Uma elite que se pretendia ilustrada, esclarecida, europeia, e que via isso tudo como atraso, ignorância, “coisa de índio ou coisa de (ex-)escravo”. Porque todos esses saberes, tanto os dos povos originários quanto de afrodescendentes, viviam ali na figura do Vicente. Bom lembrar, inclusive, que foi uma época em que a Igreja já estava separada do Estado, e que a própria Igreja Católica estava lutando para recuperar espaço (político perdido). Quer dizer, se uma instituição muito poderosa como a Igreja Católica estava lutando

para ter espaços nessa sociedade (...), imagine essas pessoas que não têm poder nenhum numa época racista, ostensivamente racista, como aquela.

Há relatos de que vinham pessoas até do exterior, pessoas para se tratar com ele (...) eram as notícias referentes ao curandeiro, do boca a boca, das pessoas que conseguiam milagres, curas inexplicáveis. E isso ia longe, então dizem que até pessoas de países vizinhos, como Argentina, Bolívia, Paraguai... do interior do Brasil, de Estados vizinhos.

Ouvi vários relatos de que ele fazia benzimentos ou dava bênçãos. Ou então ele simplesmente dizia: ‘Vai pra casa que vai dar tudo certo. Você não tem que fazer nada’. E ele falava assim: ‘Olha, eu sei o seu problema’, às vezes, colocava a mão na testa e ‘vai pra casa que vai tudo se resolver’. Variava muito de pessoa para pessoa. Ele devia ter alguma espécie de *modus operandi* (...) inclusive a Guilhermina, a filha dele, também benzia, assim como o Bento, seu filho, que tentou também seguir essa carreira de curandeiro.”

\*\*\*\*\*

“Vicente foi muito venerado (...) não porque as pessoas eram ignorantes. Ele foi venerado porque ele era uma resposta. A resposta possível para aquela população excluída.”

\*\*\*\*\*

“Tem alguns casos, na minha família mesmo, por exemplo, um dos meus primos. Minha tia Paulina, irmã do meu pai. Minha prima Cristiane pegou meningite quando tinha 4 anos, bem naquela época que teve a epidemia dessa doença, em 1974. Chegou a ficar na UTI. E aí, por conta de uma série de rezas que minha tia fez para o ‘São’ Vicente, minha prima teria se salvado, e chegando até a vida adulta. Daí o nome de meu primo, filho caçula dessa minha tia, ser Marcos Vicente. Mas acabei não me aprofundando muito na história das curas, embora eu tenha sabido de alguns relatos. Houve casos de pessoas que inclusive foram testá-lo, que, de forma cética, iam zombar dele (...) como um grupo de rapazes, jovens e adolescentes, que vieram mentindo pra ele: ‘eu estou com dor de dente’, para ver se ele poderia curar. O Vicente percebeu: ‘já que estão aqui para me zombar, vou fazer o contrário. Você vai ficar com a dor’. Depois que o rapaz começa a sentir fortes dores no dente, ele retorna, pede perdão, e o Vicente tira a dor dele. Esse relato foi transmitido a mim pelo meu pai.

E até hoje, todo dia 2 de novembro, dia de Finados, elas (minhas parentas) vão lá no túmulo dele, no Cemitério Santa Paula, para acender uma vela para ele. Tanto a minha tia quanto a minha prima, essa

que quase morreu. (...) Então, principalmente entre as minhas tias, irmãs do meu pai, eu percebo que há uma espécie de, não apenas respeito, mas um culto muito forte à figura dele.”

\*\*\*\*\*

“Estou me lembrando de uma história de uma mulher: duas amigas, uma delas que entrou em contato com Vicente porque a amiga morreu de forma repentina. E aí ela ficou indignada com aquela morte...Então falaram pra ela que o Vicente poderia... E aí ela teria aparecido em espírito na frente dela. Então parece que algum contato com os mortos buscava, mas o kardecismo, institucionalmente, nunca adotou o curandeiro Vicente como uma figura cultuada.”

\*\*\*\*\*

“Pelo que eu sei, ele era analfabeto. Então não me consta que ele tinha caderno, alguma coisa assim. (...) Ele tinha pessoas que o ajudavam... É possível que esses auxiliares escrevessem, mas é bom lembrar que é uma época em que a grande maioria da população brasileira é analfabeta (...) e existem vários relatos dentro da minha família dizendo que ele era analfabeto, não sabia ler e escrever, e nem contar dinheiro.

Vários municípios tinham, naquela época, uma linha de bonde... aqui, no então muni-

cípio de São Bernardo tinha o chamado bonde do Pujol, nome da família que era proprietária (...) vinha lá da estação São Bernardo, que era a atual estação Santo André, do trem, passava por São Bernardo Vila (que é o centro da atual São Bernardo do Campo) e chegava até São Caetano. E uma dessas paradas, chamada Estação Saúde, era aqui, no atual bairro de Santa Maria, onde o pessoal perguntava: ‘me leva lá no curandeiro?’ (...) havia os coches na estação de São Caetano (...) que falavam: ‘pode deixar que eu te levo até o curandeiro’. Ou as pessoas iam a pé... eram seis quilômetros de distância da estação (...) quem tinha algum recurso, vinha de carroça. Ou esse bonde do Pujol, que não parava exatamente na frente, mas era o mais próximo possível nessa chamada ‘estação Saúde’”.

\*\*\*\*\*

“Tinha uma casa e uma capela e dizem que inclusive tinha todo um comércio em volta, que acabava mobilizando essas pessoas. O que normalmente acontece nesses casos... você acaba aquecendo um comércio na região, principalmente local, para comer, para pousada, hospedagens, casas, quartos de casas que eram alugados para as pessoas dormirem e tudo mais. Então acabava aquecendo a economia local. Havia a casa pessoal dele, uma capela onde muitas vezes

ele atendia, embora também atendesse, às vezes, em sua casa.”

\*\*\*\*\*

“Caio Prado escreveu, na década de 1940, que São Paulo (...) já era a cidade mais rica do Brasil, mas que tinha um subúrbio muito pobre<sup>1</sup>. Esse subúrbio incluía a região do ABC (...) tinha lá os Fláquer, os Cardoso Franco. Você tinha uma elite aqui, obviamente. Agora, a população era muito empobrecida, tanto dos bairros de São Paulo como os da população operária, como um cinturão rural aqui, que também era extremamente pobre. (...) São Caetano rural era uma cidade que não era nem pavimentada. A avenida Goiás era um caminho simples, não tinha nem esse nome.”

\*\*\*\*\*

“Eu queria lembrar aqui que a memória que a cidade tem dele está se apagando. Mas eu lembro que, no começo da década de 1990, eu estive lá na estação ferroviária, naquela parte que é por baixo da estação, ali a subterrânea. Ali fizeram uma série de grafites...um deles era do Vicente. Lembro que o meu avô Paschoal, o neto dele, também chegou a ver esse grafite, e disse isso com orgulho.

Eu acho que o Vicente está mais pra regra do que exceção. Eu acredito que existam mui-

tas histórias de curandeiros que são muito famosos na sua época, mas, para manter essa história lembrada, você tem que ter algum tipo de institucionalidade, algum tipo de memória cultivada. Se não, essa memória morre depois de algum tempo. Então parece que a única coisa que sobrou mesmo foi esse túmulo (no Cemitério Santa Paula). E o túmulo é um retrato, mais fácil de você entender esse processo de apagamento, quer dizer, as pessoas que iam lá prestavam uma homenagem, colocando velas, colocando flores... elas vão morrendo aos poucos, porque, em geral, elas cultuam até o final da vida, mas nem sempre, ou quase nunca, conseguem passar isso aos seus descendentes.

Então, as pessoas que tiveram contato com ele, (...) que talvez tenham adquirido algum respeito, não passem isso para os seus descendentes, e a figura vai se esvaindo e desaparecendo. Se a gente não tiver nenhum tipo de resgate dessa figura, que seja um resgate histórico, não um resgate como uma figura santa, mas como uma figura histórica importante, que foi importante para sua época e para aquela população totalmente excluída, desassistida, que também mostra o que foi aquela população. Só assim a memória dele não vai se perder.

Essa memória de São Caetano, a memória que aqui é construída, oficial, é a memória de uma cidade europeia que foi fundada lá com a chegada dos italianos, dia 28 de julho de 1877, e os afrodescendentes que viveram aqui - e teve escravidão aqui na fazenda dos beneditinos - e os indígenas também foram escravizados - ela é uma memória excluída. Dos últimos anos para cá, por exemplo, o trabalho da Fundação Pró-Memória, que inclui a memória dos italianos, mas ela também inclui a memória de outros povos que formaram a cidade. Então você tem, por exemplo, o trabalho da Cristina Toledo de Carvalho, que resgata a figura dos nordestinos aqui. Isso foi de alguma forma abraçado pela institucionalidade são-caetanense: a Fundação Pró-Memória, que é uma autarquia da prefeitura, (...) eu acredito que, até por conta da mentalidade de hoje, não apenas no Brasil, mas no mundo, acredita na importância de resgatar a memória de outros povos historicamente excluídos, questões das mulheres, dos negros, dos afrodescendentes, dos povos originários. Então eu acredito que, se a gente souber navegar nessa tendência, a gente consegue resgatar a figura do Vicente também.”

\*\*\*\*\*

“Vicente deixa um legado de luta e sobrevivência. Eu acho que ele viveu com os instrumentos que ele tinha à mão. Acredito que uma empatia muito grande pela população pobre da qual ele fazia parte (...). E eu acho que resgatar essa figura do Vicente é resgatar esse histórico de luta da população brasileira, dessa população excluída, historicamente excluída, pobre e marginalizada. Eu vejo a figura do Vicente como uma figura positiva, não me parece uma figura que tenha tentado se aproveitar de alguma forma das pessoas (...). Eu acho que o seu filho Bento também. Ele foi uma pessoa que também tentou lutar com as armas que ele tinha. Eu acredito que é uma figura que a gente tem que localizar no seu tempo, ver o seu contexto e julgá-la dessa forma. É uma pessoa da história de São Caetano - e do ABC - que não pode ser esquecida, seja você simpático a ela ou não.” ■

---

#### NOTAS

<sup>1</sup> PRADO JR., Caio. *A cidade de São Paulo - Geografia e História*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

---

Coletivo Mapa Xilográfico é formado por Diogo Sêrvulo da Cunha Vieira Rios (Diga Rios) e Milene Valentir Ugliara e tem parceria de Diego Cavalcante Urbaneja no projeto *Visões do Tijucussu*.

# Uma joia da arquitetura moderna

▣ André Aparecido Bezerra Chaves

EMBORA HOUVESSEM OCORRIDO experimentações de construção modernista já no último quarto do século 19, é frequente a historiografia da arquitetura mencionar como marco no desenvolvimento da arquitetura moderna a fundação da Bauhaus na cidade de Weimar, em 12 de abril de 1919, pelo arquiteto germânico Walter Gropius (1883 - 1969), como primeira escola de arquitetura e artesanato, conjugada a uma academia de artes, na vanguarda desse design do mundo.

O nome é a união das palavras do idioma alemão *bauen* (para construir) e *haus* (casa). Sua ideia era elaborar casas e edifícios que atendessem às necessidades e desejos de seus

Concha Acústica, obra do arquiteto Bernardo Shomann, premiada no Salão de Belas Artes de São Paulo, em foto da década de 1960

Acervo/FPMSCS



usuários com racionalidade, funcionalidade, simplicidade nas linhas em acordo ou harmonia com a ambiência da natureza local, utilizando os mesmos materiais que já vinham sendo usados nas construções (concreto, tijolos, metais, madeira, entre os principais), mas com design livre e inovador.

Sempre no caminho das inovações, vários arquitetos e urbanistas se destacaram pela originalidade, ousadia e sabedoria, como o francês Charles-Edouard Jeanneret-Gris, vulgo Le Corbusier (1887 – 1965), o estadunidense Frank Lloyd Wright (1867 – 1959) e o ucraniano Gregory Ilych Warchavchik (1896 – 1972). Sua influência na arquitetura mundial se prolongou, sobretudo, até a década de 1970, quando a arquitetura contemporânea de massa procurou atender com maior velocidade à demanda social das grandes metrópoles<sup>1</sup>.

No Brasil, a arquitetura moderna encontrou campo fértil. Surgiram vários nomes que se inspiraram na atitude modernista: Lúcio Costa (1902 – 1998), Oscar Niemeyer (1907 – 2012), Paulo Mendes Rocha (1928 – 2021), Vilanova Artigas (1915 – 1985), Lina Bo Bardi (1914 – 1992). Seus projetos brilhantes agradavam os interesses da população urbana que esperava mudanças nas antigas estruturas arquitetônicas (Colonial, Neo-

clássico, Eclética, Neogótica, Neocolonial, Art Nouveau e Art Déco, até então preponderantes) de ruas estreitas e tortuosas com poucos espaços abertos e verdes, foi o caso de São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e, depois, cidades planejadas como Brasília. Além de ruas e avenidas mais largas, melhor iluminadas, espaços verdes intermitentes, soava agradável a presença de construções que se integravam e se destacavam na paisagem<sup>2</sup>.

O jovem município de São Caetano do Sul (emancipado em 24 de outubro de 1948) também experimentou essa proposta. No primeiro mandato do prefeito Oswaldo Samuel Massei (entre 1957 e 1961), sentindo a empolgação de ter nos limites da cidade a presença de grandes indústrias e comércios, além da importante Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, símbolos do promissor progresso econômico e social, a prefeitura municipal optou por não construir um coreto nos velhos modelos presentes nas cidadelas do interior (que reduziria seu uso à exibição de pequenas bandas ou corais, recitais ou romarias), mas um palco que demonstrasse o interesse pela cultura e modernidade da cidade e oferecesse mais opções de apresentações artísticas (música, teatro, dança, jograis, etc.) ao público em espaço aberto.

Optou-se pela construção

de uma concha acústica. Com a intenção de deixar a cargo da iniciativa privada, venceu a licitação a empresa Búzio Tratamentos Acústicos, cujo departamento de arquitetura se inspirou no modernismo para a criação de uma bela planta, que chegou a receber uma premiação no 25º Salão Paulista de Belas Artes<sup>3</sup>.

Terminada a construção, foi inaugurada em 21 de março de 1961 e incorporou as principais características que definiam uma arquitetura modernista. Agregado à planície do Jardim Público Primeiro de Maio, elevava-se um palco flutuante (as colunas de sustentação não eram laterais, mas se escondiam sob o piso), não alto, alguns degraus do chão ao piso, plano que se abria como se procurasse fazer com que a arte interagisse com a vida cotidiana da população. Era coberto por uma laje triangular branca (cor muito utilizada por esse estilo arquitetônico para expressar neutralidade e luminescência), que lembrava uma folha de papel, e, por ser de concreto e aço, surgia de um ponto de fuga escondido por biombo igualmente sólido, e projetava-se majestosa no ar. A propagação do som e a visibilidade, matematicamente delineadas nas plantas, foram alcançadas com eficiência na edificação, demonstrando a sempre presente tecnologia dessa manifestação arquitetônica.

Duas salas anexas paralelas surgiam atrás da plataforma de apresentações, como se quisessem equilibrar o quadro. Usou-se o mesmo artifício do palco para aparentarem flutuar. Dessa forma, paredes externas de tijolos e os frisos de cimento escondiam o acabamento de grandes janelas e vidros, que conferia grande iluminação natural e poucas divisórias, o que as tornavam mais funcionais para os artistas que as ocupavam; portanto, com menos decoração ou excesso de mobília.

Obra singular, verdadeira joia da arquitetura moderna, somente pode ser compreendida em conjunto, como se as peças que a compunham se conectassem delicadamente: suas linhas retas criavam uma imagem de formas geométricas simples, com impressão de arrojo, limpeza e organização.

Somava-se à presença de vanguarda da Concha Acústica o recém-inaugurado edifício da prefeitura e Câmara Municipal na área livre ao lado (Praça dos Estudantes) e, tempos depois, o obelisco modernista à sua frente.

Enquanto projeto modernista, a essência da Concha Acústica se encerrava na própria totalidade, que poderia ser destruída caso fosse retirada uma de suas partes constitutivas ou se construísse qualquer espaço anexo independente da concepção original.

Malgrado a construção do Teatro Paulo Machado de Car-

valho, espaço fechado com grande capacidade de público, excelente percepção de som e visão de palco, durante ao menos duas décadas, a Concha Acústica serviu para apresentações das mais



Outro ângulo da Concha Acústica, em foto da década de 1960



Maquete da Concha Acústica sendo observada por Hermógenes Walter Braido (centro), vereador João Cambaúva (direita) e secretário da Agricultura de São Paulo, José Bonifácio Nogueira Coutinho. Foto da década de 1960



variadas expressões das artes performáticas, entre dança, música e teatro.

Apesar da belíssima paisagem que conjugava verde e concreto multicolorido nesses dois quarteirões rentes, ainda na década de 1970, a ideia da necessidade de mobilidade urbana através da ampliação das vias rodoviárias tomou conta dos governantes de São Caetano do Sul. Por isso, a fácil aprovação da ampliação de faixas da Avenida Goiás. Imediatamente, o obelisco da Praça dos Estudantes foi demolido, e a parte de trás da concha acústica ficou próxima da nova passagem de carros.

Público participa de evento na Concha Acústica, na década de 1960



Acervo/FPMSCS

Após três anos de obras, a inauguração da nova Avenida Goiás aconteceu em 1976. O grande volume de transeuntes – sejam pedestres, em carros ou em ônibus – observava a Concha Acústica por trás, identificando-a como uma construção inerte, daí chegar a ser relacionada a um “escorregador de elefante”<sup>4</sup>, alusão a obras grandes e desnecessárias ou inúteis (“elefante branco”).

Em algum momento dos anos seguintes, o palco foi reduzido, e as salas anexas desapareceram. A belíssima obra já estava desmantelada, mas o golpe final foi a demolição da laje em 2004. O Jardim Público Primeiro de Maio (em memória do Dia do Trabalhador) foi renomeado Praça Luiz Olinto Tortorello, e foram construídas arcadas sobre colunas em estilo de inspiração clássica e um obelisco rodeado por 15 jardineiras que representam o número de bairros da cidade. Esse conjunto foi demolido e substituído pela remodelação da praça com a construção, em seu espaço, da Escola Municipal de Educação Infantil Cleide Rosa Auricchio, inaugurada em 2021, cuja entrada está voltada para a Rua Jayme da Costa Patrão, mas tem linda fachada para a Avenida Goiás. Já a Praça dos Estudantes ganhou o plenário da Câmara de Vereadores, inaugurado em 16 de agosto de 2009.

Em razão do rápido crescimento populacional, da reduzida

disponibilidade de espaço urbano e da necessidade de ampliar a eficiência no trânsito, tanto humano quanto de mercadorias, as decisões políticas que agiram sobre a remodelação da paisagem urbana em dois espaços abertos (Praça dos Estudantes e Jardim Público Primeiro de Maio) do município de São Caetano do Sul precisaram sacrificar joias da arquitetura moderna (Concha Acústica e Obelisco) diante de uma opinião pública controversa e promoção ideológica de grupos e pessoas.

Não obstante, a memória dessas belíssimas construções em muitos moradores revive seus objetivos originais, mostra que os seres humanos ainda buscam na estética uma maneira de se orgulhar do lugar onde vivem, sentem-se pertencentes de uma vida coletiva feliz, um dos pressupostos da democracia plena. ■

#### NOTAS

<sup>1</sup> BENEVOLO, Leonardo. *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001, 3ª Edição, pp. 440 – 452. GYMPEL, Jam. *História da Arquitetura da Antiguidade aos nossos dias*. Colônia: Editora Könemann, 1996, pp. 81 – 103.

<sup>2</sup> STASCHOWER, Enrique Grunspan; CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *Arquitetura Brasileira*. Londrina: Editora Educacional, 2017, pp. 143 - 212.

<sup>3</sup> CARBELOTTI, Morisa. Nossa Concha Acústica. *Revista Raízes*, São Caetano do Sul, n. 50, pp. 69-70, dez. 2014.

<sup>4</sup> Um escorregador de elefante em São Caetano. *Revista Raízes*, São Caetano do Sul, n. 67, dez. 2023, p. 79.

André Aparecido Bezerra Chaves é natural de São Caetano do Sul. Possui licenciatura, bacharelado, mestrado em História Social e doutorado em História Econômica, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Possui pós-graduação *lato sensu* em Ciências Políticas, Antropologia, Psicologia Social, Sociologia e Filosofia. É membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupando a Cadeira número 06, cujo patrono é Machado de Assis.

# O barro cinzento paulista:

## da Fazenda do Tijucusú ao Núcleo Colonial de São Caetano

 Edileine Carvalho Vieira

Este artigo é parte integrante da minha dissertação de mestrado, intitulada *O barro cinzento paulista. Produção em barro cozido nas olarias do Tijucusú e de Pinheiros. Ordem de São Bento em São Paulo entre os séculos XVI e XIX*. Foi defendida em 2016 no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Universidade de São Paulo (USP).

**FAZENDA DO TIJUCUSÚ** - Nos registros do Mosteiro de São Bento<sup>1</sup>, o nome da fazenda beneditina apresentava a grafia que escolhi para defini-la durante a pesquisa – “Treslado de huã Escritura, que se acha no nosso arquivo de hum capam de terras, que está no Tijucusú com matos virgens, e capoeiras”.

A área da fazenda foi sendo formada através de uma série de doações, compras e posses de sesmarias, o que nem sempre deixa claro se as áreas citadas seriam as mesmas ou apenas terrenos próximos entre si:

1º registro – 24 de fevereiro de 1598 (herança), comprador final Paulo Rodrigues (Roiz’), que paga o valor de 3\$000 réis;

2º registro – 19 de setembro de 1631<sup>2</sup>, uma doação de dois sítios e terras anexas ao Tijucusú, realizada pelo capitão Duarte Machado aos beneditinos;

3º registro – 22 de maio de 1668<sup>3</sup>, capitão Manoel Temudo, no ano de 1663, se apossou de campos na região do Tijucusú, onde fez casas e fazenda, e que, segundo ele, “dos antigos e em-formação q’ delles teve se achou haverá oitenta annos q’ estava devaluto”;

4º registro – 5 de julho de 1671<sup>4</sup>, após a morte do capitão Manoel Temudo, o capitão Fernão Dias Paes arrematou as terras pela quantia de 75\$500 réis e as doou à Ordem Beneditina, através de um acordo firmado entre ele e a Ordem, 21 anos antes.

A posse oficial da doação do capitão Fernão Dias Paes só foi documentada em 1769 e confirmada em 1771<sup>5</sup>, mas as terras foram apropriadas pelos beneditinos antes disso. A capela construída na fazenda em 1717 pelos monges foi dedicada a São Caetano Di Thiene, o santo patrono do pão e do trabalho<sup>6</sup>, nome que mais tarde foi reduzido à capela de São Caetano e posteriormente batizou a cidade.

De acordo com Tavares<sup>7</sup>, os monges mantiveram-se muito mais dentro de suas fazendas do que envolvidos com os aldeamentos. O que indica que as fazendas beneditinas eram uma forma de adequação social e econômica ao novo continente, levando-se em conta que a Ordem Beneditina não estaria inclusa na folha real. Os beneditinos estavam a cargo de sua Congregação, e a dificuldade de correspondência entre Portugal e o Brasil obstaculizava o envio de uma possível ajuda financeira<sup>8</sup>. Para se adequar a essa realidade, segundo Tavares<sup>9</sup>, os monges tornaram-se proprietários de fazendas de gado, de engenho, de olarias, além de se dedicarem à lavoura, condição prioritária para sua sobrevivência.

**As olarias do Tijucusú e sua produção** - Consegui confirmar a existência das olarias da Fazenda do Tijucusú graças aos inventários que foram feitos a pedido do então ministro de Portugal, Marquês de Pombal, para controle das Ordens instaladas em todo o território brasileiro.

De acordo com alguns autores<sup>10</sup>, em 1730, os monges fundaram a primeira olaria na Fazenda do Tijucusú, onde, segundo Taunay<sup>11</sup>, “viviam oito escravos e onze escravas”, passando a fornecer telhas e tijolos para a Vila de Piratininga.

Em outro documento, supostamente de 29 de abril de 1757<sup>12</sup>, o D. Abade José de S. Domingos propõe ao conselho a construção de uma segunda olaria na região do Tijucusú, já que, de acordo com ele, era grande a procura da vila pela cerâmica produzida na primeira olaria. Teria sido, portanto,

nessa segunda olaria que os monges supostamente diversificaram a produção com a inclusão da manufatura de lajotas, ladrilhos, telhões e louças.<sup>13</sup>

Há indícios de que, em 1765<sup>14</sup>, o governador D. Luis Antonio de Souza Botelho Mourão – Morgado de Mateus – enviou amostras das cerâmicas das olarias do Tijucusú para apreciação da corte, em Portugal, com o intuito de fortalecer a indústria oleira da cidade, mas esse pedido foi ignorado. Não consegui encontrar o documento referente a essa ação por parte do governador, mas caso seja verdade, podemos articular vários motivos para a negativa por parte da corte, entre eles, o desinteresse da corte portuguesa pela emancipação financeira da colônia, estando, neste momento, o foco nas expedições em Minas Gerais pelos veios de ouro.

Em um dos inventários, verifiquei que, por volta de 1758<sup>15</sup>, o lucro com a olaria do Tijucusú só era menor do que o lucro com os juros cobrados pelos monges. É interessante conhecer o valor dos diversos itens dessa receita:

Renda da Sachristia -----	266\$580
Alugueis de casas -----	282\$500
Juros -----	810\$520
Renda da olaria de S. Caetano -----	805\$800
Idem da de S. Bernardo -----	79\$040
Fóros -----	51\$955
Renda da officina de ferreiro do mosteiro-----	173\$535
Legumes da fazenda de Paraty -----	3\$700
Couros e carne -----	4\$320

Outro inventário, específico sobre a Fazenda do Tijucusú, de 17 de agosto de 1797<sup>16</sup>, relata:

Esta fazenda cituada no dstricto desta cid<sup>e</sup> em legoa e meia de distancia; acha-se huma fabrica de fazer telhas, e tijolo p<sup>a</sup> a reparação do Mostr<sup>o</sup>., Igreja, e suas cazas; q' vendidas as sobras, rendem huns annos mais e outros menos ----- 220\$000

A ausência de documentos posteriores deixou uma lacuna de cerca de 80 anos, até o início do processo da venda das terras da Fazenda do Tijucusú para o Estado.

**Controle do Estado** - O processo de venda das terras do Tijucusú e adjacências se deu a partir de 1871, quando a Ordem de São Bento decidiu libertar, sem compensação, todos os seus escravos, mais de quatro mil em todo o país, um dia após a assinatura da Lei do Ventre Livre<sup>17</sup>, o que obviamente gerou grandes problemas<sup>18</sup> para uma Ordem que dependia dos produtos fabricados dentro de suas fazendas para sua sobrevivência.

Em 5 de julho de 1877, é lavrada uma certidão de venda das três fazendas situadas na Freguesia de São Bernardo, incluindo a fazenda em questão.<sup>19</sup>

SAIBAM quantos este publico instrumento de escriptura de venda de trez fazendas vi-rem que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oiten, digo, (f.1v) mil oitocentos e setenta e sete, aos cinco de julho, nesta Imperial Cidade, em meo cartorio, perante mim tabellião, compareceram como outorgantes, digo: como partes outorgantes entre si justas e contractadas, a saber: de um lado como vendedor, o actual Dom Abbade do Mosteiro de São

Bento desta cidade, Ex-Geral, Frei Joaquim da Purificação Araujo, representado por seo bastante procurador o Major Hygino José Xavier, conforme a procuração adiante encorporada, na qual lhe são conferidos especiaes poderes para outorgar e assignar nesta escriptura; e d' outro lado. como compradora, a Fazenda Nacional, representada por seo Procurador Fiscal desta Provincia,o Doutor Porfirio Abdagesio Figueira de Aguiar.

Neste documento, há informações generalizadas sobre as condições das três fazendas:

(...) me foi dito e declarado que o Mosteiro de São Bento desta cidade, era senhor e possuidor, a justo titulo e há mais de um século, das terras ou fazendas denominadas de São Bernardo, de Jurubatuba e de São Caetano, situadas na freguezia de São Bernardo, Municipio desta cidade e comarca, constante de mattas, campos e algumas antigas e já arruinadas construcções (...)

O fato é que há uma nota no livro do tombo<sup>20</sup> que afirma que houve, por algum motivo desconhecido, uma cortina de silêncio sobre a Fazenda do Tijucusú anterior a 1877, como se nada antes tivesse sido produzido ali. Também verificamos que na descrição da Fazenda de São

Caetano não consta a existência de nenhuma das duas olarias, e que há uma grande incoerência entre a descrição feita na certidão de venda – “algumas antigas e já arruinadas construcções”<sup>21</sup> – e a de um relatório de 24 de setembro de 1874<sup>22</sup>: “As casas e capela (...) são construídas de taipa e conservam-se boas, salvo pequenos reparos”.

É possível deduzir que a retirada da existência das olarias deste relatório tenha sido parte de uma manobra para diminuir o valor das benfeitorias, especialmente ao verificarmos que as três fazendas foram vendidas por um valor muito menor do que aquele aventado por Nicolau d'Atoghino em seu relatório, onde ele atribui só à Fazenda de São Caetano o valor de Rs.37:000\$000 (trinta e sete contos de réis). Ou seja, o relatório é desconsiderado e as três fazendas são vendidas conjuntamente por 16:000\$000 (dezesseis contos de réis), uma quantia infinitamente menor.

Esctipura de venda que faz o Mosteiro de São Bento desta cidade de trez fazendas que possui na Freguezia de São Bernardo deste município, denominadas, São Caetano, São Bernardo e Jurubatuba, à Fazenda Nacional, pela quantia de deseseis contos de reis – São Paulo, cinco de Julho de mil oitocentos e setenta e sete<sup>23</sup>.

Olaria da família  
Garbelotto em  
foto de 1909

**Núcleo Colonial de São Caetano** - Em 28 de julho de 1877, menos de um mês após a venda, é inaugurado o Núcleo Colonial de São Caetano, e migram para lá dois grupos de italianos vindos de Gênova, um da província de Treviso e outro da província de Mântua.

Em um primeiro momento, o trabalho dentro do Núcleo foi agrícola, mas consta que, logo em seguida, as várzeas compreendidas entre o Rio Tamandateí e o Córrego dos Meninos despertaram o interesse dos colonos pela excelente qualidade do barro.

Mais uma vez, a grande disponibilidade de matéria-prima de qualidade fez surgir, nas antigas terras do Tijucusú, as primeiras olarias independentes assim que a posse dos terrenos passou a ser concedida aos italianos, por volta de 1880. Verifiquei a transferência de posse através de um registro de título de propriedade de 12 de março de 1891, concedido a um colono cujo nome constava da primeira lista dos imigrantes vindos de Treviso. Foi pago pelo lote o valor de 7\$830 réis.

Fazemos saber que, tendo o colono De Nardi Giovanni comprado o lote de terras nº 24 sito em São Caetano designado no mappa do Nucleo Colonial de São Caetano, no



**Em um primeiro momento, o trabalho dentro do Núcleo foi agrícola, mas consta que, logo em seguida, as várzeas compreendidas entre o Rio Tamandateí e o Córrego dos Meninos despertaram o interesse dos colonos pela excelente qualidade do barro.**

verso descripto, contendo a área de 1500 braças quadradas ou 7.260 metros quadrados, à razão de - - - - - por braça quadrada ou por 4,84 metros quadrados, e, achando-se quite com a fazenda pública, fica o mencionado colono De Nardi Giovanni investido do direito de propriedade nas terras compreendidas no mesmo lote.<sup>24</sup>

Não foi possível localizar documentos oficiais sobre a abertura dessas olarias, mas consegui registros fotográficos<sup>25</sup> que ampliaram a verificação de suas espacialidades, a especificidade da mão de obra empregada, do material ali produzido e das prováveis datas de seus funcionamentos. Obtive também fotos dos tijolos produzidos em cada olaria, identificados pelos seus símbolos<sup>26</sup>.



Olaria da família Barile. Foto de 1912

Acervo/FPMSCS



Registro do ano de 1920 da olaria que pertencia a Carmine Perrella

Acervo/FPMSCS



Tijolo com inscrição AF, produzido na olaria de Archinto Ferrari

Os documentos primários anteriores e as fotos das olarias me auxiliaram no sentido de reforçar a tese sobre a dinâmica da indústria oleira em São Paulo através de séculos e a capacidade produtiva da “antiga” Fazenda do Tijucusú.

Em 1905, São Caetano foi elevado a distrito fiscal e, finalmente, algumas décadas depois, ganhou o título de cidade. A indústria oleira permaneceu ativa por muitos anos, trazendo progresso econômico e social, e, mais adiante, aconteceu o desenvolvimento do setor de cerâmica na região. A influência beneditina foi temporariamente esquecida, mas a história do barro e sua importância para a cidade de São Paulo permanecem. ■

#### NOTAS

<sup>1</sup> JOHNSON, Dom Martinho (O. S. B.). Livro do Tombo do Mosteiro de São Bento da cidade de São Paulo, 1977, p. 85.

<sup>2</sup> Idem, p. 91.

<sup>3</sup> Ibid., p. 81 a 84.

<sup>4</sup> Ibid., p. 78 a 80.

<sup>5</sup> Ibid., p. 88 a 90.

<sup>6</sup> <http://caderno-memoria-do-abc-publicacao-mensal-do-grupo-memoria-do-abc-da-faculdade-de-sao-bernardo-do-campo-sp-n-1-julho>.

<sup>7</sup> TAVARES, Cristiane. Os Beneditinos e a sociedade colonial (1580-1611). Curitiba: Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de História, 2004, p. 23.

<sup>8</sup> Idem, p.11.

<sup>9</sup> Ibid., p. 41.

<sup>10</sup> CARVALHO, Cristina Toledo de. A presença dos monges beneditinos na São Paulo colonial (1598-1792). REVELETO-Revista Eletrônica Espaço Teológico, n. 2, 2007; TAUNAY, Affonso de E. História Antiga da Abadia de S. Paulo (1598-1772). São Paulo: Typographia Ideal, 1927; MARTINS, José de Souza. São Caetano do Sul em Quatro Séculos de História. São Caetano do Sul, 1957.

<sup>11</sup> TAUNAY, Affonso de E., op. cit., p. 158.

<sup>12</sup> Id., apud Códice 25 do Mosteiro, p. 170.

<sup>13</sup> CARVALHO, Cristina Toledo de, op. cit.

<sup>14</sup> Id., apud MEDICI, Ademir. Martins na Inglaterra, pensando em São Caetano. Raízes, São Caetano do Sul, n. 10, p. 4-5, jan. 1994.

<sup>15</sup> TAUNAY, Affonso de E., op. cit., p. 162.

<sup>16</sup> Arquivo Público do Estado de São Paulo. Caixa 3 – Ordem 229 – Pasta 3 (1768-1798). Documentos diversos sobre vigários, conventos do incidente ocorrido entre religiosos dos conventos de Santos e Conceição – 54 ofícios.

<sup>17</sup> MARTINS, José de Souza. Diário de uma Terra Lontana: Os “faits divers” na história do Núcleo Colonial de São Caetano. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2015, p. 55.

<sup>18</sup> Id., p. 59. “O abade frei João de São Bento Pereira, escreve o relato de seu Estado ao Capitão reunido na Bahia, casa mãe dos beneditinos: “...declaro a este Congresso Capitular que a libertação dos escravos foi uma verdadeira calamidade para o Mosteiro de São Paulo, e é conveniente e mesmo necessário que seja ele aliado da excessiva custa com que deve concorrer para a Arca da Congregação”.

<sup>19</sup> JOHNSON, Dom Martinho (O. S. B.), op. cit., p. 187.

<sup>20</sup> Ibid., nota de rodapé, p. 296.

<sup>21</sup> Ibid., p. 187.

<sup>22</sup> MARTINS, José de Souza, Diário de uma Terra Lontana, op. cit., p. 57.

<sup>23</sup> JOHNSON, Dom Martinho (O. S. B.), op. cit., p. 190.

<sup>24</sup> Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul – Centro de Documentação Histórica. Caixa 3 – Documento 60.

<sup>25</sup> As fotos que se encontram guardadas no banco de dados fotográficos da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul foram, em sua totalidade, doadas pelos familiares remanescentes dos imigrantes. Grande parte deles ainda moradores da cidade de São Caetano.

<sup>26</sup> Entre os diversos exemplares de tijolos antigos do acervo do Museu Histórico Municipal, foi possível, segundo a Fundação Pró-Memória de São Caetano, identificar algumas marcas, pois as inscrições nesses exemplares quase sempre se referiam às iniciais dos nomes dos chefes da família. Raízes, São Caetano do Sul, n. 24, dez. 2001.

#### Edileine Carvalho Vieira

é mestre em Filosofia na área de Culturas e Identidades Brasileiras pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP), com extensão universitária em Estudos Brasileiros: Projetos e Metodologias de Pesquisa, também pelo IEB/USP e tem especialização em Museologia, História da Arte e Estética pelo Museu de Arte Contemporânea de São Paulo. Atualmente é professora de Artes na Escola Paulistinha de Educação, vinculada à Universidade Federal de São Paulo e pesquisadora do Grupo Acriançar pela UNIFESP/CNPq.

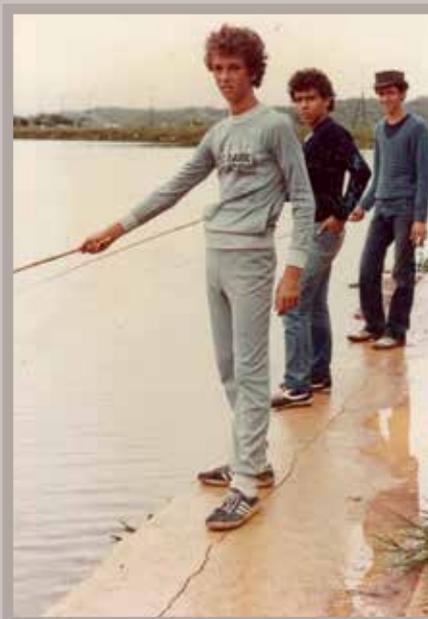
## Acervo Sérgio Miliani



Sérgio Miliani com seus filhos Marcelo Henrique Miliani (à esquerda) e Márcio Roberto Miliani, na Praia Grande, litoral de São Paulo, no início da década de 1970



Paulo Rogério Froner (sobrinho de Miliani), Márcio Roberto Miliani e Marcelo Henrique Miliani posam para foto em cima do veículo da marca Aero Willys, na casa da família localizada na Praia Grande, no início da década de 1970



Márcio Roberto Miliani (filho de Sérgio Miliani) aparece em destaque durante pescaria na Represa Billings, no ano de 1984. Na sequência, aparecem os sobrinhos Agnaldo Miliani e Celso Froner



Edevirges Cândido Miliani e Antonio Benedito Miliani aparecem com os filhos Nilza Miliani (à esquerda) e Aparecido Donizete Miliani, em foto da década de 1960

# Estigmatinos: frutos de 100 por 1!

Este texto foi publicado parcialmente na edição 67 de Raízes (dez. 2023). Apresentamos, neste número, a sua versão na íntegra, com toda a cronologia que abarca a trajetória centenária da Congregação Estigmatina em São Caetano.

 João Tarcísio Mariani

**NO RESUMO HISTÓRICO** a seguir, não há a preocupação de registrar todos os eventos que marcaram a passagem dos estigmatinos em 100 anos de presença em São Caetano. O espaço na revista não permitiria, e o objetivo é destacar algumas das mais importantes realizações neste primeiro centenário de Fé e Vida! Os registros mais antigos foram todos obtidos por meio dos vários livros de tombo das paróquias São Caetano e Sagrada Família.

Era 22 de dezembro de 1923, um sábado à tarde. Chegava ao povoado de São Caetano um

sacerdote italiano chamado Giovanni Battista Pelanda (logo brasileiro para padre João Batista), da Congregação Estigmatina, que foi recebido com muita alegria. Essa alegria se justificava por vários e bons motivos:

1º) Porque a população local há muito tempo clamava pela presença regular de pelo menos um sacerdote;

2º) Porque o padre João Batista vinha de Verona, norte da Itália, região de onde viera a maior parte dos imigrantes que aqui chegaram para ocupar o núcleo colonial em 1877;

3º) Porque São Caetano, se

na época contasse com cinco mil habitantes, 4.999 eram católicos e um era “espírito”, entenda-se, não era espírita; quem não era católico era considerado “espírito de porco”;

4º) Porque, com a vinda permanente de um sacerdote para São Caetano, oferecia-se a oportunidade da criação de sua primeira paróquia, o que efetivamente aconteceu em 1924.

Portanto, os estigmatinos comemoraram 100 anos de presença em São Caetano em 22 de dezembro de 2023! Vamos reviver, em resumo, esse centenário década por década?

**Década 1924–1933** - A primeira década começa, como já dissemos anteriormente, com a chegada do primeiro sacerdote estigmatino a São Caetano, padre João Batista Pelanda, assim narrada por ele próprio:

Em obediência aos meus superiores, aqui cheguei na tarde do sábado, 22 de dezembro de 1923, começando logo o meu ministério pela assistência a um casamento, a isso autorizado por provisão regular do Exmo. Vigário Geral Monsenhor Dr. E. Teixeira.

Em 9 de fevereiro de 1924, chega a São Caetano, para auxiliar o padre Pelanda, o padre Alexandre Grigolli, que era um dos três primeiros estigmatinos que haviam chegado ao Brasil em 1910, e cujas múltiplas aptidões somente podiam torná-lo muito querido por todos. Em 28 de março de 1924, dom Duarte Leopoldo e Silva, arcebispo de São Paulo, cria a Paróquia de São Caetano e nomeia como primeiro vigário o próprio padre João Batista Pelanda. Assim, a partir daquele ano, Pelanda e Grigolli cuidam da estruturação da paróquia, a começar pela catequese das crianças (imaginem: mil garotos matriculados!).

Enorme incremento é dado à Pia União das Filhas de Maria e à Congregação Mariana, movimentos que se tornaram marcantes em São Caetano, pois, além de contribuir para a formação cristã de moços e moças, promoveram um espírito de comunidade tal que os grandes acontecimentos referentes à arte, ao esporte e ao lazer neles encontraram apoio e incentivo.

Após quatro anos de intenso trabalho, padre Pelanda volta definitivamente para a Itália, e vem substituí-lo o segundo vigário, padre José Tondin, que assume no dia 18 de abril de 1929. Na ocasião, São Caetano se apresentava em ritmo acelerado de crescimento, o que faz os padres Tondin e Grigolli sentirem a necessidade urgente da construção de uma igreja maior. Para isso, os padres e o casal Ernesto e Anna Baraldi fizeram um acordo de permuta-doação de um amplo terreno localizado onde hoje está a Matriz Sagrada Família.

Em 1930, foi lançada a pedra fundamental da chamada Matriz Nova. No final de 1931, padre Tondin deixa a paróquia, entrando em seu lugar o terceiro vigário, padre Alexandre Grigolli.

Pintura comemorativa dos 100 anos da presença estigmatina em São Caetano (1924-2024) em uma das laterais do templo da Paróquia Sagrada Família

Foto: Divulgação





Padre Alexandre Grigolli (ao centro, de óculos) acompanhado de integrantes da Congregação Mariana. Foto da década de 1930

Aqui, cabe abrir um parêntese para registrar que esse pároco foi alvo de muitas citações na revista *Raízes*, mas, em especial, vale destacar um artigo publicado em seu número 59, de julho de 2019, nas páginas de 25 a 30, cujo título é: *Sete oferecimentos... Sete instrumentos... Sete sacramentos* e que detalha a história de vida do padre Alexandre Grigolli.

Voltemos a falar da primeira década e da luta com extremo empenho desse sacerdote que foi o responsável pelo início das obras da nova Matriz, as quais, já no Natal de 1933, compreendiam a Capela Mor (terminada), sendo-lhe anexado o barracão que serviu de capela provisória, na

qual foi celebrada a primeira missa por intenção dos benfeitores.

**Década 1934–1943** - A segunda década chega caracterizando São Caetano como um novo polo industrial, e, para ajudar o padre Grigolli, chega padre Êzio Gislimberti. O fato de a cidade se consolidar como polo industrial acarreta uma série de situações para a vida da paróquia: número crescente de operários (muitos deles sem recursos e despreparados); presença de outras igrejas ou seitas; e surgimento de uma região periférica com gente carente e marginalizada.

Daí o motivo da criação de um movimento como a Liga Jesus Maria e José, voltada para a

assistência às pessoas afastadas da igreja e da sociedade. Daí também a razão da exigência, vinda da autoridade eclesiástica, de consolidar o ensino religioso em todas as escolas.

Em 6 de junho de 1937, foi inaugurada oficialmente a Matriz Nova de São Caetano. Em 1939, os stigmatinos fundaram a Escola Paroquial São José. Mais tarde, ela recebeu o nome de Escola Paroquial São Caetano e, depois, a denominação de Instituto de Ensino Sagrada Família, que perdura até hoje.

Foram programadas algumas missões populares, nas quais um grande grupo de sacerdotes missionários movimentava a cidade toda, despertando a população

para o valor das celebrações e da religiosidade.

Como fecho desse quadro, em 1940, a paróquia foi desmembrada a partir da criação das paróquias de Vila Prudente, Vila Zelina, Moinho Velho, Santa Terezinha e Utinga - desmembramento esse que facilitou um melhor atendimento aos paroquianos da Matriz Velha e da Matriz Nova.

Em 1943, ampliou-se a Capela da Candelária, que os padres estigmatinos continuaram assistindo. Finalmente, é importante registrar o início das pinturas belíssimas da Matriz Nova, realizadas pelos irmãos e artistas italianos Pietro e Ulderico Gentili, as quais, até hoje, são referências marcantes de catequese e arte.

**Década 1944–1953** - A terceira década registra a volta definitiva do padre Alexandre Grigolli para a Itália, em 1946, após 22 anos de marcante trabalho em São Caetano. Assume o quarto vigário, padre Ézio Gislimberti. Também ele se desdobrou para dar continuidade às obras e ao andamento da paróquia, a qual, em 1949, comemorou seu Jubileu de Prata, com várias solenidades e inaugurações. Foram criadas: a Cruzada do Rosário, a Confederação das Famílias Cristãs e a Campanha de Assistência à Missa, todas com a finalidade de santificar a família e o povo.

Em 6 de junho de 1937, foi inaugurada oficialmente a Matriz Nova de São Caetano. Em 1939, os estigmatinos fundaram a Escola Paroquial São José. Mais tarde, ela recebeu o nome de Escola Paroquial São Caetano e, depois, a denominação de Instituto de Ensino Sagrada Família, que perdura até hoje.

Lançada a pedra fundamental do salão e do Cine Teatro Paroquial, com o nome de Padre Alexandre Grigolli. Em 1951, cantou, na Matriz Nova, o tenor italiano Beniamino Gigli, um dos mais famosos cantores líricos da época e que reuniu uma multidão dentro e fora da igreja.

Foi fundada a Banda Paroquial Santa Cecília, sob a direção do maestro Ferri. O Movimento da Cruzada Eucarística (adolescentes) e o Grupo dos Coroinhas começaram a dar seus primeiros frutos e tornaram-se um celeiro de futuros sacerdotes, religiosos e religiosas. Finalmente, em 1953, a Matriz Velha, a Candelária e a Vila Barcelona se desmembraram da Matriz Nova, tornando-se novas paróquias.

Padre Ézio Gislimberti registrou a seguinte observação a respeito dessas transformações: “Assim, depois de 30 anos de trabalho (1924-1953), ficaram os padres Estigmatinos com a Paróquia reduzida ao Centro de S. Caetano”.

**Década 1954–1963** - A quarta década começou com uma celebração que, pela primeira vez, acontecia e iria continuar dali em diante, a Missa da Festa dos Santos Esposos Nossa Senhora e São José (23 de janeiro), a festa, também patronal, da Congrega-



ção Estigmatina. Foi dada, concomitantemente, a bênção dos anéis de noivado. Vale a pena recordar, ainda, nesse período, a construção da nova escola paroquial, que englobou também um gabinete dentário, um ambulatório médico, salas para corte e costura, a sede da Pia União e Mocidade Feminina da Ação Católica, construção essa que viria a ser o Instituto de Ensino Sagrada Família. Acontece, ainda em 1954, a criação da Diocese de Santo André, tendo como primeiro bispo dom Jorge Marcos de Oliveira, o qual, pouco depois de sua posse, determinou que a Matriz Nova passasse a ter como titular a Sagrada Família (final de 1954), alegando não soar bem a existência de duas paróquias com o mesmo titular, ou seja, São Caetano (Matriz Velha) e São Caetano (Matriz Nova).

Fato importante foi a consagração do município de São Caetano do Sul ao Sagrado Coração de Jesus, realizada pelo padre Ézio Gislimberti e pelo prefeito Anacleto Campanella. Contando com a participação de um grupo de radialistas da Rádio São Paulo, foi encenado o drama *Milagres da Fé*, cuja renda foi destinada à Conferência São Vicente de Paulo (vicentinos). Nesta época, foi realizado o primeiro Natal pa-

ra os presos da cadeia local, com distribuição de mantimentos e roupas. Foi realizado um encontro dos operários, a convite do bispo dom Jorge, com a presença do ministro do Trabalho, Franco Montoro, para lançar o Movimento Independente Trabalhista (MIT), visando a um salário-família melhor ajustado à realidade da época. Ao final desta década, foram introduzidas algumas inovações, aprovadas pelo Concílio Vaticano II, como o altar da celebração da missa voltado para o povo e missa em Português.

**Década 1964-1973** - Nesta década, fechou-se um ciclo de vigários com longo tempo de permanência na paróquia. Padre Ézio Gislimberti deixa o cargo, após ter aqui estado seis anos como coadjutor e quase 19 anos como vigário. E, no mesmo dia da saída de padre Ézio, em 14 de fevereiro de 1965, tomou posse o quinto vigário: padre José Lambert.

À luz do Concílio Vaticano II, ele lançou um amplo movimento de evangelização a partir das crianças da catequese e das escolas, desdobrando-o para os jovens em todos os estabelecimentos de ensino e fazendo-o chegar até os adultos

---

Integrantes da Pia  
União das Filhas  
de Maria, da Igreja  
Sagrada Família,  
acompanhadas pelo  
padre Ézio Gislimberti.  
Foto de 1938

---

em suas casas ou na Matriz. Além disso, essa abrangência caracterizou-se por grandes concentrações de povo, como a realizada no Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida, que reuniu cerca de 15 mil fiéis para um momento de testemunho de fé, e outros como os encontros de jovens nas Comunidades de Jovens Cristãos (CJC). Houve a criação de inúmeros círculos matrimoniais para uma reevangelização das famílias.

Apenas um ano após a sua posse, aconteceu a transferência de padre Lambert, chegando, assim, o sexto vigário: padre José Carvalho, que tomou posse no mês de março de 1966 e procurou dar continuidade ao projeto iniciado por seu antecessor. Nesse sentido, sua proposta foi a de orientar um trabalho formativo promovido pela Comunidade de Jovens Cristãos junto aos estudantes dos colégios Nossa Senhora da Glória e Estadual.

Em novembro de 1966, ele foi substituído pelo sétimo vi-

gário: padre Mário Domingos Perin. No início do ano de 1967, padre Perin programou um trabalho pioneiro na paróquia, com a participação dos padres e de algumas equipes de paroquianos: visita às famílias, de casa em casa, para motivá-las a frequentar as missas. E, para que essas missas atraíssem de vez os fiéis, formou uma equipe de liturgia devidamente preparada para tanto. Depois, elaborou uma série de cursos de pastoral, visando fundamentar melhor as atividades dos agentes que coordenavam pastorais e movimentos.

Perin criou algumas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) na tentativa de tornar a evangelização mais concreta, abrangente e próxima do povo. Com a saúde um pouco abalada, retirou-se de São Caetano para tratamento. Chegou, em seu lugar, o oitavo vigário: padre Devanir da Silva. Tomou posse em março de 1970 e logo iniciou algumas reestruturações no recinto e na parte externa da igreja. Pouco depois, ele e a paróquia iriam contar com a presença e a ajuda dos estudantes estigmatinos de Teologia, que aqui fixaram morada.

Com esse apoio, padre Devanir da Silva pôde retomar a realização tanto de encontros de liderança jovem como de encontros vocacionais. Criou-se um grupo de jovens sob o nome de Somos Todos Amigos Lutamos Unidos (Stalu), do qual emergiram candidatos ao sacer-

dócio e à vida religiosa. Deu-se início ao Conselho Regional de Pastoral (CRP) visando melhorar o intercâmbio entre as paróquias da cidade.

**Década 1974-1983** - A década se inicia com o padre Devanir ocupado com a elaboração dos festejos em comemoração do cinquentenário da fundação da paróquia (1924-1974), que culminaram, em junho, com a presença de inúmeros estigmatinos, autoridades religiosas e civis, que vieram agradecer o legado deixado por tais religiosos nesses anos todos.

Padre Devanir mergulhou no projeto de construção da sede social da Sagrada Família, obra que deveria abrigar amplo conjunto de salões e salas, além da nova casa paroquial. Iniciou também o Encontro de Casais com Cristo (ECC), voltado para uma formação cristã mais aprofundada dos casais. Ele participou, em Roma, em 1975, da beatificação do padre Gaspar Bertoni, fundador da Congregação Estigmatina, e aqui celebrou esse evento com solene missa de ação de graças.

Foi realizada uma semana missionária, esclarecendo os fiéis acerca da importância de retomar o trabalho de evangelização na paróquia e na diocese, a qual passou a contar com um novo bispo, dom Cláudio Hummes.

Chegamos ao ano de 1978, quando padre Devanir deixou

a paróquia nas mãos do nono vigário (ou, daqui em diante, pároco): padre Paulo Campo Dall'Orto. Ele se dedicou ao término da sede social e a algumas reformas urgentes na igreja.

A diocese se dispôs a planejar uma ação pastoral conjunta mediante prioridades a serem assumidas e concretizadas por todas as paróquias. Padre Paulo as adotou aqui: Plano de Pastoral, Religiosidade, Instrução Evangélica e Catequética, Família.

No ano seguinte, dom Cláudio fez a visita pastoral à paróquia para constatar se as prioridades do Plano da Diocese estavam caminhando bem por aqui. Ao final dessa visita, deu parecer favorável, agradecendo aos padres estigmatinos e à sua província os bons serviços pastorais prestados à Diocese de Santo André.

A sede social recebeu seu acabamento, apesar do sufoco em termos financeiros, mas compensado pela generosidade dos paroquianos. Os jovens formaram vários movimentos: Coordenação do Curso de Crisma, Despertar e Treinamento de Liderança Cristã (TLC). Muita importância foi dada às Semanas da Bíblia, que aconteciam periodicamente com a ajuda das Irmãs Paulinas, as quais se desdobraram na divulgação da Palavra de Deus em todos os setores da paróquia. Em 1982, a diocese apresentou outro Plano de Pastoral, com as prioridades:

Família, Comunidades Eclesiais de Base, Mundo do Trabalho. Na paróquia, já havia um trabalho concreto quanto à Família e ao Mundo do Trabalho, porém, sendo situada no centro da cidade, com território diminuto e frequência opcional, padre Paulo Dall'Orto optou por criar círculos bíblicos nos prédios de apartamentos, combinando círculos e CEBs. Em 1983, fora organizado o Coral da Matriz (regido pelo maestro Roberto Manzo), que, mais tarde, recebeu o nome de Capella Aurea.

**Década 1984-1993** - Realizavam-se, na paróquia, encontros vocacionais coordenados pela equipe estigmatina responsável por esse setor, e algo bastante original foi feito no encerramento, no qual estiveram presentes todas as mães dos sacerdotes estigmatinos provenientes das respectivas famílias radicadas em São Caetano.

Em 1986, retomou-se a tentativa de criar um Conselho Regional de Pastoral (CRP) capaz de congregar todas as paróquias da cidade, tendo em vista o início do Conselho Paroquial de Pastoral (CPP) em cada uma delas, para melhor viabilizar as prioridades propostas pelo Plano da Diocese.

Durante o ano de 1987, outro fato veio enriquecer a caminhada da paróquia: a presença dos grupos de oração, que davam profundo testemunho de vida

cristã por meio de oração, aconselhamento e reflexão. Padre Paulo, no início de 1988, teve sério problema cardíaco e se submeteu a um longo tratamento. Isso o afastou do cargo, forçando sua substituição pelo décimo pároco: padre José de Sousa Primo. Em 1989, ele associou-se a toda a Congregação Estigmatina, divulgando o Ano Bertoniano em preparação para a canonização do padre Gaspar Bertoni.

Padre Paulo Campo Dall'Orto, já restabelecido, celebrou seu Jubileu de Ouro Sacerdotal em meio a muitas solenidades, inclusive a da outorga do título de Cidadão Sul-são-caetanense. No dia 1º de novembro de 1989, em Roma, ocorreu a canonização do padre Gaspar Bertoni. Lá estavam os padres Primo e Dall'Orto representando a paróquia, e, aqui, realizou-se um tríduo preparatório, ao término do qual, pela primeira vez, o povo pôde invocar: "São Gaspar Bertoni, rogai por nós!".

A diocese constatou o crescimento vertiginoso das seitas e das mudanças no quadro político mundial e brasileiro. Era o primeiro alerta de pluralismo religioso, indiferença frente aos compromissos da fé cristã, permissividade na prática dos critérios de vida e avanço do consumismo, no qual a prioridade é o mercado e não a pessoa humana.

Padre Primo planejou descentralizar o trabalho missionário criando alguns núcleos

A diocese constatou o crescimento vertiginoso das seitas e das mudanças no quadro político mundial e brasileiro. Era o primeiro alerta de pluralismo religioso, indiferença frente aos compromissos da fé cristã, permissividade na prática dos critérios de vida e avanço do consumismo, no qual a prioridade é o mercado e não a pessoa humana.

residenciais, por meio dos quais os agentes de pastoral evangelizavam os paroquianos de porta em porta e os reuniam em missa comunitária no respectivo setor. Outra ação apostólica encontrada foi a presença da Renovação Carismática Católica (RCC), que vinha crescendo e dando mais solidez à vida de oração, à orientação das consciências e ao aprofundamento da Palavra de Deus. Nessa mesma linha, também estava a Legião de Maria realizando trabalho muito profícuo a partir de visitas domiciliares e de evangelização personalizada.

Em 23 de janeiro de 1991, após a missa da Festa dos Esponsais de Maria e José, padre Dall'Orto criou um grupo de colaboradores leigos estigmatinos. Era o primeiro núcleo do Brasil da futura Família Bertoniiana (Faber). Em 1992, estava de volta o padre Ézio Gislimberti, que ainda iria ajudar muito no atendimento paroquial. No final daquele ano, uma notícia triste colheu a paróquia de surpresa: a do falecimento repentino do padre Paulo Campo Dall'Orto.

**Década 1994-2003** - A década começou com a celebração dos 80 anos do padre Ézio Gislimberti, que continuava sendo um esteio na paróquia.

Em maio de 1996, dom Cláudio Hummes foi nomeado arcebispo de Fortaleza (Ceará), após 21 anos de fecundo episcopado, recebendo a diocese um

novo bispo, dom Décio Pereira. As lideranças das pastorais e dos movimentos passaram a se congregar no Conselho Paroquial de Pastoral (CPP), organismo da paróquia, sempre em sintonia com o Plano da Diocese e com o Plano da Província Estigmatina Santa Cruz.

Padre Ézio comemorou os seus 60 anos de profícuo sacerdote. Dom Décio, dando continuidade ao trabalho de evangelização nas cidades, abriu solenemente o Ano Missionário, e padre Primo fez parte da equipe dos missionários que realizou eventos de cunho catequético-evangelizador. Na mesma linha, a paróquia criou a Juventude Estigmatina, que reunia jovens preparados para as missões jovens.

O novo milênio foi saudado festivamente com a entrada do ano 2000, ano em que as liturgias dominicais, sob a coordenação do padre Laudimiro, da província São José, passaram a ser mais bem elaboradas e celebradas, culminando, na Semana Santa, com a montagem de um altar no centro da igreja, visando a uma melhor participação dos fiéis.

No dia 5 de agosto de 2000, padre Ézio Gislimberti foi atropelado por um ônibus, sofreu traumatismo craniano e muitas fraturas. Em 9 de setembro, ele faleceu. Com a autorização do bispo Dom Décio Pereira, seu corpo foi sepultado no altar de São Caetano, aqui

na Matriz Sagrada Família, após a missa exequial concelebrada por dom Décio e grande número de sacerdotes.

No ano de 2001, padre José de Sousa Primo deixou a paróquia, depois de quase 13 anos, e chegou o décimo primeiro pároco: padre José Antônio Mainardi. Ele deu continuidade às linhas pastorais aprovadas pela diocese e, para isso, contou com o apoio e a atuação abnegada de muitos coordenadores que levaram em frente o projeto pastoral de reevangelização e de melhorias na acolhida e no atendimento dos fiéis. Ainda em 2001, a diocese passa a contar com um bispo auxiliar: dom Airton José dos Santos.

O movimento Despertar organizou em São Caetano um retiro para jovens, e tantos eram os interessados que a equipe de coordenação foi obrigada a dividi-los em dois grupos e locais diferentes: autêntico sinal dos tempos!

A Fundação Pró-Memória, em 6 de junho de 2002, após missa em honra de São Caetano, declarou que a Matriz Sagrada Família passaria a ser reconhecida como “Bem cultural de interesse histórico”. Ainda nesse ano, a paróquia, associando-se à Congregação Estigmatina, inaugurou o Ano Bertoniano, no intuito de comemorar, em 2003, os 150 anos de falecimento de seu fundador, São Gaspar Bertoni. Na programação dessa comemoração, constaram: celebrações litúrgicas, encenação da vida do

homenageado e divulgação de sua biografia. Esses eventos contaram com a participação ativa e efetiva da Família Bertoniana (Faber). O ano de 2003 iniciou com a triste notícia do falecimento repentino de dom Décio Pereira, por isso, interinamente, assumiu a diocese dom Airton José dos Santos. Em junho, comemoraram-se os 150 anos do falecimento de São Gaspar Bertoni. Sacerdotes e leigos se deslocaram de São Caetano para a Fazenda Santana, em Corumbataí (São Paulo), onde foi celebrada a solene missa festiva, seguida de confraternização.

A prefeitura de São Caetano aprovou lei que incluiu a Festa da Padroeira Sagrada Família, no mês de outubro, no calendário oficial de datas e eventos do município. No final de 2003, a diocese já contava com um novo bispo: dom Nelson Westrupp, que tomou posse no dia 29 de novembro.

**Década 2004-2013** - Em 2004, foram comemorados os 80 anos da presença dos estigmatinos em São Caetano do Sul. Em 2007, deixa a paróquia o padre José Mainardi, e assume o décimo segundo pároco, padre Jordélio Siles Ledo, que, em seu dinamismo de jovem, veio com o propósito de fazer a Matriz Sagrada Família voltar a ser “nova”, com muita revitalização, mudanças e obras.

A primeira delas foi a Capela do Santíssimo, que passou a ser ponto de referência no templo, em termos de visitação, oração e me-

ditação. Entre as obras de revitalização, destacam-se: Centro Catequético Dom Eugênio Rixen, no terceiro andar da sede social, e o Centro de Espiritualidade São Gaspar Bertoni, no quarto andar.

A partir de 2007, e em todos os anos seguintes, foram realizadas as Semanas Catequéticas, com a presença de palestrantes escolhidos entre os expoentes da animação bíblico-catequética do Brasil. Esses encontros tiveram a coordenação do padre Ledo, sempre auxiliado pelo padre Eduardo Calandro. Ambos também publicaram a série de livros de psicopedagogia catequética, focando a catequese permanente.

A partir de 2012, padre Jordélio Ledo se dedica de corpo e alma a um projeto de fôlego, o Museu Sagrada Família – Catequese e Arte, cuja construção demandou muito empenho, muita criatividade e alguns anos de intenso trabalho.

Em 2013, um evento de projeção internacional marcou a Matriz e a cidade de São Caetano: o Encontro Internacional da Juventude Estigmatina (Eije), que trouxe para a cidade 350 jovens peregrinos, vindos dos quatro cantos do mundo, compartilhando cultura e fé durante uma semana que exigiu mobilização e empenho da comunidade e da municipalidade, o que tornou o encontro marcante e inesquecível.

**Década 2014-2023** - Em 2014, um evento de projeção nacional

marcou a Matriz Sagrada Família, quando membros da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) fizeram da nossa Matriz a sede para o debate dos novos rumos da catequese em nosso país. Esse encontro foi o Seminário Nacional de Iniciação à Vida Cristã, e dele resultou a publicação de material condensando as diretrizes expostas durante o seminário.

Com a renúncia de dom Nelson Westrupp, em 2015, toma posse, em 26 de julho, o novo bispo dom Pedro Carlos Cipollini. Em 2016, foram concluídas as obras do Museu Sagrada Família, e a sua inauguração e bênção aconteceram em 14 de setembro de 2016, após a celebração da missa de Exaltação da Santa Cruz, encerrando as festividades do bicentenário de fundação da Congregação Estigmatina, com a presença do bispo dom Pedro Carlos.

No final de 2016, o padre Jordélio Siles Ledo deixa a Matriz Sagrada Família, após dez anos de intensa dedicação, e, em 2 de janeiro de 2017, assume o décimo terceiro pároco: padre Rogério de Melo. Ele inicia seu trabalho sacerdotal com a programação das comemorações dos 80 anos da inauguração de nossa Matriz, que contou com a celebração da Festa da Padroeira, a edição festiva de uma revista dos 80 anos, a entronização da imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima e a abertura ao público do Museu Sagrada Família – Catequese e Arte, em 16 de junho de 2017.

Em 2018, o padre Rogério de Melo deixou a Matriz, indo exercer o seu ministério em Curitiba (Paraná). Assumiu o décimo quarto pároco: padre Paulo Borges Moraes, que permanece até hoje, cabendo destacar a coincidência de ser o padre Paulinho (como é chamado carinhosamente) natural de São Caetano, e, portanto, ao se completarem 100 anos dos estigmatinos em nossa cidade, nada mais oportuno do que o pároco ser sul-são-caetanense!

### **Queremos destacar na síntese dos 100 anos de presença estigmatina em São Caetano:**

Em primeiro lugar, a fidelidade radical dos estigmatinos ao seu carisma fundamental: Missionários Apostólicos a Serviço dos Bispos, traduzido no trabalho de evangelização qualificada, na preocupação com a juventude e, claro, na disponibilidade ao bispo e ao clero.

Em segundo lugar, a marca registrada ou o rosto característico dos estigmatinos, que aparecem no zelo empreendedor, no abandono total a Cristo, na mobilidade generosa, na criatividade, no acolhimento e na humildade, todas virtudes da espiritualidade de São Gaspar Bertoni.

Por fim, essa data comemorativa é tão especial que faz brotar espontaneamente um profundo sentimento de gratidão bilateral:

Dos estigmatinos para com os fiéis de São Caetano do Sul, pela acolhida, compreensão, incentivo,

colaboração e presença em todos os momentos desta longa e centenária caminhada;

Da cidade para com os estigmatinos, pelos legados por eles aqui semeados:

De fé e vida, ao alimentarem a vida espiritual das famílias;

Cultural, ao preservarem um patrimônio histórico e artístico, além de criarem vínculos afetivos com a cidade, graças às manifestações artísticas por eles realizadas e, recentemente, pela construção do Museu Sagrada Família – Catequese e Arte;

Educacional, ao construírem uma escola à altura de São Caetano, até hoje mantendo sempre elevado padrão de ensino na cidade, o Instituto de Ensino Sagrada Família.

Merece homenagem, pelos 100 anos de Fé e Vida em São Caetano, cada um dos estigmatinos que por aqui passou, está passando e passará, semeando estigmas das virtudes do seu fundador, São Gaspar Bertoni.

As sementes plantadas em São Caetano pelo pioneiro estigmatino a partir de 1923 geraram frutos que se estendem até hoje, no primeiro centenário, portanto, frutos de 100 por 1!

Muitíssimo obrigado e parabéns, estigmatinos! ■

---

João Tarcísio Mariani é membro da diretoria do Museu Sagrada Família – Catequese e Arte e do grupo de Educadores da Fé - monitores do Museu. É também membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul e do Grupo de Amigos do Movimento Auto-nomista (Gama).

# Celafiscs agita São Paulo, Brasil e o mundo há 50 anos

▣ Humberto Domingos Pastore



O dirigente do Tijuca Club, Victor Matsudo, saúda público na festa de entrega da sede própria. Sentados, a partir da esquerda: Argemiro de Barros Araújo, professor Carmelo, Paulo Pimenta, Oswaldo Samuel Massei e Hermógenes Walter Braido. Foto sem data

EXISTEM TRÊS PALAVRAS que já poderiam ser consideradas como sinônimas, ao menos dentro do território conhecido como São Caetano do Sul. Afinal, elas são perfeitamente compreendidas por terem referências bem próximas, e logo todos já sabem do que se trata quando as citamos: Olimpíada do Tijuca, Victor Matsudo e Celafiscs. E convenhamos, até um quarto termo poderia ser facilmente aqui incluído que é *Agita São Paulo*.

Com este preâmbulo damos por iniciado este artigo da revista *Raízes* que homenageia os 50 anos do Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul, o Celafiscs, fundado em 1974, pelos médicos Victor Keihan Rodrigues Matsudo e Ana Maria Tarapanoff, tendo por objetivo desenvolver pesquisas para apurar o perfil de aptidão física e parâmetros de crescimento e desenvolvimento dos escolares de São Caetano do Sul.

Claro está que não se pode começar este trabalho sem citar que, nove anos antes, em 1965, surgiu na cidade o Tijuca Club, uma entidade genuinamente organizada e comandada pela juventude da época, que, entre suas grandes realizações, destacava-se a realização da Olimpíada Colegial que, por anos, sempre no mês de setembro, fazia agitar as escolas da rede de ensino municipal por meio do esporte, da cultura e da saúde. Uma ação que reunia jovens com habilidades físicas e também os que tinham aptidões mentais e sociais, coordenados por jovens idealistas que sonhavam com um mundo melhor!

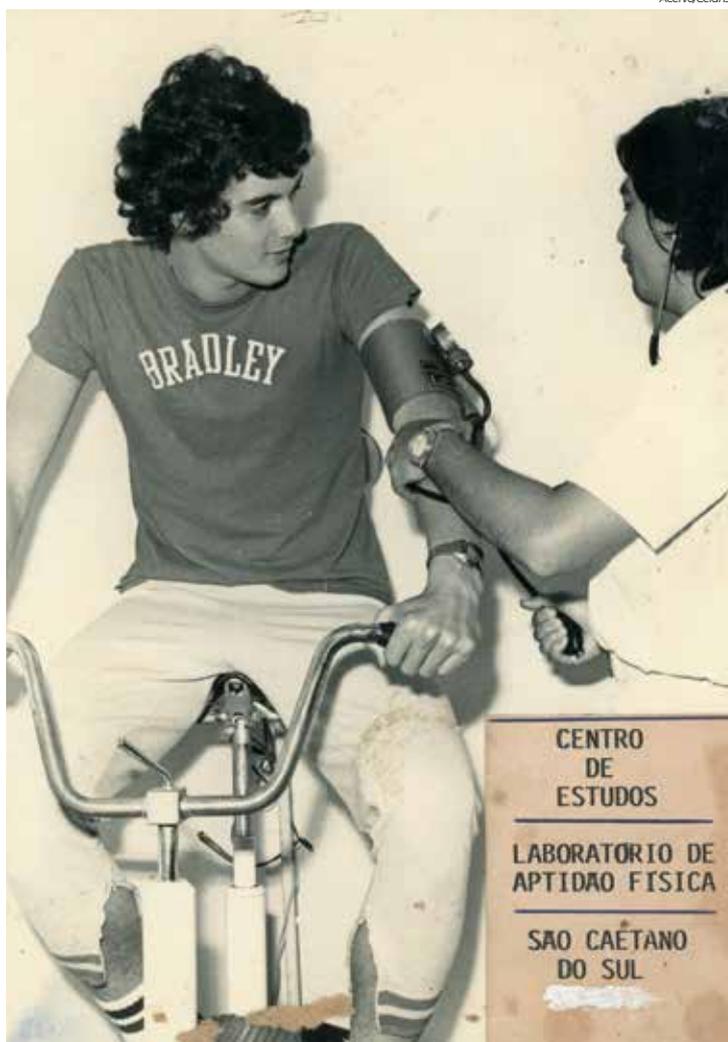
A competição ganhou dimensões gigantescas e fez surgir a preocupação de encontrar pessoas capacitadas para treinar aqueles jovens atletas que emergiam para o cenário esportivo. Infelizmente os profissionais de educação física da época não estavam tão bem qualificados para a missão, e

foi assim que, em 1973, Victor Matsudo viajou para os Estados Unidos, onde, por seis meses, cursou internato em Medicina Esportiva na Universidade de Illinois. Quando retornou, o então presidente da Comissão Municipal de Esportes, João Luiz Paschoal Bonaparte, contou a ele que havia sido criado aquele que seria o maior legado do Tijucussu Clube para a cidade e para a vida do médico: o Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul, na época conhecido como Lafiscs, no qual Matsudo viria ocupar o cargo de coordenador científico.

Victor Matsudo chama a atenção para o fato de que o nome Centro de Estudos só foi incorporado anos depois. O Celafiscs surgiu como laboratório para avaliar o rendimento das crianças nos centros esportivos. “O objetivo era analisar cientificamente o que estava acontecendo com as crianças nas escolinhas de esporte. Não só com as crianças, mas também com aqueles que estavam mais avançados. Eu era o responsável por fazer as avaliações de aptidão física nos escolares, nos adolescentes e nos adultos que estavam praticando esporte de alto rendimento.” Hoje esse trabalho foi ampliado também para avaliar os idosos dos Centros Integrados de Saúde e Educação (Cises).

Ao longo destes 50 anos, a ação do Celafiscs conquistou

Ao longo destes 50 anos, a ação do Celafiscs conquistou inúmeras premiações mundo afora. Uma delas é de 2014, com a conquista do *Citation Award do American College of Sports Medicine, (...)*



Novidade na época, a bicicleta ergométrica começou a ser usada no Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul. Foto da década de 1970

inúmeras premiações mundo afora. Uma delas é de 2014, com a conquista do *Citation Award* do *American College of Sports Medicine*, por Victor Matsudo e sua então esposa, também médica, Sandra Marcela Mahecha Matsudo. Vale citar que o American College é a maior instituição mundial na área da medicina esportiva e faz um congresso anual com mais de oito mil participantes.

Outro grande exemplo da relevância do Celafiscs ainda no tempo da Olimpíada Colegial foi a realização do Simpósio Internacional de Ciências do Esporte, que nasceu da necessidade de se conhecer o rendimento dos estudantes nos centros esportivos. Seu nome inicial era Simpósio dos Esportes Colegiais. Matsudo lembra com carinho que, no primeiro evento dentro da sede do Tiju-cussu Clube (onde hoje está o Teatro Santos Dumont), tinha mais gente na mesa do que assistindo. Anos depois, milhares de inscitos lotam o Centro de Convenções Rebouças, em São Paulo, e disputam a oportunidade de ver os maiores nomes da medicina esportiva mundial, reunidos em um único local.

O grande feito do Celafiscs é o de não parar no tempo, sempre buscando inovações. Foi assim que nasceu, na década de 1990, o *Agita São Paulo*, um programa encomendado pela Secretaria de Estado da Saúde, do governo estadual, que tem por objetivo aumentar o nível de conhecimento sobre os benefícios da atividade física para a saúde das pessoas, além de elevar o nível de atividade da população, fazendo gerar mudanças nas atitudes, como o combate ao sedentarismo. Essa ação deu tão certo que resultou no *Agita Mundo*, que contou com o apoio da Organização das Nações Unidas (ONU).

O sucesso do *Agita São Paulo* pode ser entendido por meio do seu slogan: “30 minutos por dia fazem a diferença”. Matsudo nos lembra que, antes do *Agita São Paulo*, havia a ideia de que só exercício intenso e de maneira contínua surtira efeito. Foi então que, de forma revolucionária, começou-se a preconizar que exercício de forma leve ou moderada, de maneira contínua ou acumulada, durante 30 minutos por dia, já era suficiente para que se alcançasse qualidade de vida. O impacto socioeconômico do *Agita* foi analisado pelo Banco Mundial, que concluiu que o programa vem representando uma economia de 310 milhões de dólares por ano ao setor de saúde do Estado de São Paulo. ■



Demonstração de resultados do Celafiscs em evento da Faculdade de Educação e Cultura do ABC, que tinha sede em São Caetano. Foto de 13 de agosto de 1987



Visita de Adrian Bauman (sentado, ao centro), pesquisador da Universidade de Sidney, na Austrália, nome de peso na luta contra o sedentarismo. Foto de junho de 1999



Registro do Primeiro Curso Internacional Atividade Física & Saúde Pública, do *Agita Mundo*, que aconteceu em Ilhabela, em julho de 2004



A cada evento, o Celafiscs foi conquistando um público maior. Atualmente, ocupam os maiores teatros do Brasil e do mundo. Foto de outubro de 2004

## CELEBRAÇÃO DO JUBILEU DE OURO DO CELAFISCS

O Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul (Celafiscs) realiza o 47º Simpósio Internacional de Ciências do Esporte com o tema Jubileu de Ouro do Celafiscs, entre os dias 10, 11 e 12 de outubro de 2024, de forma presencial, no Centro de Convenções Rebouças, em São Paulo.

O evento marca a celebração dos 50 anos do Celafiscs e contará com a presença dos convidados internacionais I-Min Lee, James Sallis, James Skinner, Stella Volpe e Steven Fleck, além de ex-estagiários do Celafiscs que são personalidades nacionais da área das ciências do esporte e da atividade física. Além disso, acontecerá também a Reunião Anual da Rede de Atividade Física das Américas, a Rafa/Pana.

Haverá, como de costume, a apresentação de trabalhos científicos, para enriquecer ainda mais esse evento que tanto já contribuiu para a formação de jovens e experientes pesquisadores ao longo destas 47 edições, também conhecido como Simpósio Celafiscs - O Natal das Ciências do Esporte no Brasil!



*Agita*, uma “febre boa” que agitou diversas cidades. Na imagem, Matsudo (à direita) em evento realizado na cidade de São Paulo. Foto sem data

Humberto Domingos Pastore é jornalista, teólogo e pós-graduado em Docência em Ensino Superior. É supervisor do Museu Histórico Municipal, da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

# Recanto Educacional Pingo de Gente: uma trajetória de mais de 25 anos

 Suzete Teresinha Moreno



Encarte comemorativo dos 15 anos da escola. Em pé, a partir da esquerda: Lúcia Rolli, Suzete Teresinha Moreno, Flávia Perrella, Ivone Roveri e Laide Possato Roveri. Embaixo, a partir da esquerda: Rita Farrugia, Marlene Mônaco Bailone (de camiseta escura), Ariane Silva e Silvana Farrugia. Foto de 1990

**COMPREI A ESCOLA** Recanto Educacional Pingo de Gente depois de ver um anúncio no jornal *City News*, em 1975. Eu tinha 20 anos na época. Pedi demissão do meu emprego de secretária executiva e com a rescisão adquiri a escola, que pertencia a Mércia De Martini. Na época, o estabelecimento, localizado na Alameda Cassaquera, nº 628, era a segunda instituição particular de educação infantil no município (a primeira foi a Pinóccchio) e contava com 23 alunos.

Após alguns anos em tal endereço, em razão do grande número de matrículas, mudamos para a Rua Alegre, nº 420, contando com um total de 150 alunos. Nesse endereço, ficamos 25 anos, período ao longo do qual a demanda foi de cerca de oito mil alunos. Em 2000, a escola ganhou um novo endereço, situado na Rua Maranhão, nº 1.065, onde permanecemos até 2003, quando encerramos as atividades.

Hoje, após termos trilhado essa caminhada, encontramos homens e mulheres, já com famílias e filhos, que carregam a grande satisfação de ter passado pela escola Pingo de Gente. Muitos desses antigos alunos são atualmente veterinários, advogados, dentistas, entre muitos outros profissionais que enchem de orgulho a nossa cidade.

Durante todos esses anos de atuação, pudemos incentivar e desenvolver cada criança, extraindo o seu melhor, moldando seu caráter e preparando-a para a vida adulta. Iniciamos o projeto de inclusão educacional há 40 anos, criando oportunidades de abraçar essa causa, que, na época, era vista como um tabu. Com muito amor e dedicação e uma equipe apaixonada pela área educacional, conseguimos percorrer o caminho da inclusão de forma acolhedora e eficaz, constatando o que Henri Amiel, filósofo e poeta suíço, afirmou: “Ensinar a estabelecer relações é a grande arte do ensino”. ■



Fachada da escola, quando o estabelecimento funcionava na Alameda Cassaquera, nº 628, o seu primeiro endereço



Casa onde a Pingo de Gente funcionou durante 25 anos, situada na Rua Alegre, nº 420



Alunos da escola durante desfile cívico na década de 1990

Lembro-me da tia Suzete colocando a minha bicicleta vermelha no fusca e irmos para a escola. Também me recordo do dia em que os alunos puderam ir fantasiados e eu fui de homem-aranha. As brincadeiras, como ‘troca anel’ e ‘escravos de Jó’, aconteciam no quintal, que ficava antes do tanque de areia.

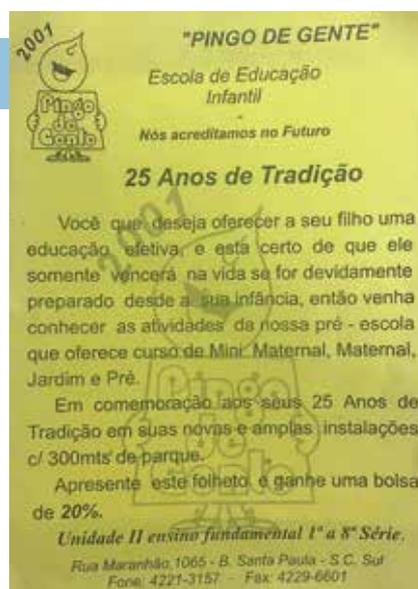
**Wellington Cassiolato  
Vicente, 44 anos**

Brincadeiras no tanque de areia e com os pneus, as festas de fim de ano, como a festa em que teve a apresentação da dança Charleston e a de samba, estas são as minhas lembranças da escola. Lembro-me também dos amigos que fiz, entre eles Leonardo, Wellington, Larissa, Débora e Lucas.

**Alexandre Paraiso Cari, 44 anos, aluno  
dos 2 aos 6 anos, entre 1982 e 1986**

As minhas lembranças são das brincadeiras com os pneus no pátio da escola e no tanque de areia, das aulas de artes, das festas com danças, dos passeios de Kombi, das professoras e dos amigos Alexandre, Danilo, Luís Roberto, Wellington, Larissa, Débora e Juliana. Fui aluno da escola de 1982 a 1986.

**Leonardo Cocca Parente, 44 anos,  
funcionário da Secretaria de Mobilidade  
Urbana (Semob) de São Caetano**



Acervo/Suzete Teresinha Moreno

Panfleto de divulgação da escola. No material, consta informação referente à sua unidade II, voltada ao ensino fundamental. Tal unidade foi fruto da parceria firmada em 1992 com Oswaldo Assalín, proprietário do Colégio Magister (hoje, extinto), em cujo prédio, situado na Avenida Conselheiro Antônio Prado, nº 390, instalou-se em período integral



Acervo/Alexandre Paraiso Cari

Os amigos Alexandre Paraiso Cari (à esquerda) e Leonardo Cocca Parente com os seus filhos, em foto de dezembro de 2022. A amizade de ambos teve início no Recanto Educacional Pingo de Gente

Suzete Teresinha Moreno é bacharel em Pedagogia com especialização em Gestão Escolar e Educação Infantil, Psicopedagogia, Dislexia e TDAH, e em Neurodificuldades. Foi diretora das Escolas Municipais de Ensino Fundamental Laura Lopes e Dom Benedito Paulo Alves de Souza, e diretora pedagógica da Fundação das Artes de São Caetano do Sul. Atualmente é assessora de Formação Educacional Profissional na EMEF Arquiteto Oscar Niemeyer.

# A tatuagem está gravada na história de São Caetano do Sul

☰ Marcos Eduardo Massolini

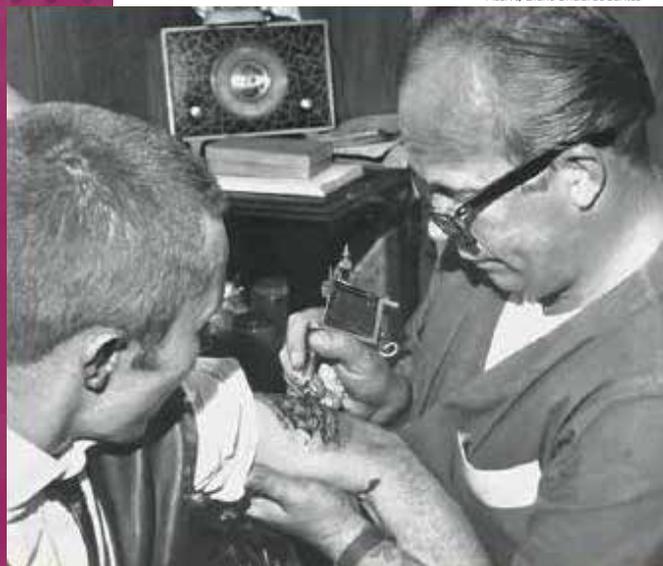


Foto que ilustra a matéria sobre o tatuador dinamarquês Lucky, publicada em 5 de fevereiro de 2016 no caderno Especial do *Diário Oficial de Santos*. Ele chegou ao cais santista em 20 de julho de 1959, firmando-se como o pioneiro da arte da tatuagem no Brasil

**Primórdios** - A tatuagem se apresenta na história da humanidade há séculos. Desde tempos imemoriais, tribos das ilhas dos mares do Sul e arborícolas e indígenas de todos os cantos do globo já utilizavam a pintura na pele para rituais religiosos, festivais ou de guerra. Há sinais da arte corporal no Antigo Egito, assim como, séculos depois, nos guerreiros samurais e nas frotas vikings. O capitão James Cook (1728-1779), ao fazer os relatos de viagem de suas expedições científicas da Royal Society de Londres pelo Oceano Pacífico, nas ilhas da Polinésia Francesa, trouxe para o ocidente os pri-

meiros registros documentais sobre a prática. Em suas memórias, Cook utilizou pela primeira vez a palavra “tatau”, onomatopeia que remete ao barulho que as batidas dos tatuadores provocavam na pele dos que estavam sendo tatuados. O termo, anos depois, originou a palavra *tattoo*, em inglês.

A arte de tatuar a pele começava a se difundir ao redor do mundo, mas demorou séculos para se livrar das sombras da marginalidade. O universo da tatuagem era restrito a marinheiros, profissionais das áreas portuárias como estivadores e prostitutas, ciganos, artistas de

circos, militares (principalmente em combate), alguns círculos religiosos e presidiários. Em 1891, com a primeira máquina elétrica sendo patenteada pelo norte-americano Samuel O'Reilly (1854-1909), teve início uma lenta, mas contínua, transformação da tatuagem em um genuíno gênero artístico, além de propiciar, ainda que de modo arcaico, a profissionalização da prática.

A máquina permaneceu restrita a poucos grupos, e a improvisação dava brecha para que as cores viessem de pigmentos variados e de procedência duvidosa: anil, fuligem de cigarros, graxa, anilina, carvão vegetal,

Lucky em seu estúdio na região do porto de Santos



combustão de querosene e até a tinta orgânica expelida pelos polvos e lulas, que por muito tempo foi usada também para a composição do milenar nanquim. Na falta de máquina, utilizavam-se agulhas das mais variadas, espinhos, facas e até cacos de vidro.

**No Brasil** - Embora houvesse registros de várias tribos indígenas que se tatuavam antes

da chegada dos colonizadores (principalmente com o urucum), a prática de gravar imagens na pele de uma forma mais duradoura só foi inaugurada oficialmente no Brasil com a chegada do dinamarquês Knud Harald Likke Gregersen, o Lucky, aos cais de Santos, em 20 de julho de 1959, trazendo, a tiracolo, uma máquina elétrica para tatuagem.

Vindo de uma família de tatuadores – seu pai e seu irmão

exerciam a profissão em Copenhague, capital da Dinamarca –, Lucky deu início a uma pequena loja em Santos, primeiramente na região portuária, na Rua João Otávio, e depois na Rua General Câmara, onde abriu um estúdio-ateliê, no qual se destacava, logo na entrada, a frase *It's not a sailor if he hasn't a tattoo* (Não é um marinheiro se não tiver uma tatuagem). Nos primeiros anos, seus clientes eram mesmo os marinheiros e a marginália que frequentava o porto, mas, a partir dos anos 1970, primeiramente com a geração *hippie* e no final da década com o auge do surf nas praias do Rio de Janeiro, uma clientela mais jovem fez o já lendário Lucky somar ao seu portfólio *old school* de frases, âncoras e sereias desenhos mais oníricos, fantasiosos ou mesmo tropicais. Nessa leva, tatuou o surfista Petit, que se immortalizou como a inspiração de Caetano Veloso para a música *Menino do Rio* (que trazia o trecho: “Dragão tatuado no braço...”), e o ator e músico Evandro Mesquita.

Nessa época de sucesso, atendia na praia de Suarão, em Itanhaém, no litoral Sul de São Paulo, depois que um assalto ao seu estúdio o deixou desgostoso e o afastou de Santos após quase 20 anos. Em 1983, mudou-se para Arraial do Cabo, no litoral fluminense, mas, no final do mesmo ano, seu coração de ma-

rujo sofreu um infarto. Lucky partia aos 55 anos, deixando um legado imenso. Basta dizer que o dia 20 de julho, data em que aportou em Santos, foi oficializado como Dia do Tatuador.

Seus filhos Frederick e Erna (já falecida) seguiram na profissão. Erna, conhecida como Ana, foi a primeira tatuadora profissional em todo o litoral paulista. Inácio da Glória (1952-2019), aprendiz de Lucky em Santos, levou esse legado para Brasília, onde fincou bandeira em 1976 e permaneceu por mais de 20 anos, até abrir seu famoso estúdio Ilha Nativa, no Guarujá, levando muitos entusiastas da tattoo para lá. No Rio de Janeiro, mais precisamente na Galeria River, em Copacabana, Caio Tattoo, discretamente, abria sua loja em 1978 e, em pouco tempo, estava tatuando famosos como o modelo Monique Evans e o casal Rita Lee e Roberto de Carvalho.

Outro pioneiro, o italiano Marco Leone, depois de viajar pelo mundo conhecendo os mais variados estilos de tatuagens, abriu o estúdio Tattoo You, em 1979, na garagem de uma casa na Vila Madalena, em São Paulo, ao lado do compatriota Ciccio (já falecido),

que, com a adesão de Fredd Cassiano (Fredd Judge), tornou-se um dos mais badalados estúdios do Brasil.

**ABC e São Caetano** - As sementes de Tattoo Lucky se espalharam, e o ABC foi também berço de pioneiros. Em Santo André, Antonio Stoppa (1950-2021), já conhecido por ser o primeiro em São Paulo a customizar uma moto – modelo Jawa –, em 1969, depois de assistir ao filme *Easy Rider* e seguir pelos

anos seguintes customizando dezenas de outras motocicletas, decidiu, aos 28 anos, fazer sua primeira tatuagem, e Lucky foi a sua opção mais óbvia. Fez com o veterano dinamarquês uma moto sobreposta a uma caveira (uma alusão a “motociclista até morrer”), que fez tanto sucesso entre os amigos em Santo André, que Stoppa passou a tatuar nesse mesmo ano, no fundo de sua mecânica, depois de fazer sua própria máquina com um motor de rádio toca-fitas.

A tatuagem acabou sobrepujando a customização, e logo precisou abrir um estúdio, que se tornou cultuado na região, unindo-se a outros tatuadores lendários como Alemão (que virou seu sócio) e, posteriormente, Maurício Teodoro (admirado por vários tatuadores no Brasil e no exterior), e atraindo diversos admiradores e aprendizes. Alemão, também conhecido como Ms. Alemão Tattoo, na ativa até hoje, é reconhecido como o primeiro tatuador profissional do ABC, desde 1980.

Em 1989, ao mesmo tempo que fundava com amigos o Abutres, considerado o maior motoclub do Brasil, atualmente com mais de quatro mil membros, Stoppa se mudou para Florianópolis, abrindo o Tattoo na Pedra, primeiro estúdio da capital



Acervo/Antonio Stoppa

O tatuador Antonio Stoppa, um dos pioneiros na região do ABC



Acervo/Janser Antonio Rios Orício

Janser Antonio Rios Orício faz parte da primeira geração de tatuadores de São Caetano. Ao longo de sua atuação, estabeleceu-se em vários endereços. A imagem é da entrada do seu estúdio na Galeria Zago

catarinense. Nos últimos anos, desacelerou e se mudou para um bairro mais tranquilo, mas ainda mantinha uma mecânica e um pequeno estúdio nos fundos, para não “enferrujar”, enquanto se vestia de Papai Noel todo ano, distribuindo lembrancinhas para as crianças da localidade. Quando faleceu de Covid-19, em 2021, sua lenda já estava perpetuada entre os amantes das motocicletas, das tatuagens e, principalmente, da liberdade.

São Caetano do Sul, que sempre teve uma forte contracultura arraigada entre os caminhos da linha férrea e os galpões e muros industriais, também teve seu time de desbravadores da pintura corporal. Não tinha como, a tatuagem se conectou naturalmente a outros componentes rebeldes da cidade, como as tribos do skate e do grafite e as

turmas dos punks e dos *psychobillys* (gênero que teve na cidade seu primeiro berço no Brasil).

O jovem sul-são-caetanense Janser Antonio Rios Orício, que mais tarde seria conhecido como Janser Tattoo, tinha 17 anos incompletos em 1982, quando se mudou para o Rio de Janeiro, em meio à separação de seus pais. Foi morar com seu pai – que, na época, tinha um alto cargo ligado à exploração de petróleo –, enquanto iniciava um curso de mecânica de aviação na Ilha do Governador, que preparava pilotos para plataformas marítimas. O apartamento ficava na Rua Rodolfo Dantas, em frente ao Copacabana Palace – o escritor Jorge Amado morava na cobertura do prédio. Além da vista privilegiada do sexto andar, Janser começou a se enturmar com a vizinhança e, além da icôni-



Acervo/Janser Antonio Rios Orício

O tatuador Janser em atividade

ca turma do surf no Arpoador, aproximou-se de um grupo de *Hells Angels* que se encontrava no quarteirão de trás, na Praça do Lido, na Rua Duvivier.

O temido motoclub, criado nos anos 1940 na Califórnia (Estados Unidos), além de cultivar suas motocicletas Harley Davidson, era adepto de outros componentes como as jaquetas

de couro e as artes corporais. Mesmo sendo rechaçado pelo restrito grupo, Janser era determinado e acabou caindo nas graças de Tiez, tatuador oficial dos *Hells Angels*, depois que levou para ele algumas revistas de dermatologia que encontrou na garagem do prédio onde morava. As publicações pertenciam a um conhecido cirurgião plástico e ostentavam em suas páginas grandes closes de tatuagens.

## Nessa época, imagens de tattoos só costumavam aparecer em revistas especializadas sobre motos, e olhe lá.

Nessa época, imagens de tattoos só costumavam aparecer em revistas especializadas sobre motos, e olhe lá. Por isso, referências como essas eram “ouro puro”. Foi a conta para Janser começar a frequentar o famoso estúdio do Tiez e do mestre Caio (o mesmo

Caio já citado, tatuador, mestre em capoeira e amigo da família Gracie, idealizadora do jiu-jitsu brasileiro), no Arpoador, e ajudá-los a angariar gringos na praia para aumentar a clientela.

Paralelamente, Janser começou também a entregar panfletos para um empreendedor de Copacabana chamado Doc, que tinha vínculos com News Orleans (também nos Estados Unidos), uma meca da tattoo *old school*, e, entre o material que divulgava, havia um caríssimo kit com tubos de tinta e máquinas da marca Spaulding-Rogers. A essa altura, envolvido com as areias escaldantes e as tatuagens, e cada vez mais longe do curso de aviador, seu pai lhe deu um ultimato e uma passagem de volta a São Caetano do Sul.

Antes de vir, despediu-se dos amigos e pediu dicas a Tiez para montar sua própria máquina elétrica. Voltou a morar na casa da família na Rua do Rádio, no Bairro Prosperidade. Seguindo as coordenadas de Tiez, comprou um barbeador da marca Braun, criou a sua máquina e passou a tatuar gratuitamente seus colegas numa cozinha que ficava nos fundos da casa de sua avó. A fila, na porta da rua, ficava grande logo cedo – afinal, ninguém (ou quase ninguém) tinha uma genuína máquina elétrica de tatuagem! Sua mãe, vendo toda aquela movimentação, deu a ideia de fazer daquela atividade uma profissão de verdade.

*Eureka!* Nascia o Good Luck Tattoo Studio. Ficou no mesmo local até 1992, com grande sucesso, principalmente por ser um dos pioneiros a trabalhar com material importado. Nesse meio tempo, foi convidado por Stoppa e Alemão para se unir ao estúdio deles – ficou por um breve, mas importante período, pois acabou sendo o contato entre a dupla de tatuadores andreenses e Tiez, no Rio. Em seguida, abriu loja no centro de São Caetano, primeiro na Galeria Zago e, quatro anos depois, em frente aos Correios, na Rua Manoel Coelho. Teve grandes picos na carreira – chegou a fazer 20 tatuagens em um dia - e alguns sobressaltos e vácuos: no auge da Aids, em 1990, quando agulhas estavam no rol das vilãs, chegou a ficar seis meses sem tatuar; entre 2002 e 2008, foi tentar a sorte em Jaguariúna (SP), mas quebrou; anos depois, conseguiu trabalhar por quatro meses numa das maiores lojas de tatuagem da Califórnia, a Atomic Tattoo, mas, por vários motivos, a empreitada não se concretizou. Muito além das intempéries, o Good Luck Tattoo Studio, já há vários anos na Rua Piauí, segue no auge como uma das grandes referências dentro do mercado brasileiro de tatuagem, levando à risca a premissa de seu fundador, de que “a última tatuagem pode ser ainda melhor que a penúltima”.

Janser sempre procurou aprimorar seu trabalho e, durante esses anos todos, nunca deixou de estudar e pesquisar novas técnicas. A maior de suas especialidades, a tatuagem polinésia – uma vertente da tatuagem tribal da qual é pioneiro no Brasil por incorporar junto à criação o estudo detalhado do significado de cada linha e cada traçado geométrico na genealogia e nos marcos pessoais do indivíduo tatuado –, foi absorvida depois de mergulhar, a partir de 2010, em obras de antropologia e livros do autor Karl von den Steinen, do Museu Etnológico de Berlim, e hoje é um grande diferencial oferecido pela sua requisitada e conceituada equipe na loja.

Há pouco mais de um ano, incorporou ao negócio a venda de material em plataformas de *marketplace* – cartuchos, agulhas, tintas – e, nesse pouco tempo, já colocou seus anúncios como primeiros na categoria. Com esse ímpeto e desde sempre alinhado com as tecnologias mais modernas, Janser segue em sua luta de mais de 40 anos por uma tatuagem que tenha significado, personalidade e nuances únicas, mesmo que, no seu íntimo, perceba que a banalização da arte e a disseminação de kits para iniciantes façam nascer um tatuador em cada esquina. Sem estardalhaços nas redes sociais, Janser Tattoo fortalece cada vez mais o seu caminho, perscrutando os bastidores rumo ao futuro. Afinal, o futuro é agora.

**Tattoo Week** - Entre os pioneiros de São Caetano que continuam na ativa, Enio Conte é outro profissional de grande destaque. Nascido e criado na cidade, em 1983 abriu uma pequena loja no centro de São Caetano, na Galeria Santo Antônio. O início foi bem difícil – na falta de agulhas, chegou a usar cordas de violão improvisadas. A primeira tatuagem em sua pele foi feita em 1984 pelo conterrâneo Janser, em troca de uma prancha de surf, e, quando a crise apertou, algum tempo depois, foi Janser quem lhe abriu as portas de sua loja para que desse continuidade à profissão.

Em 1990, já conhecido no meio, teve um encontro em sua loja que mudou a sua vida para sempre. Esther Gawendo, com 16 anos, adentrou o recinto, querendo fazer sua primeira tatuagem. Como a lei no Estado de São Paulo não permitia que menor tivesse tatuagem, mesmo com consentimento dos pais, não rolou. Mas, se não teve agulha com tinta naquele dia, teve flechada de cupido: Esther e Enio se apaixonaram e se casaram pouco tempo depois. Hoje, 32 anos após o enlace matrimonial, o casal coleciona êxitos: sete filhos, nove netos e uma *holding* familiar com várias ramificações no centro de São Caetano, Santo André e São Paulo.

O epicentro dos negócios é mesmo São Caetano: Klan é a marca dos quatro estúdios de

tatuagem na cidade; Fantasy é a loja de equipamentos para profissionais da área; Mega Piercing vende piercings em loja física e online; ENTP é a escola de formação de tatuadores; e a Vomit3D é a marca especializada em roupas para a categoria. Mas a cereja do bolo da família Conte Gawendo é a *Tattoo Week*. Enio Conte foi o primeiro brasileiro a organizar um evento de tattoo – no Brasil, antes dele, só teve uma feira feita pelo tatuador italiano Marco Leone, em São Paulo. Enquanto o estúdio se mudava para a Mooca (onde ficou por 20 anos), Conte fez três feiras no início dos anos 1990 e, em 2004, chegou a organizar uma feira em São Caetano do Sul.

A *Tattoo Week*, com esse nome, surgiu em 2010 e, desde então, transformou-se no maior evento de tattoo do mundo. Alguns números surpreendentes dão a ideia da grandiosidade da feira: 660 estandes; 3.500 expositores; 5 mil tatuadores e piercers de vários países; 98 mil visitantes. Para dar conta desse conglomerado, todos os filhos estão envolvidos nos negócios da família e, para isso, eles metem a mão na massa. Tem os filhos tatuadores, os que fazem remoção de tatuagens, os que colocam piercings, os que realizam pigmentações, os que cuidam da loja e os que ajudam a organizar a feira.

Os netos aguardam ansiosamente pela sua vez. No final de 2023, a entrada de um novo só-





Divulgação/Tattoo Week

Cartazes de divulgação do Tattoo Week, o maior evento de tatuagem do mundo

cio do ramo de pigmentação no negócio abriu expectativas para grandes surpresas. Em alinhamento com o *business*, o amor da família pela tatuagem cresce a cada ano.

**Movimento** - As empresas da família de Enio-Esther são um reflexo da grande movimentação do mercado da tatuagem em São Caetano. Se, nos anos 1980, a cena era mais restrita, e o rock e a arte marginal caminhavam juntos com a tattoo – George G., guitarrista da banda Kães Vadius, pioneira do *psychobilly*, por exemplo, tornou-se um requisitado tatuador –, atualmente, dezenas de lojas e estúdios se espalham pelos 15 quilômetros quadrados do município. Embora muitos pioneiros tenham sumido do mapa ou mudaram de profissão, grandes nomes dos anos 1980 seguem no barco. Marcelo Augusto Ribeiro, o Mexinha, nascido em 1968 em São Caetano do Sul, é um daqueles tatuadores que os tatuadores adoram. O apelido vem da pré-adolescência no Rio de Janeiro, onde pegava onda e passava parafina nas mechas do cabelo. Por conta da separação dos pais, morou em vários lugares – ABC paulista, Penedo, Jacareí – mas Vila Alpina, na Zona Leste de São Paulo, onde passou

a morar aos 17 anos, em casa própria, é o que se pode chamar de “seu lugar no mundo”. Seguiu o caminho comum dos jovens da região: com 16 anos, entrou no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), onde cursou Mecânica Geral por dois anos.

Um pouco antes, depois que soube por um marinheiro, funcionário de uma padaria que frequentava, que um policial civil havia feito uma tatuagem com Marco Leone, foi visitar o estúdio do italiano, o que resultou em sua primeira tatuagem: um dragão! Na volta, vendo o brilho em seus olhos, o mesmo marujo da ‘padoca’ lhe deu uma caixinha com uma máquina rotativa. Aí ninguém mais segurou Mexinha. Mesmo autodidata, começou a tatuar os amigos no fundo da sua casa, nos intervalos do trabalho em uma metalúrgica. Ficou cerca de três anos tatuando em casa, até que, em 1986 – ano que considera o primeiro como profissional –, foi trabalhar no estúdio do Enio Conte, no centro de São Caetano.

Dois anos depois, foi para a Galeria do Rock, no centro de São Paulo, primeiro a convite do tatuador Junior Batata e, dois anos depois, em seu próprio espaço, em cima de uma loja de discos. Foi o combustível para uma guinada ainda mais arro-



Divulgação/Tattoo Week



O casal Enio Conte e Esther Gawendo: uma história de amor e sucesso no ramo da tatuagem em São Caetano. Foto tirada na entrada do estúdio localizado na Rua Pará, no centro de São Caetano

jada: voltou para São Caetano e montou uma loja que se tornaria um ícone na história da tatuagem no ABC: a Crazy Tattoo, local influente para iniciantes da arte corporal no Brasil todo. Ficou como proprietário por uns seis, sete anos, primeiro solo, depois com um sócio, Mauro Dominguez, e, na sequência, somando louros com a presença do cultuado e onipresente tatuador Mauricio Teodoro.

Ao sair da sociedade, foi trabalhar com o famoso Alemão, em Santo André, e, na sequência, juntou-se à equipe do Polaco, em São Paulo (com estúdio desde 1983 e pioneiro em convenções), uma de suas grandes referências no meio. Era o início dos anos 2000, um período muito proveitoso e movimentado para a sua carreira. Dois anos

e alguns meses depois, foi para uma convenção com Polaco em Curitiba. Curtiu tanto a cidade que resolveu ficar por lá. Já era um nome reconhecido no mercado, graças ao seu legado junto à *Crazy Tattoo*, onde projetou seu nome e cocriou a revista *Metal Head*, em 1994. Na volta, cinco anos depois, São Caetano apareceu mais uma vez na sua rota: montou uma loja, bonita e descolada, a Mad-Mex (um trocadilho com a famosa franquia do cinema e seu apelido), em frente da atual Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Antigo Imes), que ficou no endereço por dois anos. Depois a marca seguiu para Moema, onde permaneceu por cinco anos, até o aluguel ficar insustentável.

Pela rotatividade, natural de seu próprio temperamento, não

é possível incluir aqui todos os estúdios que tiveram a honra de tê-lo como colaborador – Tattoo You, Galeria do Rock (gerenciando três lojas), Xavier, na Avenida Paulista, Black Dragon, de Mauricio Teodoro, Mister Tattoo, Scorpions, do Alexandre, na Vila Prudente, do Antonio Sérgio, nos Jardins, e até uma longa estadia na Europa. Um pouco antes da pandemia de Covid-19, uma amiga sua, que tinha um imóvel em São Caetano, propôs que reformasse o local, sem cobrar o aluguel, e depois abrisse sua loja ali. Esse era um dos seus grandes sonhos: montar uma grande loja de frente para a rua, já que as anteriores eram geralmente com acesso por escada, no segundo andar. Deu tudo certo: começou a pagar aluguel, e a loja funcionou por cerca

de seis meses, até chegar a terrível pandemia e paralisar completamente o serviço por tempo indefinido. Sem clientes, o negócio ficou inviável e fechou.

Para manter a sanidade durante os quase dois anos que ficou em casa sem tatuar, passou a fazer telas em tinta acrílica e ecoline, com desenhos do mundo da tattoo – serpentes, dragões, releituras de outros tatuadores mais antigos. Com a volta normal do mercado, retomou a atividade em sua casa na Vila Alpina e voltou a colaborar com outros estúdios. Com sua verve agregadora, sua arte única que redimensiona desenhos históricos e tradicionais, segue com sua paixão imensurável pela tatuagem, tanto abrindo portas, como encontrando portas abertas por onde passa.

Maurício Teodoro, que apareceu várias vezes neste artigo, merece uma citação especial: nascido em São Caetano do Sul em 1966, e criado em Mauá, era fascinado pelas histórias em quadrinhos e, quando teve um primeiro contato (e um amor à primeira vista) com a tatuagem, em 1986, nunca mais a deixou. Seu estilo tradicional e, ao mesmo tempo, moderno, com ênfase no estilo oriental e fantástico, o fez se destacar em grandes estúdios de São Caetano e São Paulo e em estúdio próprio. A sua fama extrapolou as fronteiras do Brasil.

**A população de São Caetano do Sul reflete a disseminação atual da tatuagem entre indivíduos de todas as classes e áreas de atuação. Se, décadas atrás, a arte corporal ficava escondida atrás da roupa para não ser julgada pelo preconceito, hoje, com raríssimas exceções, está cada vez mais exposta e escancarada.**

Muitos da segunda geração de tatuadores de São Caetano, já com 30 anos ou mais de serviços prestados, também seguem na luta. Nascido em 1972, Eduardo Guimarães, o Zero Tatroo (o apelido “Zero” ganhou de uma professora no primário), há muito tempo com estúdio próprio no Bairro Barcelona (22 anos na Rua Taipas e atualmente na Rua Joana Angélica), começou alguns anos depois dos pioneiros, em 1993, mas o início foi difícil do mesmo jeito: estúdio improvisado em casa, material de referência escasso, preconceito de todo o lado. Para simbolizar essa época, fez a primeira tatuagem na

sua própria pele, preservada até hoje como um amuleto. Reconhecido como um profissional exemplar e conceituado no mercado, com prêmios em convenções nacionais e internacionais, Zero está a postos, sereno e tranquilo e com a devoção de sempre à tatuagem artística.

A população de São Caetano do Sul reflete a disseminação atual da tatuagem entre indivíduos de todas as classes e áreas de atuação. Se, décadas atrás, a arte corporal ficava escondida atrás da roupa para não ser julgada pelo preconceito, hoje, com raríssimas exceções, está cada vez mais exposta e escancarada.

Se, até os anos 1980 e 1990, só era exibida por surfistas, artistas, skatistas e marginais, hoje se expõe na pele de mais de 30% da população brasileira (segundo pesquisa do Instituto Dalia), fazendo do país o quinto mais tatuado do mundo. Seja dos mais variados estilos – *old school*, *bold line*, tribal, aquarela, realista, oriental, geek – como bem disse certa vez Tuca, um dos mais queridos pioneiros da arte corporal no Brasil: “Cada um tem a tatuagem que merece”. ■

Marcos Eduardo Massolini é jornalista, escritor e pesquisador. Formado em jornalismo pela Universidade Metodista, em 1990, trabalhou na Editora Abril, na Folha de S.Paulo e em diversos veículos, como freelancer. Já lançou três livros de poesias, *Borboletas Abissais* (2001), *Aura de Heróis* (2014) e *Quase Oásis* (2024); e três biografias, *Joselito Solta seus Bichos* (2022), *O Ourives do Traço* (2023) e *O Filósofo do Nanquim* (2024). Mantém o blog cultural *Almanaque do Malu* e o grupo *São Caetano Inesquecível*, no Facebook.



# Por muito pouco, São Caetano não nascia falando Inglês

OS ITALIANOS CHEGARAM ao Núcleo Colonial de São Caetano no ano de 1877, mas tudo poderia ter sido diferente se o solo deste chão não fosse ruim para plantar algodão. Isso porque, em 1866, 11 anos antes dos italianos, William Hutchinson Norris e seu filho, Robert Norris, saíram do Estado da Geórgia, nos Estados Unidos, desembarcaram em Santos e subiram a Serra do Mar à procura de terras onde pudessem instalar as famílias norte-americanas sulistas que tinham perdido o embate na guerra civil norte-americana.

O governo brasileiro ofereceu as terras onde está a cidade de São Caetano, havendo recusa, porque o solo, com muito barro, não servia para plantar algodão. Pai e filho também recusaram a região do Bairro do Brás e Campinas. Acabaram se fixando às margens do Ribeirão Quilombo, na cidade de Santa Bárbara d'Oeste, e também onde hoje é o centro do município de Americana.

Na época, o imperador Dom Pedro II estava às voltas com a Guerra do Paraguai e tinha interesse em atrair estrangeiros para trabalhar no cultivo do algodão e implantar novas técnicas agrícolas. Em anúncios publicados nos antigos jornais da Confederação nos Estados Unidos, Dom Pedro II prometia aos rebeldes “um país selvagem e abundante, pronto para assentamentos e favorável à escravidão”. Num gesto de boa vontade, o Brasil oferecia transporte subsidiado e terras férteis a apenas 22 centavos por acre. Por muito pouco, São Caetano não nascia falando Inglês.

William Hutchinson Norris, a quem o governo brasileiro ofereceu terras localizadas em área que hoje pertence à cidade de São Caetano

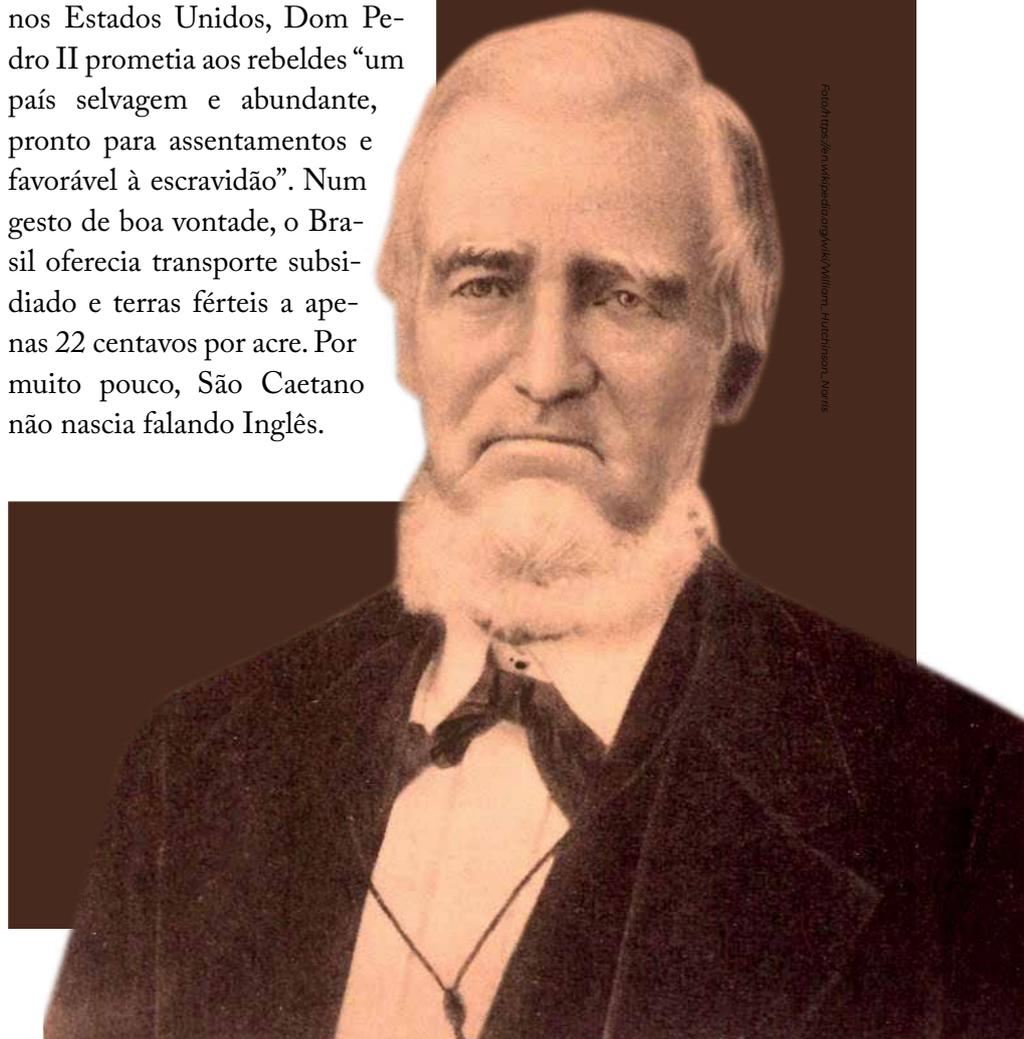


foto:https://m.wikipedia.org/wiki/William\_Hutchinson\_Norris

## Acervo Mauro Fiorotti

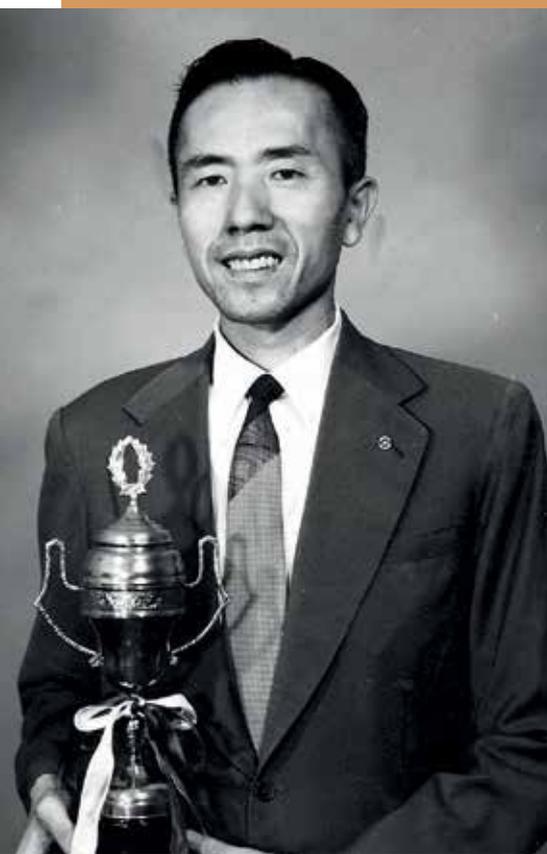


Os irmãos Mauro (à esquerda) e Drausio Fiorotti, então com 14 e 12 anos, na residência da família, que ficava localizada na Rua Santo Antonio, nº 339, no Bairro Centro. Foto de julho de 1949

# O jogo de xadrez em São Caetano e o seu mestre Keigo Toyoda

☰ Cristina Toledo de Carvalho

“Tudo pode ser, contanto que me salvem o xadrez.”  
(Machado de Assis)



Keigo Toyoda com um dos inúmeros troféus que conquistou ao longo de sua carreira como enxadrista. Foto de meados da década de 1950

Agência Fênix/Keigo Toyoda

**POSSUIDOR DE CARACTERÍSTICAS** bastante peculiares, que estimulam o senso de estratégia e o raciocínio de seus praticantes, o xadrez, para além de simples modalidade esportiva, pode ser considerado o jogo do intelecto. De origem controversa (uma das teses mais aceitas, segundo historiadores do enxadrismo, é a de que teria sido uma adaptação do jogo indiano de tabuleiro denominado *Chaturanga*, surgido no século 6)<sup>1</sup>, o jogo de xadrez se propagou rumo a variadas partes do mundo, tendo como primeira área de difusão o continente asiático.

A sua chegada à Europa Ocidental deu-se durante a Idade Média, entre os séculos 8 e 10, e, por volta do ano 1000, já era amplamente conhecido, vindo a integrar o acervo cultural europeu.<sup>2</sup> Não à toa que, nesse período, muitas fontes literárias fizeram referência ao jogo, contribuindo para a sua popularidade e inserção no imaginário do homem medieval. Em obras produzidas

na época, “há passagens sobre reis resolvendo questões de Estado através do jogo, condenados jogando enquanto esperavam a execução, tabuleiros mágicos feitos pelo mago Merlin, etc”.<sup>3</sup>

Esse repertório de representações acerca do jogo de xadrez não ficou circunscrito ao universo da literatura, sendo construído também em outros setores culturais. Membros do clero católico, por exemplo, valeram-se, não poucas vezes, dele para abordar alegoricamente assuntos pertinentes à fé e à vida moral. Por força dos sentidos a ele atribuídos, o jogo tornou-se emblemático da sociedade daquele tempo, expressando-a e simbolizando-a em suas minúcias e conjunturas particulares. O mundo medieval passou, assim, a ser concebido como um grande tabuleiro de xadrez, com suas peças e lances representando os papéis de cada estamento social no cômputo das engrenagens de tal mundo.

No Brasil, o jogo ficou conhecido a partir de meados

do século 19, em razão de um cosmopolitismo que fincara raízes nos círculos sociais do Rio de Janeiro, então sede da Corte Portuguesa, que, desde 1808, encontrava-se em território carioca. Segundo informações, o imperador D. João VI teria trazido o primeiro trabalho impresso a respeito do jogo a circular em solo brasileiro.<sup>4</sup> Com os seus costumes europeizados, integrantes das altas esferas da sociedade da capital imperial incorporaram o jogo de xadrez às suas rotinas de lazer, fazendo com que ele ganhasse as praças e os salões de clubes, locais onde se reuniam para o entretenimento e o debate dos assuntos em voga.

Foi sob tal atmosfera que o maior escritor do Brasil, Machado de Assis, deixou-se encantar por esse jogo, vindo, aliás, a ocupar posição de destaque nos meios enxadrísticos do Império e a participar do primeiro torneio da modalidade realizado



no país, disputado em janeiro de 1880 na residência do pianista Arthur Napoleão, enxadrista pioneiro em terras nacionais e grande divulgador do jogo em diversas revistas, jornais e entidades do período.<sup>5</sup> Além de ter registrado referências ao xadrez em textos de sua consagrada obra literária, o escritor se correspondia com periódicos que continham seções destinadas ao enxadrismo.<sup>6</sup>

Com a intensificação das levas imigratórias a partir da segunda metade do século 19, muitos europeus que vieram para o Brasil trouxeram a sua paixão pelo jogo de xadrez, ajudando a popularizá-lo para além dos segmentos da elite e da alta sociedade brasileiras.

Em São Caetano, a chegada do jogo insere-se na esteira desse processo de popularização da prática enxadrística no país. Sabe-se que tal prática já ocorria na localidade durante a primeira metade do século passado, como atesta um registro de 11 de maio de 1938. No referido registro, que consiste em uma ata do São Caetano Esporte Clube, a diretoria da agremiação fez menção à doação de um tabuleiro de xadrez feita por Duarte Oliveira da Rocha.<sup>7</sup>

A despeito do que aponta o documento citado, sabe-se que o clube do Bairro da Fundação mantinha, junto às suas seções de

**Com a intensificação das levas imigratórias a partir da segunda metade do século 19, muitos europeus que vieram para o Brasil trouxeram a sua paixão pelo jogo de xadrez, ajudando a popularizá-lo para além dos segmentos da elite e da alta sociedade brasileiras.**

esportes, um departamento voltado ao xadrez. A assiduidade e o dinamismo desse departamento no cenário esportivo da cidade colocavam-no em um patamar de referência frente ao próprio desenvolvimento enxadrístico local, o que pode ser deduzido pelo que fora informado pelo *Jornal de São Caetano*, em sua edição de 10 de janeiro de 1953, acerca da organização de um campeonato de xadrez a cargo do periódico, “com a cooperação do Departamento de Xadrez do São Caetano Esporte Clube”.<sup>8</sup>

O campeonato a que se refere o jornal marcou os rumos da modalidade na cidade. Em vir-

Keigo Toyoda ao lado de outros enxadristas da delegação de São Caetano do Sul. A partir da década de 1950, passou a defender a seleção do município em edições dos Jogos Abertos do Interior. Destaque para o brasão municipal na camisa do uniforme da equipe



Arquivo/Família Toyoda

tude da mobilização que ele propiciara nos aficionados do xadrez e da visibilidade trazida ao esporte, bons frutos foram gerados então. A iniciativa da criação do Clube de Xadrez de São Caetano do Sul apresenta-se como um desses frutos, uma vez que foi gestada a partir da semente proveniente das articulações observadas nos bastidores da promoção daquele campeonato. Iniciativa, diga-se de passagem, pioneira na cidade, uma vez que a prática da modalidade enxadrística encontrava-se, até então, atrelada a agremiações que não tinham no jogo de xadrez a sua finalidade principal, dedicando-se, com maior afinco, à realização de outros esportes, sobretudo o futebol, que detinha uma hegemonia frente às demais categorias presentes no quadro esportivo de São Caetano na década de 1950, “asfixiando o levantamento de outras modalidades”.<sup>9</sup>

Um outro fruto decorrente da efervescência enxadrística que tomara conta dos ares esportivos da cidade naquele decênio foi o despontamento da figura de Keigo Toyoda como um dos grandes mestres locais da modalidade. A trajetória vitoriosa que construiu como enxadrista tivera grande impulso no contexto do crescimento do jogo de xadrez na cidade, confundindo-se com ele, conforme será mostrado neste artigo.

**O crescimento do jogo de xadrez na cidade** – A década de 1950 foi um marco dentro do processo de crescimento do jogo de xadrez na cidade, e isso se deveu, em grande parte, ao *Jornal de São Caetano*. Reconhecendo o potencial de expansão que a prática vinha obtendo junto à população, devido, principalmente, aos bons resultados auferidos pela equipe que representara o município nos Jogos Abertos do Interior disputados em Ribeirão Preto,



Arquivo/Família Toyoda

Keigo Toyoda e demais jogadores de xadrez de São Caetano em foto da década de 1950. Roberto Schmidt e Laszlo Krauss, que, assim como Toyoda, estiveram entre os dez primeiros colocados no campeonato promovido pelo *Jornal de São Caetano* em 1953, aparecem nessa imagem

o jornal inseriu o xadrez entre as modalidades com maior número de adeptos na localidade na ocasião, de modo que “não poderia deixar de tomar parte no incremento ainda maior deste esporte”.<sup>10</sup> Assim, aproveitou o ensejo para noticiar a organização de um campeonato de xadrez para aquele ano de 1953, que se iniciava com boas perspectivas para a ascendente modalidade. Sob a coordenação do *Jornal de São Caetano*, o mencionado campeonato previa a distribuição de medalhas aos dez primeiros colocados e a entrega de duas taças, destinadas ao clube que conseguisse a melhor posição coletivamente e à agremiação à qual pertencesse o vencedor do torneio.<sup>11</sup> Para a realização da empreitada, o jornal anunciou que contaria com a cooperação do departamento de xadrez do São Caetano Esporte Clube e da Federação Paulista de Xadrez, nas pessoas do deputado estadual Victor



Flagrante do mestre Toyoda durante uma partida de xadrez no dia 6 de julho de 1968

Maida e Jacob Gordon, presidente e vice-presidente da entidade, respectivamente.

Iniciado no dia 5 de fevereiro de 1953, o 1º Campeonato Popular de Xadrez do *Jornal de São Caetano* contou com um total de 63 inscritos.<sup>12</sup> Até o dia 31 de janeiro, estava assim constituída a relação dos clubes que marcariam presença no torneio: São Caetano Esporte Clube, Rotary Club, C.A. Ipiranguinha, G.J. Israelita, Clube Comercial, General Motors Esporte Clube, Clube de Sociologia da Escola Normal São Caetano e Grêmio Estudantino de Cultura.<sup>13</sup> O jogo final desse campeonato foi disputado entre Roberto Schmidt, do São Caetano Esporte Clube, e José Vugrinec, do General Motors Esporte Clube. Nas palavras entusiasmadas do jornal, “os finalistas Roberto Schmidt e José Vugrinec, rodeados por grande assistência, travaram uma partida que marcou época, tendo finalmente vencido Roberto Schmidt (...)”.<sup>14</sup>

O ranking dos dez primeiros colocados do 1º Campeonato

Popular de Xadrez do *Jornal de São Caetano* apresentou os seguintes nomes, considerando o registro de 52 participantes de um quadro de 63 inscritos, conforme já mencionado:

- 1º Roberto Schmidt (São Caetano Esporte Clube);
- 2º José Vugrinec (General Motors Esporte Clube);
- 3º Luiz Odor (General Motors Esporte Clube);
- 4º Laszlo Krauss (disputou na categoria “avulso”, ou seja, sem vinculação a um clube);
- 5º Leônidas Paolone (São Caetano Esporte Clube);
- 6º Keigo Toyoda (Rotary Club local);
- 7º Antônio Russo (São Caetano Esporte Clube);
- 8º Dr. Carlos Paez (C.A. Ipiranguinha);
- 9º Willy Floeter (São Caetano Esporte Clube);
- 10º Antônio Russo (São Caetano Esporte Clube).

\*Curiosamente, Russo aparece novamente nesta classificação\*

De acordo com o que fora previsto, os dez primeiros colocados foram agraciados com medalhas, enquanto o São Caetano Esporte Clube conquistou as duas taças oferecidas pelo *Jornal de São Caetano*: a do clube a que pertencia o vencedor do campeonato e a do clube que apresentou o maior número de enxadristas naquele ranking final dos dez primeiros colocados.

Detentor de um protagonismo em relação à prática do jogo de xadrez na cidade no início da década de 1950 (evidenciado pela classificação final do campeonato em questão), o São Caetano Esporte Clube, a partir de 1953, passou a compartilhar os holofotes dentro da cena do enxadrismo local com uma outra agremiação, que, por se destinar exclusivamente à promoção da modalidade, já se revestia de um pioneirismo que ratificava o crescimento do esporte na cidade: o Clube de Xadrez de São Caetano do Sul.

Fundado no dia 21 de janeiro de 1953, na sede social do São Caetano Esporte Clube (então localizada na Rua Perrella, no nº 36, no Bairro da Fundação), o Clube de Xadrez de São Caeta-

no do Sul teve como membros de sua primeira diretoria, eleita em 24 de fevereiro daquele ano, os seguintes nomes: Carlos Paez (presidente), Américo Cavallini (vice-presidente), Alcyr Carvalho Silva, Antônio Caparrós Guevara, Ângelo Antenor Zambom, Willy Floeter, Fernando Piva e Armando Marcon. Posteriormente, o quadro diretivo da novata instituição foi completado por Leônidas Paolone, Edward Nahkur, Militino Azzi, João Samara, Roberto Schmidt e Keigo Toyoda.

Instalado em uma sala ampla do terceiro andar do Edifício Vitória (situado na esquina das ruas Baraldi e Santo Antônio), o clube se colocou à frente de iniciativas que ajudaram a popularizar o jogo de xadrez no município, organizando campeonatos internos, fornecendo orientação técnica em torneios interclubes e entre principiantes, além de outras ações inovadoras, que o colocaram na vanguarda da modalidade em São Caetano do Sul. Entre tais ações, merece destaque a promoção da “sensacional e inédita simultânea de xadrez”<sup>15</sup> na qual tomara parte Márcio Elísio de Freitas, conhecido mestre enxadrista brasileiro que chegou a liderar o ranking da Confederação Brasileira de Xadrez em 1948, tendo sido também campeão brasileiro em 1947, entre outros títulos importantes.<sup>16</sup> O evento, ocorrido em dia 3 de abril de 1954 na se-

de do Clube de Xadrez de São Caetano, previa a realização de partidas simultâneas entre jogadores locais e o famoso mestre.

Ainda no rol daquelas ações inovadoras do clube, encontra-se a visita, em setembro de 1955, de um outro mestre do xadrez nacional: Arrigo Prosdocimi, vice-campeão brasileiro em 1947 e vice-campeão paulista em 1955. Na ocasião, Prosdocimi realizou diversas partidas amistosas contra enxadristas da cidade.<sup>17</sup> Pouco tempo depois, em outubro daquele ano de 1955, ainda sob as boas lembranças da vinda do mestre Arrigo Prosdocimi e inspirado por ela, o Clube de Xadrez passou a promover quinzenalmente aulas teóricas por meio de Américo Schiff, engenheiro das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo e ex-campeão paulista.<sup>18</sup>

Os fatos registrados até aqui são elucidativos do quanto a modalidade vinha crescendo e ganhando notoriedade em São Caetano do Sul. A obtenção dos foros de município por parte da cidade em 1948 ainda repercutia em seus diversos setores na primeira metade da década de 1950. A área esportiva não passou incólume à euforia do pós-autonomia, atraindo, no âmbito público, os esforços da Comissão Municipal de Esportes no sentido da organização e da difusão de diversas modalidades, entre as quais o jogo de xadrez. Assim, campeonatos fo-

ram realizados, e delegações representativas da municipalidade, constituídas. Tudo sob o comando da aludida comissão.

Em nível municipal, Keigo Toyoda confirmou a sua expertise enxadrística, já notória por seus resultados junto ao Clube de Xadrez, colocando-se entre os principais jogadores da cidade.

**Keigo Toyoda, campeão e mestre** – Filho da primeira família de origem nipônica a se estabelecer em São Caetano na década de 1920, Keigo Toyoda firmou-se inicialmente como campeão de xadrez japonês. O ingresso no mundo enxadrístico convencional dera-se em 1953, por ocasião do campeonato promovido pelo *Jornal de São Caetano* em fevereiro daquele ano, quando alcançou a sexta colocação frente a um quadro de 63 inscritos. Em 1954, sagrou-se campeão municipal, vencendo nomes experientes, com uma caminhada de muitos anos no xadrez de São Caetano. A conquista de Toyoda repercutiu em toda a cidade, merecendo o reconhecimento daquele jornal, grande entusiasta da modalidade e divulgador constante das notícias que a cercavam.

Conforme tivemos oportunidade de noticiar, está se realizando (...) o Torneio Municipal de enxadristas de nossa cidade, realizado sob os auspícios da Comissão Municipal

de Esportes desta localidade. Embora dependa ainda de partidas que se realizarão segunda-feira para conhecer os demais colocados, sabe-se já, pelos resultados apresentados, quem é o campeão de xadrez de São Caetano do Sul. O título ficou para ser disputado entre quatro fortes mestres (...), srs. José Vugrinec, Roberto Schmidt, Keigo Toyoda e Antônio Russo. Estes dois últimos venceram aqueles e disputaram o título máximo, saindo vencedor o sr. Keigo Toyoda (...)

É interessante notar que o novo campeão de xadrez há pouco mais de um ano nunca havia disputado uma partida. Conhecia o xadrez japonês, jogado com botões e que difere do nosso jogo ocidental. Quando o *Jornal de São Caetano* anunciou que patrocinaria um campeonato de xadrez, o sr. Toyoda se interessou e procurou conhecer o nosso jogo de xadrez. Ingressou no campeonato promovido por este bi-semanário, colocando-se regularmente.<sup>19</sup>

Ressalte-se que Keigo Toyoda conciliou os jogos de xadrez japonês e convencional, destacando-se e conquistando títulos em ambos. Entre 1953 e 1955, o *Jornal de São Caetano* registrou a participação do enxadrista nessas duas categorias. Em relação ao xadrez japonês, merecem ser ressaltados os textos que noticiaram as suas conquistas de maio de 1953, no campeonato estadual promovido pelo diário *Nippak*, e de novembro de 1954, no 5º torneio disputado entre São Caetano, Santo André e Ribeirão Pires. Conforme destacou o jornal, esse torneio era disputado, a cada três meses, entre os três municípios, tendo sido observadas, até aquela data, duas edições em Ribeirão Pires, uma em Santo André e duas em São Caetano, campeão invicto de todas as edições do mencionado torneio, estando, entre os enxadristas “da nossa cidade que mais se destacaram (ao longo de tais edições), os veteranos: Toyoda, Nita, Itikawa, os três irmãos Matsuzaki, Tanaka e Sato”.<sup>20</sup>

Enquanto acumulava títulos e bons resultados no jogo de xadrez japonês, Keigo Toyoda também se notabilizava na versão tradicional da modalida-



Keigo Toyoda destacou-se também no xadrez japonês, categoria na qual trilha também uma carreira vitoriosa, repleta de títulos. Na imagem, de agosto de 1971, ele aparece na disputa de uma partida do Campeonato Shogui em São Paulo



Keigo Toyoda exhibe o troféu conquistado no Campeonato Shogui, de xadrez japonês, disputado em 1971

de. Além do título de campeão municipal de 1954, o mestre se credenciou para participar dos Jogos Abertos do Interior disputados naquele ano em Sorocaba, oportunidade em que integrou a delegação de São Caetano do Sul. Com um currículo já admirável, considerando o seu pouco tempo de atuação na categoria convencional do jogo, foi um dos protagonistas do acirrado Torneio Interclubes iniciado no final do mês de maio de 1955, sob o patrocínio do Rotary Club da cidade, e que teve a participação de “equipes representativas das sociedades e clubes locais”.<sup>21</sup>

O Clube de Xadrez de São Caetano do Sul marcou presença nesse torneio por meio de duas equipes: a A, formada por Keigo Toyoda, Roberto Schmidt e Carlos Paez; e a B, constituída por Luiz Odor, Leiba Abramovicius e Armando Marcon. As outras duas agremiações participantes foram o

General Motors Esporte Clube e o União Cultural de São Caetano do Sul. Após ter sido verificado um empate entre os três clubes disputantes, o campeonato foi reiniciado no dia 24 de junho daquele ano de 1955. No dia primeiro de julho, o Clube de Xadrez assinalava, com Keigo Toyoda, uma vitória no confronto com Miguel Wacyk, da equipe do União Cultural.<sup>22</sup>

A referida equipe, no jogo final realizado em 15 de julho, sucumbira frente ao trio do plantel A do Clube de Xadrez, que, com o placar de 3 a 0, foi o grande campeão do torneio, com os seguintes resultados individuais registrados na memorável decisão: Keigo Toyoda 1 x 0 Nelson Kurose; Roberto Schmidt 1 x 0 Lourenço Sauer; e Carlos Paez 1 x 0 Miguel Wacyk.<sup>23</sup>

A outra vitória obtida por Keigo Toyoda, ainda na fase inicial desse torneio interclubes, deu-se frente a Judex Martins, da equipe do General Motors Esporte Clube.<sup>24</sup> Com tais resultados individuais, Toyoda foi um dos principais destaques do certame, mostrando regularidade e poder de liderança junto à sua equipe.

O enxadrista, que, até o início dos anos de 1950, dedicava-se, embora com sucesso, apenas ao jogo de xadrez japonês, confirmou o seu nome no elenco seleto de mestres enxadristas de São Caetano do Sul, trilhando

uma trajetória que atravessara as décadas seguintes. Em 1976, por exemplo, no auge de sua experiência como jogador, Toyoda sagrou-se campeão na categoria especial do torneio que equivalia ao campeonato municipal da cidade, título, diga-se de passagem, que já havia conquistado em 1972. Ao noticiar a façanha alcançada pelo jogador naquele torneio de 1976, a imprensa local, por meio do periódico *O Arauto do Pentágono*, assim se manifestou:

(...)

Keigo Toyoda, pode-se dizer, atuou no presente torneio de uma forma sensacional. Depois de um começo ruim (nas 4 primeiras rodadas já tinha perdido 2 partidas), conseguiu (se) recuperar de uma maneira esplêndida, perdendo, nas outras sete rodadas, somente mais uma partida. Jogando com uma técnica aguçada, reforçada por sua grande experiência, Keigo Toyoda tornou-se bicampeão de São Caetano (...) <sup>25</sup>

Em reconhecimento aos relevantes serviços prestados pelo mestre Toyoda ao xadrez sul-são-caetanense, a Comissão Municipal de Esportes concedeu a ele o Troféu Di Thiene em cerimônia ocorrida no dia 10 de dezembro de 1976. A honraria

consistiu em uma justa homenagem àquele que foi considerado “o enxadrista do ano”, coroando não só a excelência de sua marca naquele ano de 1976, mas também a sua história de capítulos vitoriosos nos tabuleiros de xadrez e da vida. ■

#### NOTAS

<sup>1</sup> XADREZ através dos séculos. Disponível em: <https://www.chess.com/pt-BR/article/view/xadrez-origem-primeiros-jogadores-destaque>. Acesso em: 28 mai. 2024.

<sup>2</sup> CASTRO, Celso. Uma história cultural do xadrez. p. 2-3. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/sever/api/core/bitstreams/d069710c-0907-42c1-8710-30cf3d50adae/content>. Acesso em: 28 mai. 2024.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 4.

<sup>4</sup> ESPORTE chegou ao país em 1808 com D. João 6º. *Folha de S. Paulo*, 19 out. 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1910200417.htm#:text=0%20xadrez%20torneu%20e%20o%20conhecido,foi%20realizada%2072%20anos%20depois>. Acesso em: 3 jun. 2024.

<sup>5</sup> MATHIAS, Herculano Gomes. Machado de Assis e o jogo de xadrez. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, vol. XIII (1952), p. 143-188, 1964, p. 143-144. Disponível em: <https://anaismhn.museus.gov.br/inddex.php/anthm/issue/view/23/Anais%20do%20Museu%20Hist%C3%B3rico%20Nacional%2C%20v%2013%2C%20ano%201952>. Acesso em: 3 jun. 2024.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 143 e p. 172-178.

MEDICI, Ademir. *Uma história de campeões: os 89 anos do São Caetano Esporte Clube*. São Caetano do Sul: NeoGraf Ind. Graf. e Editora Ltda., 2003, p. 109.

<sup>7</sup> ENTUSIASMO em torno do campeonato de xadrez. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VII, n. 288, 10 jan. 1953, última página.

<sup>8</sup> ZUNTINI, Ivo. Esporte não é somente futebol. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano IX, n. 538, 13 jul. 1955, última página.

<sup>9</sup> CAMPEONATO de xadrez patrocinado pelo Jornal de São Caetano. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VII, n. 287, 7 jan. 1953, última página.

<sup>10</sup> *Ibidem*.

<sup>11</sup> COROADO de pleno êxito o I Torneio de Xadrez. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VII, n. 298, 14 fev. 1953, última página.

<sup>12</sup> INÍCIO do I Campeonato Popular de Xadrez. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VII, n. 295, 4 fev. 1953, última página.

<sup>13</sup> COROADO de pleno êxito o I Torneio de Xadrez, art. cit.

<sup>14</sup> HOJE a sensacional simultânea de xadrez. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VIII, n. 412, 3 abr. 1954, última página.

<sup>15</sup> MÂRCIO Elísio de Freitas. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A1rcio\\_El%C3%A9sio\\_de\\_Freitas](https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A1rcio_El%C3%A9sio_de_Freitas). Acesso em: 5 jun. 2024.

<sup>16</sup> CAMPEÃO de xadrez visita S. Caetano. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano X, n. 556, 21 set. 1955, última página.

<sup>17</sup> JORNAL de São Caetano, São Caetano do Sul, ano X, n. 562, 12 out. 1955, p. 3.

<sup>18</sup> CAMPEÃO de xadrez. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VIII, n. 437, 3 jul. 1954, p. 3.

<sup>19</sup> JOGO de xadrez japonês. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano IX, n. 472, 10 nov. 1954, última página.

<sup>20</sup> JORNAL de São Caetano, São Caetano do Sul, ano IX, n. 520, 11 mai. 1955, última página.

<sup>21</sup> JORNAL de São Caetano, São Caetano do Sul, ano IX, n. 536, 6 jul. 1955, última página.

<sup>22</sup> TERMINOU o torneio de xadrez. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano IX, n. 540, 20 jul. 1955, última página.

<sup>23</sup> TORNEIO interclubes de xadrez. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano IX, n. 529, 11 jun. 1955, p. 3.

<sup>24</sup> KEIGO Toyoda é o campeão. *O Arauto do Pentágono*, São Caetano do Sul, fev. 1976.

Cristina Toledo de Carvalho é historiadora, mestre e doutora em História Social pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É autora do livro *Migrantes amparados: a atuação da Sociedade Beneficente Brasil Unido junto a nordestinos em São Caetano do Sul (1950-1965)*, lançado pela Fundação Pró-Memória em 2015, e de mais de 60 artigos publicados na revista *Raízes*, além de integrante de sua Comissão Editorial.

# Aquelas histórias familiares...

☰ Maria de Lourdes Pires Barros

SÃO CAETANO DO SUL não é diferente de tantos lugares: também tem muitas histórias para contar, com muitos personagens. Registros públicos ou particulares de antigos moradores - como fotos, documentos e entrevistas - foram construindo a história oficial da cidade. Além disso, há obras literárias que trazem algumas referências sobre a São Caetano antiga. O escritor naturalista Júlio Ribeiro, em *A carne*, e a romancista Zélia Gattai, em *Anarquistas, graças a Deus*, narraram peculiaridades sobre a vida cotidiana dos habitantes em períodos diversos do futuro município: os anos finais do Segundo Império e as primeiras décadas da República, respectivamente.

Mas há aquelas histórias que, sem qualquer registro oficial ou literário, só sobreviveram até



Felice Perrella e Tarcila Pellizzari Perrella. Foto de cerca de 1928

hoje por mero acaso, ao serem narradas pelos antepassados e transmitidas oralmente através das gerações seguintes, tendo, se tanto, registros circunstanciais.

Na sequência, relato uma dessas histórias de família cujo personagem principal teve uma breve relação social com a São Caetano antiga. Breve, mas *pitoresca*, afinal foi um respeitado artista plástico: Waldemar Belisário Pellizzari ou, simplesmente, Belisário.

Nascido em 20 de setembro de 1895 na propriedade paulistana do casal Lydia Dias de Aguiar e Estanislau do Amaral, os quais foram seus padrinhos de batismo, era o primogênito de Antonio Pellizzari e Fortunata Bicego Pellizzari, imigrantes da região de Vicenza (norte da Itália) que chegaram ao

Arquivo/Maria de Lourdes Pires Barros

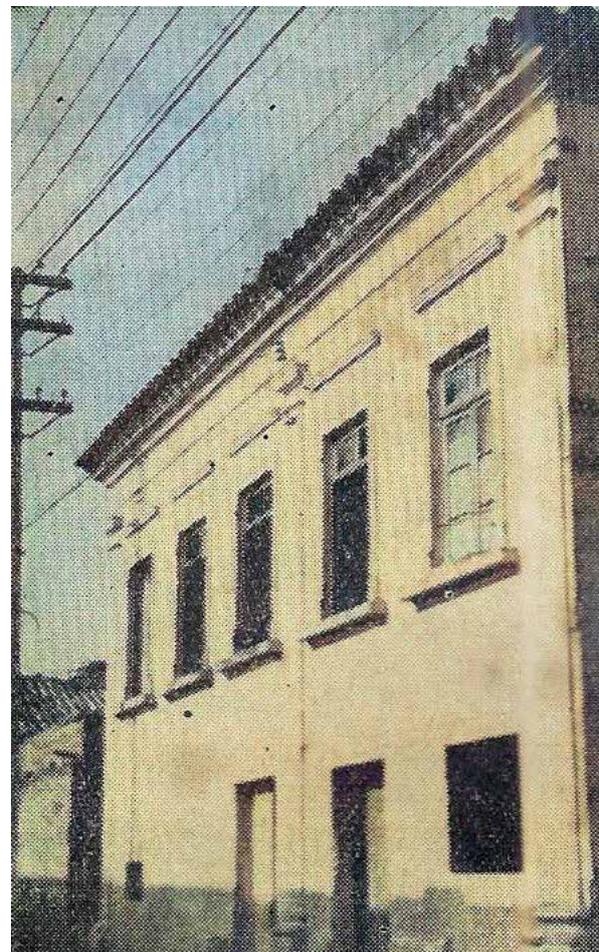
Brasil em 1890. Tempos depois, em 1901, o casal teve uma filha que também foi apadrinhada pelos Amaral e recebeu o nome de Tarcila Amacia Pellizzari, numa provável homenagem à filha dos padrinhos, uma adolescente que - na época - completava seus estudos em Barcelona (Espanha). Dentro de alguns anos, essa jovem estudante ficaria nacionalmente conhecida como Tarsila do Amaral (1886-1973), uma pintora de estilo vanguardista muito aclamada até os dias de hoje. Nas breves biografias de Belisário disponíveis para pesquisa, ele é citado como um “irmão de criação” da artista, dando o compadrio dos genitores de ambos. Mas não era bem assim.

A família Amaral pertencia à aristocracia paulista. O patriarca, coronel José Estanislau, possuía mais de 20 fazendas espalhadas pelo interior de São Paulo, nas quais se destacava a cultura do café. É provável que os Amaral tivessem conhecido os Pellizzari durante uma estadia na península italiana, quando, possivelmente, incentivaram o jovem casal a migrar para o Brasil. Os Pellizzari ficaram como agregados da família Amaral, dado que Antonio Pellizzari era exímio em marcenaria, escultura, marchetaria e restauração de peças de arte em madeira. Assim, o menino Belisário vivia entre o palacete onde nasceu, na Rua Visconde do Rio Branco (atual Barão

do Rio Branco), e as periferias por onde seus pais iam se deslocando (bairros do Brás, Mooca e Estação São Caetano). Na juventude, viveu entre o solar dos Amaral, na Rua Barão de Paranapiacaba, ou no ateliê de Tarsila (na Rua Vitória). Às vezes, acompanhava o pai até o interior, nos serviços que este executava nas fazendas. Aos 11 anos trabalhou por um tempo com a mãe no Cotonifício Crespi, na Rua Taquari.

Mas o menino Belisário queria mais. Tinha aptidão para o desenho e queria estudar. Seu pai o incentivava.

Teve suas primeiras noções de desenho na Escola Benjamin Constant. Anos depois, ingressou no Liceu de Artes e Ofícios (Bairro da Luz), onde foi aprimorando suas técnicas de composição e uso das diversas tintas e telas em paisagens, naturezas mortas, com modelos vivos, retratos, etc. O interesse e o esforço do aluno acabaram chamando a atenção do professor Georg Fisher Elpons, que o orientou no uso de novas técnicas. Em 1919, aos 24 anos, conseguiu levar sua tela *Velho Tamandua-they*, pintada próxima ao Bairro do Glicério, na XXVI Exposição Geral de Belas Artes do Rio de Janeiro, onde recebeu uma menção honrosa pelo trabalho. A premiação lhe valeu um novo *status* dentro da família Amaral, quando passou a ser tratado com maior apreço.



Em fevereiro de 1922 aconteceu a Semana de Arte Moderna na capital paulista. O evento tinha como principal objetivo apresentar obras que valorizassem a brasilidade nas inspirações culturais, opondo-se ao conservadorismo e ao academicismo de inspiração europeia, predominantes nas manifestações artísticas até então.

Mas esse movimento revolucionário das artes era capitaneado por um grupo de descendentes da aristocracia brasileira: Mário de Andrade, Graça Aranha, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Guilherme de Almeida, Heitor Villa-Lobos, Anita Malfatti... Muitos fora desse grupo, embora interessa-



Residência de Savério Perrella e família na Rua Rio Branco, nº 44

dos pelo movimento, acabaram excluídos. Num época em que artistas eram considerados párias, para divulgarem seus trabalhos só tendo dinheiro. Pintores e escultores, por exemplo, precisavam alugar espaços para exporem suas obras, pois não havia galerias de arte. Artistas sem recursos financeiros trabalhavam fazendo “bicos”: retocando fotografias, restaurando mobiliários, pintando paredes, ou no chamado “serviço de cozinha” dos ateliês daqueles já famosos. Era o caso de Belisário que, no ateliê de Tarsila do Amaral, lavava os pincéis.

Foi sob esse contexto que Belisário resolveu agrupar artistas da periferia, como ele, para organizar uma exposição de arte com o objetivo de divulgar e vender seus trabalhos. Assim, em setembro de 1922, integrando as comemorações do centenário da Independência, surgiu o I Salão Paulista de Artes Plásticas, numa das salas cedidas do ainda inacabado Palácio das Indústrias (que seria inaugurado somente em 1924), na várzea do Carmo. O apoio à exposição veio dos próprios diretores do Liceu de Artes e Ofícios, especialmente de Ramos de Azevedo. As obras expostas iam num sentido oposto às tendências modernistas: paisagens dos arrabaldes de São Paulo, naturezas mortas, retratos e algumas esculturas, geralmente trazendo referências populares da periferia e das raízes italianas da maioria dos autores. O público foi pequeno, devido ao local ser considerado de acesso ruim, na época, e também devido à pouca divulgação, mas o evento ganhou uma crítica elogiosa na *Revista do Brasil*, de autoria do escritor nacionalista Monteiro Lobato, que compareceu pessoalmente à exposição.<sup>1</sup>

Mesmo com a baixa repercussão, o grupo foi se ampliando nas décadas seguintes com Alfredo Volpi, Reboló Gonsales, Mário Zanini,

Fulvio Pennacchi, Paulo Rossi Osir, Manuel Martins e outros artistas.

Belisário, por essa época, já havia conquistado algum respeito, mas seus recursos financeiros ainda eram escassos. Pintava diversas telas, muitas delas nem assinava, e vendia a amigos e conhecidos para ir juntando algum dinheiro. O sonho dele, assim como o de outros artistas sem fortuna, era participar do *Pensionato Paulista*, um programa governamental que concedia uma bolsa de estudos e viabilizava uma estadia na Europa, por meio da qual o bolsista poderia se aprimorar frequentando ateliês de pintores consagrados e visitando museus.

Em 1926, Tarsila do Amaral casou-se com Oswald de Andrade, um dos mentores do movimento modernista e da Semana de Arte Moderna. Ambos já apadrinhavam diversos novos expoentes do meio artístico paulista. Uma das protegidas do casal era uma jovem aspirante a escritora e jornalista de nome Patrícia Galvão, apelidada de *Pagu* pelo poeta Raul Bopp. Pagu era uma moça considerada rebelde por sua família burguesa devido a “comportamentos à frente de seu tempo”. Seu instinto libertário não encontrava espaço no seio daquele núcleo

familiar conservador, e Pagu tentava encontrar uma maneira de se libertar das amarras familiares para viver sua vida. Mas, para tanto e naquela época, o único passaporte para uma jovem de 19 anos sair da casa dos pais era o casamento. A sugestão que apareceu foi um casamento de mentira. Mas qual homem se prestaria a um papel de “noivo faz de conta”? E por quê?

Foi então que surgiu a “solução Belisário”, o jovem pintor que tinha um sonho.

O casal *TarsiWald*, como era apelidado, intermediou o acordo: se Belisário e Pagu se casassem, os pais dela não iriam se opor a que saísse de casa. O casamento seria anulado alguns dias depois, e cada um seguiria com sua própria vida: Pagu estaria livre, e Belisário seria indicado por Júlio Prestes<sup>2</sup> para o Prêmio Viagem ao Exterior do Pensionato Paulista. Cheio de planos, Belisário foi persuadido por Oswald de Andrade a aceitar o comum acordo, visualizando uma oportunidade única.<sup>3</sup>

O que Tarsila não havia percebido (supõe-se) é que Andrade, um mulherengo contumaz, e Pagu mantinham um romance às escondidas já há algum tempo. O falso casamento era, na verdade, uma cortina de fumaça para os dois amantes fugirem juntos, e seria pouco provável que Belisário não estivesse ciente disso. E assim foi: em 28 de setembro de 1929, após a cerimônia realiza-



da no cartório de Vila Mariana, Belisário e Pagu seguiram para a estação de São Caetano, onde embarcaram num carro do trem até o Alto da Serra (atual distrito de Paranapiacaba). Lá, Oswald de Andrade já estaria esperando a noiva em fuga para seguirem em direção a Santos. Belisário voltaria para São Paulo.

Relatos sobre essa trama novelesca têm várias versões nas biografias de cada vértice desse quadrilátero amoroso. Mas nenhuma dessas versões cita a fugaz passagem do casal pelo então distrito de São Caetano. Esse pormenor, confirmado pelas testemunhas oculares da época, deve-se a uma história oral de família. Antes de embarcarem no trem, Belisário e Pagu pararam no número 44 da Rua Rio Branco (alguns metros antes da estação), onde estaria o cunhado Felice Perrella, já casado com Tarcila Pellizzari, a irmã do noivo. Por algum tempo, Pagu teria aguardado Belisário no interior

Herminia Perrella (a que viu Pagu) à esquerda da foto. Ao lado, Aurélia Perrella, filha de Savério Perrella. Ambas em frente ao casarão da família na Rua Rio Branco, nº 44, no final da década de 1920



Acervo/Lúcio Rabello-Cortez Pagu/Unisoma

Pagu em foto dos anos 1920



Pintura em óleo sobre tela, dos anos 1930, que retrata a Riva Rossa, de autoria de Belisário Pellizzari

do casarão do sogro de Tarcila, Savério Perrella. Lá, ela foi vista por Hermínia Perrella, a neta mais velha do dono da casa, sendo assim descrita: “Era uma moça bonita, muito maquiada, com a boca bem desenhada por um batom vermelho”. (Aqui, uma contextualização: a descrição da observadora concentrou-se sobre a maquiagem bem marcada de Pagu, porque isso era algo de uso impensável para as “moças de família” daquela época).

Nada se soube acerca das circunstâncias do fato: quantos minutos o casal teria permanecido no local ou o motivo da visita. Talvez tenha havido alguma razão prática, como conseguir alguma ajuda com as passagens. Ou uma razão banal, como aguardar o horário

do trem para Santos num local reservado. Bem, isso vai ficar no campo das hipóteses...

Pagu cumpriu com sua parte no acordo: Belisário foi indicado para o *Pensionato Paulista* e o casamento foi anulado semanas depois. Mas faltou combinar com o destino: no mês seguinte, outubro de 1929, estourou a crise econômica mundial com a quebra da bolsa de Nova York. A economia brasileira foi atingida em cheio, provocando recessão e desemprego. No ano seguinte, o presidente Washington Luís foi deposto, com Getúlio Vargas dando um golpe de Estado e tomando o poder. Como nas crises econômicas e políticas os pri-

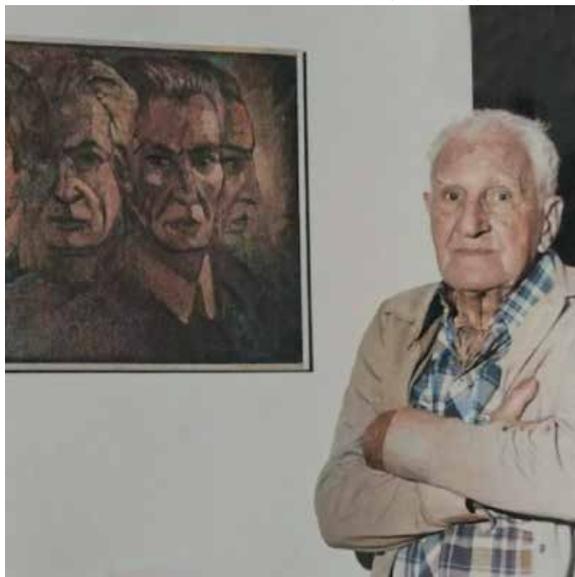
Obra *Ilhabela*, de 1930



meiros setores a sofrerem cortes são os da educação e da cultura, o *Pensionato Paulista* foi extinto e Belisário perdeu sua chance única de se aprimorar na Europa.

E como se não bastasse todo esse contratempo, a fúria dos Amaral - devido ao óbvio e rumoroso escândalo - recaiu especialmente sobre os ombros de Belisário, “o agregado que pagou todo o acolhimento recebido da aristocracia com traição”. Na família Amaral, seu nome foi proibido assim como qualquer referência à sua pessoa.

Decepcionado com tudo, Belisário lamentou-se com o amigo Martins Fontes, que o aconselhou a se isolar por uns tempos



Belisário, em foto dos anos 1970, ao lado de seu autorretrato

no arquipélago de Villa Bella da Princesa (atual município de Ilhabela, litoral norte de São Paulo). Lá, o artista se viu diante de um paraíso quase intocado, com fortes influências do folclore local; uma imensa fonte de inspiração para novas telas. Na ilha, conheceu a professora Celina Guimarães, com quem se casou em 1937, e, nos anos seguintes, ambos passaram a desenvolver projetos educacionais e artísticos envolvendo a comunidade caieira local. Em 1968, criaram o primeiro salão de artes da cidade.

Em 1974, Belisário recebeu a visita do então diretor do Museu de Arte de São Paulo (Masp), Pietro Maria Bardi, interessado em preservar a memória dos pintores esquecidos da geração de 1922. Uma mostra individual do artista ocorreu no ano seguinte, quando completou 80 anos.<sup>4</sup> Ele faleceria em 22 de fevereiro de 1983.

Em 2004, foi um dos personagens da minissérie *Um Só Coração*, produzida pela Rede Globo em comemoração dos 450

anos da capital de São Paulo.<sup>5</sup>

Para comprovar a relação de Belisário com São Caetano, além dos poucos parentes que ficaram, esperava-se terem restado as pinturas que ele vendia por aqui para obter recursos. Praticamente, todos os filhos de Savério Perrella tinham pelo menos uma tela comprada do artista entre as décadas de 1920 e 1930. Infelizmente, quase todas essas obras se perderam com o tempo. Quase todas, porque trago notícias de duas obras resilientes: uma delas retrata a temida Riva Rossa<sup>6</sup>, um caminho de acesso a São Paulo, e a outra retrata uma praia em Ilhabela, provavelmente na baía de Castelhanos<sup>7</sup>, onde o pintor se refugiou a princípio, assim que resolveu se estabelecer no arquipélago.

Em Ilhabela, Waldemar Belisário Pellizzari é hoje nome de rua, escola, salão de artes e museu. Ainda assim, isso não foi suficiente para conservar seu pedaço de paraíso, onde encontrou a inspiração, a paz e a serenida-

de. Composto por uma modesta casa com um ateliê frontal construídos por ele próprio e pela esposa, não resistiram ao poder da especulação imobiliária e desapareceram em 2005.<sup>8</sup>

Narrar, aqui, esta história só foi possível graças à valorização de memórias familiares e à preservação de dois pequenos quadros (óleos sobre tela). São Caetano do Sul também tem uma história que valoriza a memória e as artes. Possui uma pinacoteca. Poderia estabelecer um intercâmbio com Ilhabela e resgatar a história deste artista sonhador que enxergou beleza na paisagem dos antigos arrabaldes. Finalizo, deixando a sugestão. ■

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, Augusto de. *Patrícia Galvão, vida-obra*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.  
MARCONDES, Ana Maria. *Travessia Periférica: a trajetória do pintor Waldemar Belisário*. São Paulo: Editora Imprensa Oficial, 2013.

#### NOTAS

<sup>1</sup> Monteiro Lobato nos visitou numa tarde e na frente de todo mundo me deixou vexado porque ele disse: Olha Belisário, você se destaca nesse ambiente com o retrato de seu pai e o retrato de Tarsila e esses pescadores". Fonte: <http://sociedadewaldemarbelisario.blogspot.com/2010/02/waldemar-belisario-e-monteiro-lobato.html>. Acesso: setembro/2023.

<sup>2</sup> Júlio Prestes foi o único político eleito presidente da República do Brasil pelo voto popular a ser impedido de tomar posse. Foi o 13º presidente (atual cargo de governador) do Estado de São Paulo (1927-1930), sucedido por seu vice Heitor Penteado devido à candidatura de Prestes à presidência da República. Fonte: Wikipédia.

<sup>3</sup> "Fui falar com o Júlio. Não sei como me prestei àquilo. Hoje tudo me parece inacreditável. Mas naquela época não havia o menor escrúpulo (...) Júlio Prestes assinou os documentos necessários que eu levei a Waldemar com a minha proposta. Estabeleceu-se que nosso casamento se realizaria dali um mês". Fonte: FERRAZ, Ceraldo Galvão (org.). *Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão*. São Paulo: Agir, 2005.

<sup>4</sup> "Bardi e os pintores esquecidos". In: *Folha de São Paulo/Caderno Folha Ilustrada*, 29/06/1975, p. 68 (Acervo digital consultado em agosto/2023).

<sup>5</sup> "Um Só Coração" teve autoria de Maria Adelaide Amaral e Alcides Nogueira e foi exibida de 6 de janeiro a 8 de abril de 2004, em 53 capítulos. Belisário foi interpretado pelo ator Juliano Righetto. Fonte: Wikipédia.

<sup>6</sup> Riva Rossa (ou: "subida vermelha") é a atual Rua Ibitirama, na sequência da Rua Mariano Pamplona após a ponte sobre o Rio Tamanduateí: "A pequena ponte dava passagem a uma estrada que seguia em direção a nossa capital, não era propriamente uma estrada parecia mais um caminho para carro de boi (...) a subida dessa estrada era íngreme, os animais escorregavam ao transpô-la no tempo das chuvas (...)". Fonte: PERRELLA, Nicola. *Entre os torbos de São Caetano*. São Paulo: Edições Alarico, 1961, p. 65-66.

<sup>7</sup> As duas telas citadas não levam a assinatura do artista, mas a autoria de ambas - por comparações de traço e estilo - foi ratificada através dos responsáveis pelo acervo de Waldemar Belisário em Ilhabela - SP.

<sup>8</sup> Fonte: <https://novaimprensa.com/2021/10/foto-em-foco-430-salao-waldemar-belisario-o-que-os-olhos-viram.html>, de 24/10/2021. Acesso: agosto/2023.

Maria de Lourdes Pires Barros é bisneta de Savério Perrella.



# Um alemão no meio dos italianos

A HISTÓRIA CONTA QUE, no dia 28 de julho de 1877, chegaram da italiana região de Treviso e Mantua 28 famílias para tomar posse de seus lotes que ficavam dentro do Núcleo Colonial de São Caetano, mas pouco ou nada se fala que cinco desses terrenos não foram parar nas mãos dos italianos, mas sim nas mãos de quatro brasileiros e, acreditem, de um alemão. Uma informação muito importante a ser dada é que o Núcleo Colonial de São Caetano não abrangia apenas o hoje conhecido território do município de São Caetano do Sul, mas também parte do Sacomã, Heliópolis, Moinho Velho e Vila Carioca, sendo todos eles, na atualidade, vilas de São Paulo.

Outra informação pertinente e muito curiosa é que, antes de 1877, ou seja, antes da chegada dos italianos, esse lote “alemão” já pertencia a um cidadão da Alemanha, que, infelizmente, teve seu nome trocado em vários documentos. Ele se chamava Hermann Juncker, mas foi de-

nominado erroneamente como Germano Juncker e até mesmo Germano Junca. Essa informação e as demais deste artigo podem ser encontradas no livro *Subúrbio*, de autoria do professor José de Souza Martins.

As curiosidades não param por aí, já que, em pesquisa junto ao registro paroquial da época, conforme determinava a Lei de Terras, Juncker havia comprado o lote mencionado, em 1853, do engenheiro Carlos Abraão Bresser, que, por sinal, era alemão. Bresser havia comprado as mesmas terras, no ano de 1846, de outro alemão, Leonardo Laugenkhardt. Vale citar ainda que Juncker, por sua vez, vendeu o terreno em 1861 para a São Paulo Railway, que o usou para que, naquele trecho onde se encontrava o lote, passasse a ferrovia. Esclarecemos que o lote em questão, identificado, na época, como um “sítio de terras de campos e matos”, ficava pegado ao Ribeirão do Moinho Velho, onde hoje temos a Vila Carioca. ■



Alunos da Escola Alemã de São Caetano, criada em 1930

A presença alemã na cidade tornou-se significativa a partir de meados da década de 1920, com a intensificação imigratória no Brasil em consequência do término da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). No dia 13 de fevereiro de 1930, foi organizada a Escola Alemã de São Caetano com o objetivo de congregar, por meio do ensino, a comunidade.

**FONTE**

MARTINS, José de Souza. *Subúrbio, Vida cotidiana e história no subúrbio da Cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo: Editora Hucitec e Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992, 363p.

# José de Pádua Reis

## e sua sólida vida familiar e profissional construída em São Caetano do Sul

Acervo/Família Reis



Em 2011, durante os festejos do 134º aniversário da cidade, José de Pádua Reis foi agraciado com a Medalha Di Thiene, a maior honraria outorgada pela Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul a personalidades e entidades que contribuíram relevantemente para o desenvolvimento da sociedade local

**JOSÉ DE PÁDUA REIS** nasceu em Passos (MG), no dia 17 de fevereiro de 1939. Em 1962, formou-se na Faculdade Federal de Odontologia de Diamantina, em Minas Gerais.

Em julho de 1963, casou-se com a também mineira de Passos, Oneida Martins Porto, com quem teve três filhos: Denise Martins Reis Auricchio (esposa do prefeito José Auricchio Júnior), Dênis Martins Reis e Deise Martins Reis Trefiglio. O casal se conheceu na época do colégio e namorou durante cinco anos.

A vinda para São Caetano, ainda na década de 1960, deveu-se, providencialmente, a estada de Pádua na vizinha Vila Prudente, em São Paulo, onde moravam os seus tios Francisco Damasceno de Pádua e Ofélia. Na ocasião, soube da venda de um consultório dentário localizado no centro da cidade, mais precisamente na Rua Manoel Coelho, no prédio em que o concei-

tuado otorrinolaringologista Dr. Fernando Virgílio Campos de Figueiredo (com quem veio a firmar uma grande amizade) atendia.

Na Rua Manoel Coelho, Dr. Pádua permaneceu até os anos 1980, quando mudou o seu consultório para a Praça Cardeal Arcoverde, também na região central de São Caetano. A atuação como cirurgião bucomaxilofacial do Hospital São Caetano por mais de 30 anos foi um ponto marcante em sua promissora carreira. Sua dedicação, seriedade e competência credenciaram-no frente à condução dos casos mais complexos e desafiadores, tão peculiares àquela área da odontologia.

Admirado e bem-quisto, cultivou junto a outros dentistas da cidade laços que ultrapassaram as esferas do exercício do ofício. Desse seu grupo seletivo de colegas de profissão e amigos faziam parte Alberto Lage, André Torres, Lázaro de Paula, Alonso Sebastião Borges, entre outros.

Pelas lembranças da esposa Oneida, José de Pádua Reis nos foi apresentado com muito amor, carinho e saudade. Companheiro de uma caminhada de 60 anos de vida matrimonial, Dr. Pádua era um homem culto e um leitor assíduo de jornal, conforme ela nos confidenciou. Entusiasmada da política, era admirador de Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976), conterrâneo de Minas Gerais que chegou à presidência da República, governando o país de 31 de janeiro de 1956 a 31 de janeiro de 1961.

Como um bom contador de “causos”, também deixou doces reminiscências no coração de Oneida e de seus três filhos. Avô exemplar, construiu um legado de integridade junto aos seus netos Isabella e Thiago Auricchio (deputado estadual) e Beatriz e Bruno Reis Trefiglio. Legado que chegará ao pequeno Dante, bisneto nascido recentemente, filho de Beatriz.

José de Pádua Reis faleceu no dia 1º de dezembro de 2023 em São Caetano do Sul, cidade onde edificou sua sólida carreira e vida pessoal com a coragem típica daqueles que se deixam conduzir pela fé, esperança e amor. Os frutos deixados dão testemunho de sua importância para o segmento odontológico local e, sobretudo, para cada membro de sua querida família. **(Cristina Toledo de Carvalho) ■**



Dr. José de Pádua Reis e Nair Xavier por ocasião de um evento, no início da década de 1970, no Lions Clube de São Caetano do Sul – Santa Paula, do qual fez parte



José de Pádua Reis (à direita) em foto tirada durante uma das edições da Festa da Cerveja do Lions Clube – Santa Paula, no início da década de 1970. Uma das principais promoções da entidade, essa festa mobilizava todos os seus integrantes e a sociedade como um todo. Na imagem, foram também identificados Michael Haber (o primeiro, à esquerda) e os então vereadores Armando Furlan e Gentil Monte (terceiro e quarto, a partir da esquerda)



O casal José de Pádua Reis e Oneida Martins com os filhos Deise, Denise e Dênis em foto de 17 de fevereiro de 2020. Em tal data, Dr. Pádua completou 81 anos de vida

Em reconhecimento aos serviços prestados por José de Pádua Reis à área odontológica de São Caetano do Sul, a prefeitura concedeu o nome do abnegado dentista à Escola Municipal de Educação Infantil (Emei) localizada na Rua Mogi Guassu, nº 80, no Bairro Olímpico.

Construída no local da antiga Emei José Corona, que teve seu prédio demolido em razão de danos estruturais, a Escola Municipal de Educação Infantil José de Pádua Reis é gerida pela Organização da Sociedade Civil (OSC) Pleno Viver, sob a supervisão da Secretaria Municipal de Educação. A novata escola apresenta características modernas, adaptadas às demandas provenientes da educação infantil, com cinco salas de atividades integradas a solários, dois berçários, dois trocadores, uma sala multiuso, playground e uma miniquadra.

A unidade escolar, entregue aos munícipes em evento realizado no último dia 11 de maio, marca a expansão de 200 vagas oferecidas em período integral a crianças de 0 a 5 anos na cidade. Tal evento contou com a presença do prefeito de São Caetano do Sul, José Auricchio Júnior, além de secretários, vereadores e educadores.

Abrilhantada pela apresentação da Banda Marcial de São Caetano do Sul (Bamascs), a cerimônia de inauguração teve como ponto alto a emoção dos familiares de José de Pádua Reis. Por meio de um discurso saudososo, permeado por sentimentos de respeito e estima, o prefeito Auricchio assim se manifestou na ocasião:

“O meu sogro foi uma das pessoas de maior cultura geral com quem pude conviver ao longo da minha vida. De fato, um apaixonado por leitura, por conhecimento. Adorava assuntos políticos. Tinha uma memória afetiva da política de Minas Gerais muito grande. Estudou em uma escola federal criada por Juscelino Kubitschek, e a história que ele mais gostava de contar era a de que ele estava estudando sozinho na biblioteca da universidade, e JK, já presidente da República, pousou em Diamantina, foi ver a faculdade que ele tinha criado e ficou conversando com ele”.

## HOMENAGEM

Foto:Eric Romero (PMSCS)



Fachada da EMEI que leva o seu nome. Localizada na Rua Mogi Guassu, nº 80, no Bairro Olímpico, foi inaugurada no dia 11 de maio de 2024



Foto:Eric Romero (PMSCS)

Durante o evento de inauguração da EMEI, Oneida Martins, viúva de José de Pádua Reis, recebeu uma placa comemorativa das mãos do prefeito de São Caetano do Sul, José Auricchio Júnior, sendo ladeada pela filha Denise Auricchio e pelo neto e deputado estadual, Thiago Auricchio

### FONTES

São Caetano inaugura EMEI José de Pádua Reis com novo modelo de gestão. *Folha do ABC*, 11 mai. 2024. Disponível em: <http://www.folhadoabc.com.br/index.php/secoes/educacao/item/30250-sao-caetano-inaugura-emei-jose-de-padua-reis-com-novo-modelo-de-gestao>. Acesso em: 20 mai. 2024.  
São Caetano do Sul inaugura EMEI José de Pádua Reis e expande vagas em tempo integral. *Portal São Caetano do Sul/NET*, 11 mai. 2024. Disponível em: <https://saocaetanodosul.net/2024/05/11/sao-caetano-do-sul-inaugura-emei-jose-de-padua-reis-e-expande-vagas-em-tempo-integral/>. Acesso em: 20 mai. 2024.

# Elisabete Righetto Soto:

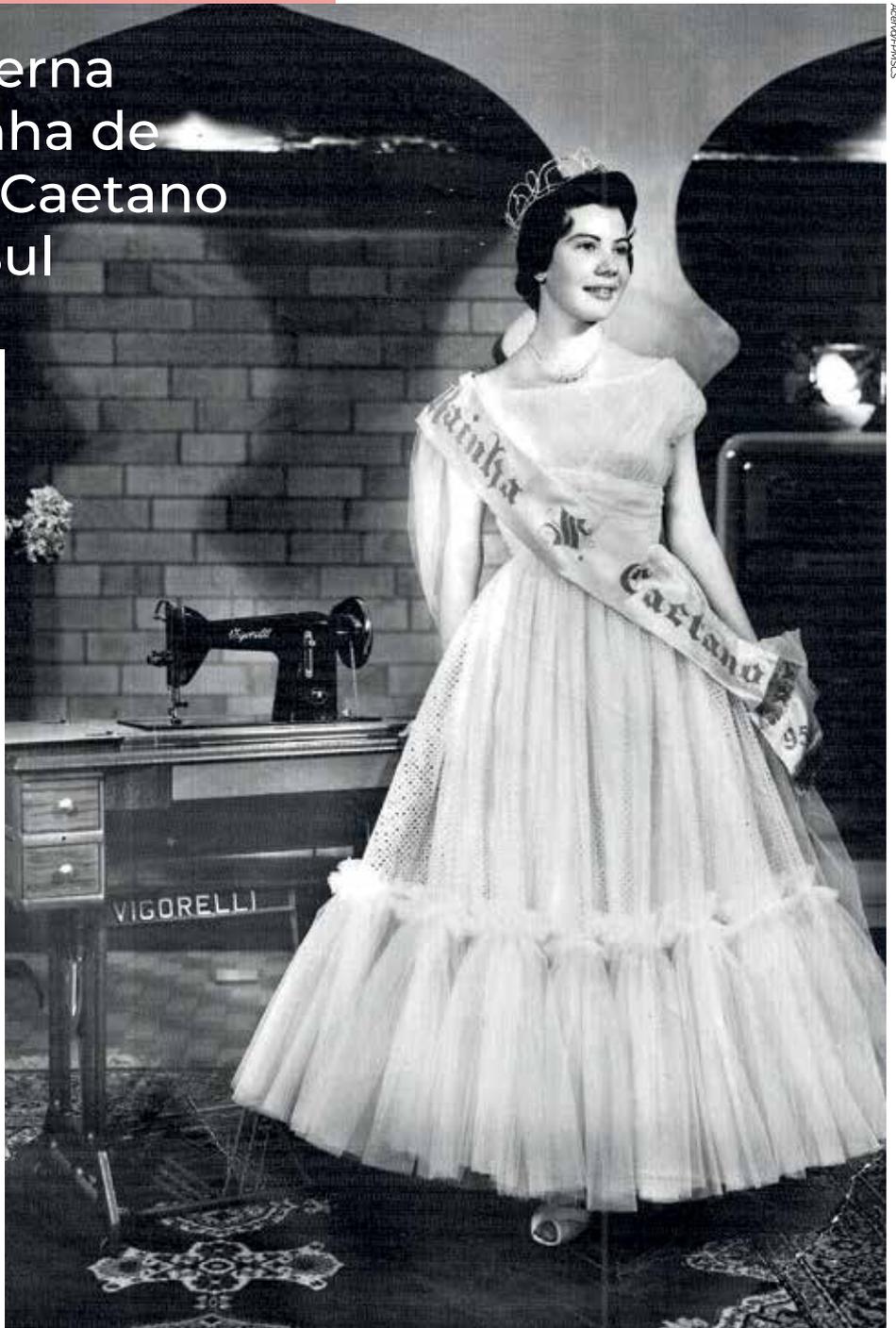
A rainha Elisabete Martins Righetto Soto com sua faixa do concurso realizado em 1958

## A eterna Rainha de São Caetano do Sul

A CIDADE de São Caetano do Sul já elegeu várias misses e muitas rainhas ao longo das últimas sete décadas, mas só a Elisabete Martins Righetto Soto ganhou o título de Rainha Eterna do município. Essa é a sua história.

Ela nasceu no Bairro Cerâmica, em São Caetano, no dia 2 de dezembro de 1943, sendo filha única do casal Waldemar Righetto e Celeste Martins Righetto (a querida dona Zica). Com 25 anos, em 1968, casou-se com Alaúr Soto, que, um dia antes de completarem 24 anos de casados, veio a falecer, deixando-a viúva, aos 49 anos, e com dois filhos: Alaúr José Martins Righetto Soto e Manoel Henrique Martins Righetto Soto. Hoje ela é avó da Catharina e do Jhonatan.

Seus pais mudaram muito de local de residência. Isso fez com



Acervo/FMUSCS

que a pequena Bete estudasse em três grupos escolares diferentes até se formar no ensino fundamental. Da Cerâmica a família se mudou para a Rua São Paulo, depois para Rua Caputira (que trocou de nome para Rua Tapuias e, por fim, Rua Nossa Senhora de Fátima). Mais tarde, foram morar na Rua Piauí, na frente da Igreja São João Batista. A cada mudança, uma nova escola. Do Grupo Sylvio Romero foi transferida para o Grupo Bartolomeu Bueno da Silva e, dali, para o Grupo Escolar Dom Benedito Paulo Alves de Souza.

No ginásio (atual ensino fundamental II), também aconteceram mudanças. Começou estudando no Instituto de Ensino São Caetano do Sul, mas, com a construção e inauguração do Coronel Bonifácio de Carvalho, todos de seu círculo de amizades se transferiram para lá. Bete se recorda de que precisava fazer um exame para entrar nessa escola. Quando percebeu que seus amigos e amigas estavam indo para a outra escola, não titubeou em conversar com o diretor do Instituto, Teixeira, para dizer que estava muito sozinha. Como resultado, no dia seguinte, ela também estava no “Coronel”, e, detalhe, nem o exame ela fez...

A história do concurso já vamos contar. Mas agora o relato é que Bete sempre foi muito dinâmica, comunicativa, nasceu com o dom de conversar. Ela sempre gostou de organizar festas,



A criança Elisabete em pose antevendo a fama futura. Foto do final da década de 1940

correr atrás de prendas para as quermesses, principalmente da Paróquia São João Batista, num tempo em que só existia um cruzeiro e toda verba arrecadada era para construir, inicialmente, a capela. E foi numa dessas quermesses que veio a conhecer seu futuro marido. Aliás, ele sempre dizia que, anos antes, já a admirava, mas nunca havia chegado perto para conversar até aquele 10 de setembro de 1961, quando a conversa virou namoro, que virou casamento. Soto jogava vôlei e chegou a ser convocado para jogar na seleção brasileira. Ele sempre trabalhou na Philips do Brasil, até falecer.

Agora vamos voltar a 1958. Seus pais eram amigos, tanto do vice-prefeito, Lauro Garcia, como do prefeito, Oswaldo Samuel Massei. E eles fizeram o convite para que a Bete, com pouco mais de 14 anos, se candidatasse no concurso de Rainha de São Caetano do Sul, representando a Associação de Proteção e Assistência à Maternidade e à

Infância (Apami). Elisabete não recorda quantas eram as jovens candidatas, mas as duas mais fortes concorrentes eram ela e Terezinha Tegão, que representava a Igreja Sagrada Família.

O concurso oficial de Miss, com desfile de maiô e tudo mais, só chegaria a São Caetano anos depois. Esse foi em 1958. E era na base de venda de votos. A apuração aconteceu no Cine Urca, com show promovido pela Rádio Cacique e presença dos cantores Cauby Peixoto e Carlos Gonzaga. O sucesso foi tanto que saiu em todos os jornais da época, como *A Gazeta Esportiva*. Nos anos seguintes, o *News Seller* (atual *Diário do Grande ABC*) continuou noticiando tudo o que a Elisabete fazia. Ela se tornou uma das jovens mais famosas de São Caetano do Sul na época.

A coroação aconteceu no salão de festas do São Caetano Esporte Clube, que, na ocasião, ficava na Rua Perrella. Nessa noite, ganhou, acreditem, um vaso para flores. Só o vaso, sem as flores. E nem era de cristal. Mas, em seguida, vieram mais prêmios. Ganhou tecidos da Casa Rafael e uma máquina de costura da Casa Del Rey. O Foto Guerreiro foi responsável, por anos, pelas suas fotos em eventos festivos.

Bete atuou por um tempo como manequim e participou de vários desfiles. Teve até um encontro com o famoso costurei-

ro Dener Pamplona. Até os 18 anos, participou como patronesse de diversos eventos universitários e chegou a ser jurada de concursos de miss infantil em programas de TV.

Dos 50 até completar 75 anos, sempre organizou festas esplêndidas por ocasião de seu aniversário. Eram eventos realmente bastante concorridos e badalados. Mas, desde então, prefere comemorar viajando. Escolha que já realiza há cinco anos.

Bete olha para trás e, com orgulho e alegria, fala de sua vida. Recordar-se, com brilho nos olhos, de quando participou da ala das baianas da Escola de Samba Rosas de Ouro. Na ocasião, por ser a única participante branca, teve foto publicada na *Revista Manchete*. Outro momento importante da sua vida foi ter participado de peças teatrais, em especial a *Rainha do Rádio*, que alcançou muito sucesso e foi encenada no Teatro Santos Dumont e na então recém-inaugurada sede do Sesc São Caetano, na Rua Piauí.

Essa bela história teve mais um capítulo muito importante. Anos atrás, durante uma festa que acontecia no Clube Gonzaga (atual Clube Recreativo e Esportivo Santa Paula), com show de Moacir Franco e do falecido cantor Marciano, o então prefeito Luiz Olinto Tortorello a chamou ao palco e nomeou Bete como a “eterna Rainha de São Caetano do Sul”. Sem dúvida, um título que vai se perpetuar para todo o sempre. **(Humberto Domingos Pastore) ■**

1. Festa de coroação de Elisabete, que aconteceu no salão do São Caetano Esporte Clube



2. Momento em que ganhava um vaso das mãos de Pablito, músico da Orquestra Los Guarachos, após ter sido anunciada como vencedora



3. Após sua coroação, Bete passou a ser muito requisitada para participar de desfiles



4. Até recentemente, Bete participou de desfiles beneficentes, o que sempre gostou muito de fazer. Foto do ano 2000



5. O casamento de Elisabete e Alaúr Soto aconteceu em 1968



6. Elisabete em foto de 2024, quando foi homenageada no projeto Cidadão da História, que reconhece moradores antigos da cidade



Acervo/Família Righetto Soto



# O famoso coreto da Praça Cardeal Arcoverde

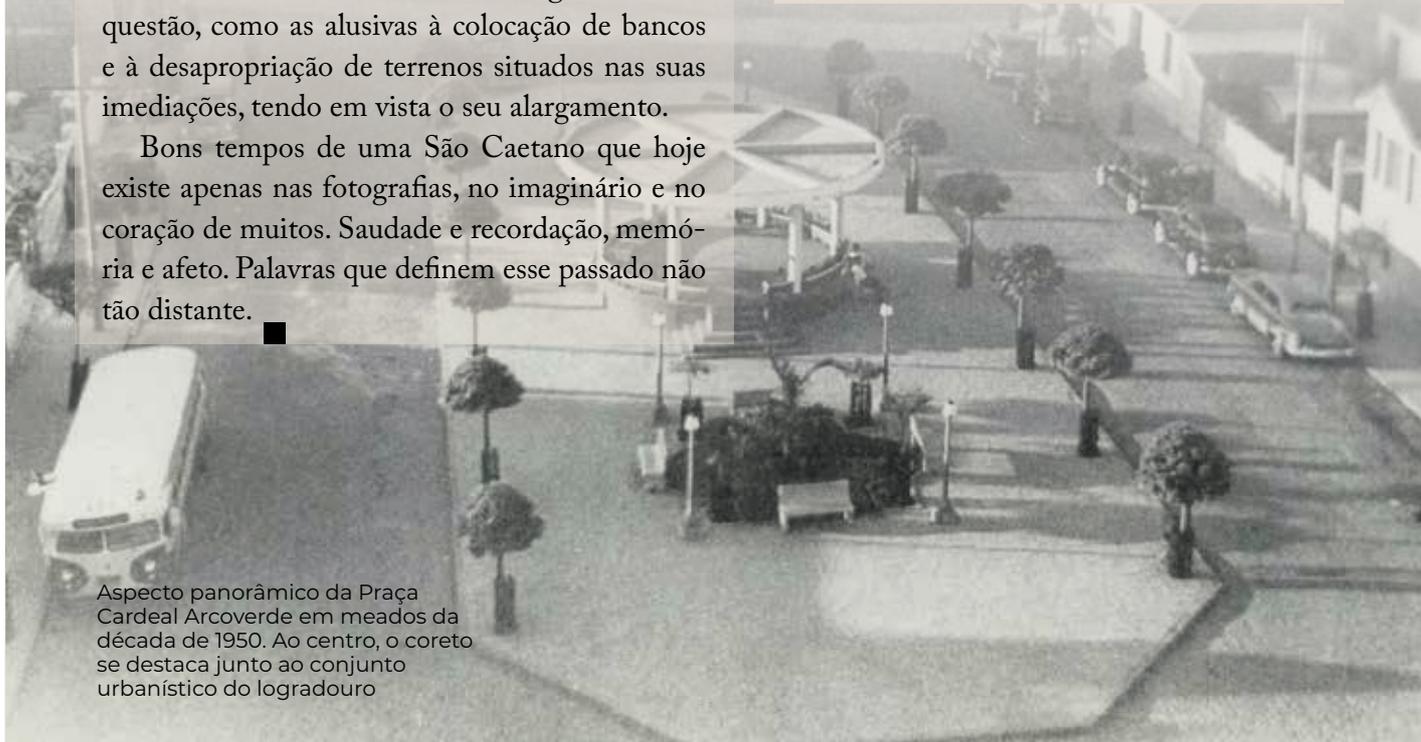
Ao longo dos anos, a Praça Cardeal Arcoverde adquiriu diferentes configurações e características. As imagens apresentadas nesta edição registram um de seus períodos mais nostálgicos e emblemáticos.

Ajardinada e arborizada durante o primeiro mandato do prefeito Anacleto Campanella (1953-1957), no contexto da promoção de obras que objetivavam a urbanização e o embelezamento da cidade, a praça tinha como marca principal, nessa época, o famoso coreto, ponto de referência e encontro para os seus frequentadores e passantes. Sua instalação foi fruto de propositura encaminhada na primeira legislatura da vida municipal de São Caetano do Sul (1949-1953), inserindo-se ao lado de outras propostas que almejavam também o melhoramento do logradouro em questão, como as alusivas à colocação de bancos e à desapropriação de terrenos situados nas suas imediações, tendo em vista o seu alargamento.

Bons tempos de uma São Caetano que hoje existe apenas nas fotografias, no imaginário e no coração de muitos. Saudade e recordação, memória e afeto. Palavras que definem esse passado não tão distante. ■

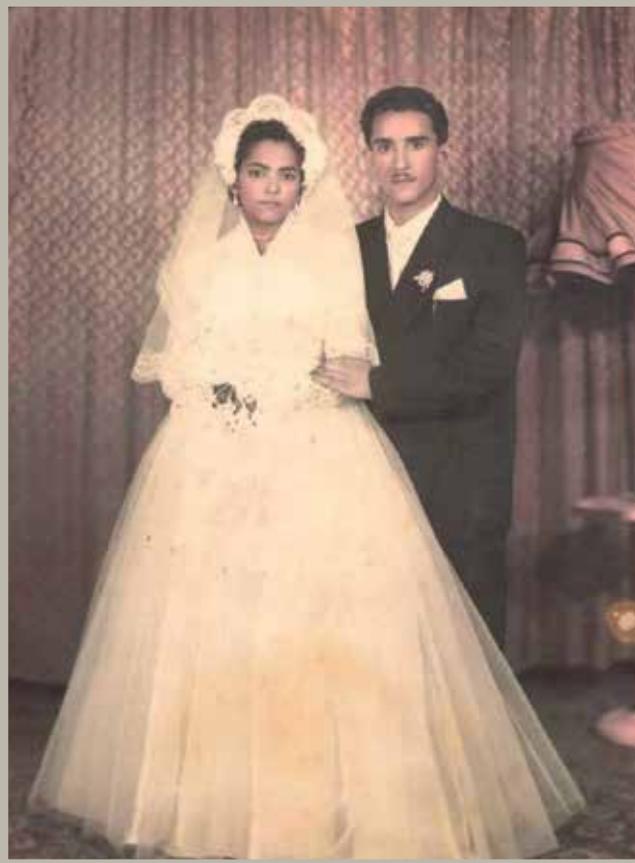


Duas crianças na Praça Cardeal Arcoverde posam para a foto na década de 1950. O registro deu-se durante uma das edições dos festejos comemorativos do aniversário de São Caetano, como atesta a decoração presente no coreto, que exalta o "28 de Julho". Ao fundo, o templo da Paróquia Sagrada Família, outro marco importante da praça



Aspecto panorâmico da Praça Cardeal Arcoverde em meados da década de 1950. Ao centro, o coreto se destaca junto ao conjunto urbanístico do logradouro

## Acervo Julio César Rodrigues Coelho



Registro do casamento de Pedro Rodrigues Coelho e Terezinha Felix Coelho, realizado em 1955. A cerimônia foi realizada na Igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição, em São Paulo. Ainda na mesma década, o casal passaria a morar em São Caetano do Sul, estabelecendo-se na Rua Bahia, no Bairro Boa Vista, pois ambos trabalhavam nas Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo. Em 1972, nos seus dias de folga, Coelho começou a vender roupas na porta da fábrica onde trabalhava. Dois anos depois abriu sua primeira loja de vestuário, a Modas Dó Ré Mi, que ficava na Rua Manoel Augusto Ferreirinha. A segunda loja foi inaugurada em 1976, na Rua Boa Vista, chamada Bazar e Loja Boa Vista. Em 1980, o casal abriu um terceiro estabelecimento, também na Rua Boa Vista, chamado Moveletrolar Móveis. Em 1990, encerraram suas atividades comerciais.



Os irmãos Anselmo Rodrigues Coelho e Júlio Cesar Rodrigues Coelho, então com 1 ano de idade (filhos de Pedro e Terezinha), brincam na frente da residência da família, na Rua Bahia, no Bairro Boa Vista



Em foto de 1964, na residência de Pedro e Terezinha, aparecem João Felix (irmão de Terezinha, à esquerda) e Urcino Rodrigues Coelho (irmão de Pedro) e as crianças (filhos do casal), a partir da esquerda, Sérgio (nascido em 1958), Paulo (de 1963), Celso (1961) e Anselmo (de 1957)

# 20 anos se passaram E a história de uma grande conquista permanece viva

## Associação Desportiva São Caetano, Campeã Paulista de Futebol de 2004



Luiz Domingos Romano

A história do título começa em 21 de janeiro, no primeiro jogo, no Estádio Anacleto Campanella. Resultado: Associação Desportiva (A.D.) São Caetano 3 x 2 Mogi Mirim F.C. Expectativa criada. Seria o ano do Azulão?

Viriam novas vitórias, emoções renovadas, e a expectativa das reprises dos vice-campeonatos, em 2000, da Copa João Havelange, em 2001, do Campeonato Brasileiro, e, em 2002, da Copa Libertadores da América.

São Caetano, o Azulão, sensação do futebol brasileiro, vinha com a esperança de alcançar a posição de campeão.

**O Paulistão** - Enfim, um título. Campeonato Paulista de 2004. Quinze jogos, uma única derrota. E o Azulão chega a mais uma decisão, agora diante do Paulista

Futebol Clube, de Jundiaí. Para a glória ficou a performance diante de três grandes: Sociedade Esportiva Palmeiras, São Paulo Futebol Clube e Santos Futebol Clube. Seria o fim da saga dos vice-campeonatos obtidos?

Era o sonho do torcedor, em especial das torcidas Bengala Azul, Comando Azul, Gladiadores, Jovem Azulão 13, Sangue Azul e Azulocura, representantes legítimos da população de São Caetano do Sul.

O Azulão virava uma febre, e não apenas na cidade. Mas foi aqui que o cenário ganhou a cor azul das bandeiras nas janelas das casas, apartamentos, nos carros e nas ruas. A camisa do Azulão era agora moda, a mais importante moda do mundo do futebol.

**18 de abril de 2004, o dia da glória** - Domingo com "céu de

brigadeiro", totalmente azul. O dia da grande final. O palco mais sagrado do futebol paulista, o Estádio Paulo Machado de Carvalho, o lendário Pacaembu, vai receber a decisão do campeonato entre A.D. São Caetano e Paulista F.C..

Delegações sul-são-caetanenses dirigiam-se ao Pacaembu. Uma grande carreata formada e mais de 150 ônibus lotados. A ordem era invadir e lotar o estádio.

A cidade em polvorosa. Clima positivo. Televisão e aparelhos de rádio sintonizados. Emoção. Clima de positivismo e total confiança. Desta vez, o título virá.

Palmeirenses, corintianos, são-paulinos e santistas, união geral em torno do Azulão. Bares, lanchonetes, restaurantes enfeitados. Predomina a cor azul.

**Primeiro tempo** - Diria o saudoso locutor esportivo Fiori Gigliotti: “Abrem-se as cortinas e começa o espetáculo”. Estádio lotado. A torcida azulina forma um verdadeiro mar azul nas arquibancadas. Nervosismo em ambas as partes, do Azulão e do Galo da Serra do Japi.

Vinte minutos do primeiro tempo. O São Caetano, sob a direção do técnico Muricy Ramalho, transforma o domínio do jogo em gol. Com Marcinho, gol do Azulão. O grito de gol vence o Vale do Pacaembu, ultrapassa a Avenida Paulista, cruza o Ipiranga, toma conta do histórico Tijuçuçu.

**Segundo tempo** - Os mais preocupados diriam: “Gente, ainda falta todo o segundo tempo”. Não, pessoal, não tem pra ninguém. O Azulão mantém a predominância total da partida. Controla o jogo. Dá show. A crônica repete o velho chavão: “O São Caetano está mais perto do segundo gol do que o Paulista do primeiro.”

A torcida azulina canta, comemora. E, aos 43 minutos, a festa se completa. Mineiro, o craque Mineiro, finaliza com raça, determinação e, por que não dizer, com uma lágrima nos olhos? São Caetano 2, Paulista, 0. “Um clube predestinado para a glória”, como diz o seu hino.

Associação Desportiva São Caetano, campeã paulista de futebol 2004. A saga dos vice-campeonatos acabou. Vice é coisa do passado. Chegou a nossa vez de gritar: “É campeão, é campeão!”

Adenor Leonardo Bachi, o Tite, também merece menção honrosa e seu nome incluso na galeria dos campeões paulistas de 2004.

**A festa** - Começa no Pacaembu. Toma as ruas de São Paulo. Alcança a Avenida Goiás. Milhares de torcedores, com suas bandeiras e o peito aberto, aguardam a chegada dos jogadores. E eles vêm, num trio elétrico, mostrando a taça de campeão. Fogos de artifício, fumaça azul e um mar de bandeiras transformam a vida da cidade. A festa prossegue até altas horas da madrugada.



Equipe campeã da A.D. São Caetano no Estádio do Pacaembu, no dia da final do campeonato, em 18 de abril de 2004



Jogadores celebram título com a torcida, na Avenida Goiás, em São Caetano



Comemoração dos jogadores do Azulão ao final da partida

## A TRAJETÓRIA

**21/1/2004**

Estádio Anacleto Campanella  
São Caetano 3 x 2 Mogi Mirim  
Gols: Marcinho, Adhemar e Mineiro

**25/1/2004**

Estádio Urbano Caldeira, Vila Belmiro - Santos  
Santos 1 x 1 São Caetano  
Gol: Fábio Santos

**28/1/2004**

Estádio Anacleto Campanella  
São Caetano 0 x 0 Santo André

**1/2/2004**

Estádio Brinco de Ouro da Princesa - Campinas  
Guarani 1 x 1 São Caetano  
Gol: Anderson Lima

**8/2/2004**

Estádio Ideonor Ricardi Semeghini - Itápolis  
Oeste 2 x 2 São Caetano  
Gols: Gilberto e Somália

**15/2/2004**

Estádio Anacleto Campanella  
São Caetano 0 x 1 Marília

**21/2/2004**

Estádio Anacleto Campanella  
São Caetano 1 x 0 Palmeiras  
Gol: Mineiro

**28/2/2004**

Estádio Novelli Junior - Itu  
Ituano 2 x 3 São Caetano  
Gols: Warley (2) e Marcinho

**7/3/2004**

Estádio Anacleto Campanella  
São Caetano 5 x 1 Paulista  
Gols: Fabrício Carvalho, Mineiro, Marcinho e Euller (2)

**14/3/2004**

Estádio Hermínio Ometto - Araras  
União São João 0 x 1 São Caetano  
Gol: Marcinho

**21/3/2004 – Quartas de Final**

Estádio Cicero Pompeu de Toledo,  
Morumbi – São Paulo  
São Paulo 0 x 2 São Caetano  
Gols: Fabrício Carvalho (2)

**28/3/2004 – Semifinal (1º jogo)**

Estádio Urbano Caldeira, Vila Belmiro - Santos  
Santos 3 x 3 São Caetano  
Gols: André Luís (contra), Warley e Gustavo

**3/4/2004 - Semifinal (2º jogo)**

Estádio Anacleto Campanella  
São Caetano 4 x 0 Santos  
Gols: Euller, Fabrício Carvalho e Marcinho (2)

**11/4/2004 – Final (1º jogo)**

Estádio Paulo Machado de Carvalho,  
Pacaembu – São Paulo  
Paulista 1 x 3 São Caetano  
Gols: Euller e Warley (2)  
Paulista: Marcio, Lucas, Danilo, Asprilla, Galego,  
Alemão (Fábio Mello), Umberto, Ailton (Tiago  
Almeida), Canindé, Marcio Mossoró (Amaral), João  
Paulo. Técnico: Armelino Donizetti Quagliato (Zetti)  
São Caetano: Silvio Luiz, Tiago, Dininho, Serginho,  
Mineiro, Marcelo Mattos, Gilberto, Marcinho,

Triguinho, Euller (Warley), Fabricio Carvalho (Fabio Santos). Técnico: Muricy Ramalho  
Árbitro: Luiz Seneme  
Renda: R\$ 117.490,00  
Público: 10.014 pagantes

#### 18/4/2004 – Final (2º jogo)

Estádio Paulo Machado de Carvalho, Pacaembu – São Paulo  
São Caetano 2 x 0 Paulista  
Gols: Marcinho e Mineiro  
São Caetano: Sílvio Luiz, Anderson Lima, Dininho, Serginho, Triguinho, Mineiro, Marcelo Mattos, Gilberto, Marcinho (Lúcio Flávio), Euller (Warley), Fabricio Carvalho (Fabio Santos). Técnico: Muricy Ramalho  
Paulista: Marcio, Lucas, Danilo, Asprilla, Galego, Alemão, Umberto (Marcio Mossoró), Ailton (Fabio Mello), Canindé, Izaias, João Paulo (Davi). Técnico: Armelino Donizetti Quagliato (Zetti)  
Árbitro: Salvo Spinola Fagundes Filho  
Renda: R\$ 414.320,00  
Público: 25.221 pagantes  
**A. D. São Caetano – Campeão Paulista F. C. – Vice-Campeão**

**Campanha dos 15 jogos** - 9 vitórias / 5 empates / 1 derrota / 31 gols marcados / 14 gols sofridos.

**Artilheiros do Azulão no campeonato** - Marcinho (7 gols), Warley (5 gols), Fabrício Carvalho (4 gols), Mineiro (4 gols), Euller (4 gols), Gilberto (2 gols), Fábio Santos (1 gol), Anderson Lima (1 gol), Adhemar (1 gol) e Somália (1 gol).

**Elenco de jogadores** - Sílvio Luiz,

Fabiano, Luiz, Anderson Lima, Zé Carlos, Triguinho, Edson Mendes, Márcio, Dininho, Thiago Martinelli, Gustavo, Serginho, Gilberto, Mineiro, Marcelo Mattos, Fábio Santos, Lúcio Flávio, Marco Aurélio, Mateus, Felipe, Marcinho, Somália, Warley, Euller, Anaílson e Fabrício Carvalho. Técnico: Muricy Ramalho.

#### Equipe técnica - Diretor de

**Futebol:** Genivaldo Leal;  
**Supervisor:** Carlos Eiki Baptista;  
**Auxiliar técnico:** Mário Felipe Perez; **Preparadores físicos:** Carlito Macedo e Reinaldo Alves da Silva;  
**Fisiologista:** Luiz César Martins;  
**Treinador de goleiros:** Antonio Barbiroto Júnior; **Médico:** Paulo Forte; **Fisioterapeuta:** Roberto França Silva; **Psicólogo:** Evandro C. Remonti; **Massagistas:** Itamar Patrocínio Rosa e Antonio Flávio;  
**Roupeiros:** José Carlos Modesto e Ademílson Gomes da Silva; **Auxiliar de roupeiro:** Robson Pereira Batista; **Chefe de segurança:** Edson Carrasco; **Assessor de imprensa:** Primo Ribeiro. **Presidente de Honra:** Luiz Olinto Tortorello;  
**Presidente:** Nairo Ferreira de Souza ■

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

RIBEIRO, Rubens. *O Caminho da Bola*, III volume - 1983 a 2007.

**Agradecimentos** - Ademir Medici, Agostinho Folco, Marcelo Politarchis (Diário do Grande ABC), Daniel Alcarria, Rodolfo Pedro Stella Júnior, Luciano Luiz da Silva, José Pires Maia, Carlos Lazarini, Dininho, Anderson Lima e Nelson Teixeira.

Luiz Domingos Romano é designer na área de produto e embalagem e pós-graduado em Comunicação Visual. Atualmente, é proprietário da LD Romano Design Ltda. Colecionador, pesquisador e memorialista na área esportiva, é membro do Memofut (Grupo de Literatura e Memória do Futebol), em São Paulo, e conselheiro da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.



Jogador Marcinho comemora o primeiro gol do Azulão na decisão



Técnico Muricy Ramalho é festejado pelos jogadores do Azulão, após a partida que deu o título



O goleiro Sílvio Luiz, capitão do Azulão, exibindo a taça de campeão paulista



Medalha do campeonato pertencente ao jogador Dininho



# Serginho Escadinha, o maior líbero de todos os tempos

📄 Mario Edson Botteon

O líbero Serginho em pleno lance de um jogo pela seleção brasileira. Em segundo plano, o jogador Giba. Foto dos anos 2000

**SÉRGIO DUTRA SANTOS**, mais conhecido como Serginho ou Escadinha, nascido em Diamante do Norte (PR) em 15 de outubro de 1975, é um ex-jogador de vôlei brasileiro que atuou como líbero. Para especialistas do mundo esportivo, Serginho é o maior herói olímpico da história do Brasil, já que ele, pelas grandes conquistas em seu currículo, tem carisma e é um exemplo aos mais jovens, sendo considerado o melhor líbero da história do vôlei, graças às suas defesas difíceis e passes precisos, fazendo diferença em suas atuações. Um voleibolista que brilhou de forma insuperável até 2020, quando se aposentou.

Entre suas muitas conquistas no esporte, podemos destacar: bicampeão olímpico, bicampeão mundial, tricampeão da Copa do Mundo e heptacampeão da Liga Mundial. Mas, diferente do que podemos imaginar, nem tudo foram flores no caminho do nosso campeão.

Antes da fama, atuou como empacotador, office-boy e vendedor ambulante de produtos de limpeza. Chegou a São Paulo na infância, vindo a morar com a sua família na periferia paulistana, onde perdeu amigos para o tráfico e para a violência, mas também construiu laços que cultivava até hoje.

Como costumava falar, “lá na nossa vila (Pirituba), todo final de semana, tinha um, dois mortos em cada esquina”. “Morreu muito amigo dele”, lembra

a mãe, Didi Dutra Santos, que ainda indaga: “Quem iria prever que sairia daquele local para conquistar o mundo?”. Segundo a treinadora Silvia Souza de Lima, “ele tinha tudo para dar errado”.

A história de Serginho no esporte inicia no momento em que ele ganha de sua mãe uma bola de vôlei. A partir de então, o seu destino foi selado, e muitas conquistas vieram pela frente, tornando o seu sonho realidade. O esporte lhe propiciou isso.

Em suas lembranças, ele guarda, com carinho, a final olímpica de 1992, em que a seleção brasileira conquistou a medalha de ouro. Quando Marcelo Negrão fez o último ponto, Serginho saiu correndo e, emocionado, chorou sozinho no meio da rua. Dizia que queria ser um daqueles “caras”, queria ser igual

ao Maurício, ao Marcelo Negro... Era aquilo que queria para a sua vida. A certeza, contudo, transformou-se em dúvida, uma vez que ninguém da vizinhança jogava vôlei. “Nenhum menino da comunidade queria jogar voleibol”, recorda ele.

Sua primeira quadra foi uma ladeira. No improviso, Serginho foi descobrindo os segredos da modalidade. A treinadora Sílvia Souza Lima lembra a primeira impressão que teve a respeito do campeão quando ele apareceu para fazer um teste: “Ele chegou magro, com aquelas perninhas fininhas, shortinho, camiseta branca”. Atônita, ela se perguntou: “Meu Deus, será que ele sabe jogar?”.

Problemas gigantescos pareciam condená-lo ao fracasso no esporte. “Ele passou necessidade, passou fome, teve dificuldade, mas não desistiu”, diz Sílvia, sua primeira técnica e segunda mãe. Com ela, Serginho cresceu no vôlei e na vida.

A notícia do término do time em que jogava (mantido pela prefeitura de São Paulo) o pegou de surpresa, deixando-o bastante apreensivo, pois, na época, já estava casado e com um filho para sustentar. Conversando com o amigo Jailson Andrade Silva, conhecido como Chicão, a respeito da situação, Serginho recebeu a proposta para participar de uma peneira em São Caetano. Todavia, não na sua posição costumeira de atacante, mas na

de líbero, então recém-criada no vôlei, em que o jogador se incumbia da defesa e da distribuição da bola.

Em tal função, Serginho teve de jogar longe da rede, o que acabou lhe favorecendo, se for levada em conta a sua estatura de 1,84m, considerada baixa para os padrões da modalidade. “O que eu falei para ele foi: ‘imagina que a bola de voleibol é o ganha-pão e o leite do teu filho’. Então, faz ela subir, cara”, recorda Chicão. O ex-jogador também rememora e ressalta complementando a fala do amigo: “Se a bola for em direção à estação de trem de São Caetano, você corre atrás dela”.

Outra pessoa do círculo do voleibol a exaltar as características de Serginho é o técnico Antonio Ângelo Gonçalves, o Tônico: “Extremamente dedicado aos treinamentos e muito humilde. Dá para perceber que até hoje é pessoa de coração grande. Quando teve a oportunidade de jogar em São Caetano e participar da Superliga, encarou como a chance da vida. Então chegou aonde chegou pela humildade, dedicação e por ser guerreiro em buscar seus objetivos”. Tônico ressalta também que se sente parte do sucesso alcançado pelo ex-atleta. “Fico lisonjeado, porque acabei dando impulso na carreira dele, dando a oportunidade com a qual ele tanto sonhou”, concluiu.

Com seu talento e dedicação, Serginho alcançou mereci-

(...) Quando teve a oportunidade de jogar em São Caetano e participar da Superliga, encarou como a chance da vida. Então chegou aonde chegou pela humildade, dedicação e por ser guerreiro em buscar seus objetivos.” Tônico ressalta também que se sente parte do sucesso alcançado pelo ex-atleta. (...)

damente em outubro de 2021, no final de sua carreira, o Hall da Fama do voleibol, quando foi homenageado em cerimônia realizada em Holyoke (Massachusetts), nos Estados Unidos.

Dentro de sua caminhada no esporte, sete anos foram dedicados ao vôlei da região do ABC (primeiramente, em São Caetano e, depois, em São Bernardo, onde atuou em duas ocasiões). Serginho integra o seleto grupo das 136 personalidades que contribuíram para o desenvolvimento da modalidade, tais como: Giovane Gávio, Ricardo, Giba, Emanuel, Zé Marco, Fofão, Renan Dal Zotto, Bebeto de Freitas, Nalbert, Sandra Pires, Adriana Behar, Shelda, Maurício Lima, Ana Mozer, Bernard, Jackie Silva, entre outros nomes.

A primeira convocação para a seleção brasileira foi inesquecível, e o modo como soube de tal convocação, bastante inusitado. Quem lhe comunicou a respeito foi uma repórter, Érika Hideshima, da Sport TV, que, ao fazer contato com ele, foi logo perguntando: “Você viu a convocação?”. Serginho, desligado, respondeu: “Não! Érika, estou indo para o treino agora e nem sei quem o Parreira convocou”. Érika, incisiva, respondeu: “Parreira, moleque!? Você está louco?”. E, explicando-lhe que se tratava da convocação do técnico Bernardo Rocha de Rezende, o Bernardinho, da seleção masculina de vôlei, foi a responsável pela notícia da presença de seu nome na lista de convocados. Tomado pela emoção, Serginho deixou o seu celular cair, remoendo: “Eu nunca vi o cara (*Bernardinho*) de perto!”.

Na época de sua primeira convocação, alguns campeões olímpicos de 1992 ainda estavam na seleção. Ele se recorda de sua apresentação no hotel em que o grupo estava concentrado, ocasião em que dividira o quarto com o ídolo Maurício Lima, lendário levantador brasileiro. Segundo Serginho, a emoção foi tão arrebatadora ao ser recebido pelo ex-levantador que ele não conseguiu conter as lágrimas, sendo carinhosamente abraçado pelo veterano e campeão olímpico.



Emocionado, Serginho exibe a medalha de ouro conquistada pela seleção brasileira nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016



Serginho durante a sua despedida da seleção brasileira, em setembro de 2016

Em 2004, Serginho estava na equipe que conquistou a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Atenas. Com a sua simplicidade costumeira, ele comenta que não se considera um “herói olímpico”:

“Sou Sérgio, filho da Dona Didi”, e também pai de três filhos: Marlon, Matheus e Martin. “Meu pai me disse que ele ia treinar só para comer o lanche (que era dado aos atletas), depois, porque não tinha

condição, e isso me tocou, porque hoje tenho tudo que ele pode me dar. E ele é um espelho pra mim, com certeza”, declara o filho Matheus.

Na prateleira de troféus e medalhas, Serginho também tem tudo. Além do ouro em Atenas (2004) e no Rio de Janeiro (2016), estão as duas pratas olímpicas conquistadas nos jogos de Pequim (2008) e Londres (2012), o troféu de melhor líbero do mundo, entre muitos outros, frutos de sua carreira vitoriosa.

O seu último clube foi o Pacaembu/Vôlei Ribeirão, e o seu último jogo como profissional foi em 7 de março de 2020, na vitória por 3 sets a 2 sobre o Minas Tênis Clube, em Belo Horizonte, pela Superliga Masculina. Como a competição acabou sem um vencedor e sem a continuidade das competições em virtude da pandemia de COVID-19, Serginho anunciou a sua aposentadoria no dia 16 de maio daquele conturbado ano de 2020.

A história do Serginho Escadinha é uma amostra de que nunca podemos deixar de sonhar e de que é sempre possível superar os obstáculos que a vida nos impõe, ficando como exemplo para todos nós e, principalmente, para a nossa juventude. Classifico a sua trajetória como exemplar, imortalizada no livro *Degrau por degrau*, do jornalista Daniel Bortoletto. Para encerrar este artigo, não tenho outra forma de homenagear o personagem e campeão Serginho Escadinha que não seja de uma maneira festiva, registrando o grito de guerra bastante conhecido e idealizado por seus amigos e vizinhos: “Uba-uba-uba, Escadinha é Pirituba!” E completo: e de toda a nossa “tchurma”! ■

## CLUBES PROFISSIONAIS

ANOS	CLUBES
1992-1997	PALMEIRAS
1997-1999	CRET SÃO CAETANO
1999-2000	EC UNIÃO SUZANO
2000-2004	EC BANESPA
2004-2008	COPRA BERNI PIACENZA
2008-2010	BVC SÃO BERNARDO
2010-2017	SESI SÃO PAULO
2017-2019	CORINTHIANS GUARULHOS
2019-2020	RIBEIRÃO PRETO VÔLEI

## MEDALHAS

### Jogos Olímpicos

- Ouro – Atenas, 2004
- Ouro - Rio de Janeiro, 2016
- Prata – Pequim, 2008
- Prata – Londres, 2012

### Campeonato Mundial de Voleibol

- Ouro - Buenos Aires, 2002
- Ouro – Tóquio, 2006

### Copa do Mundo de Voleibol

- Ouro – Japão, 2003
- Ouro – Japão, 2007
- Bronze – Japão, 2011

### Liga Mundial de Voleibol

- Ouro – Katowice, 2001
- Ouro – Madrid, 2003
- Ouro – Roma, 2004
- Ouro – Belgrado, 2005
- Ouro – Moscou, 2006
- Ouro – Katowice, 2007
- Ouro – Belgrado, 2009
- Prata - Belo Horizonte, 2002
- Prata – Cracóvia, 2016

### Jogos Pan-Americanos

- Ouro - Rio de Janeiro, 2007
- Bronze - Santo Domingo, 2003

Mário Edson Botteon é empresário aposentado e descendente de família de imigrantes italianos chegados ao Núcleo Colonial de São Caetano em 1877.

## FONTES

BORTOLETTO, Daniel. *Degrau por degrau: a trajetória de Serginho, de Pirituba ao Olimpo*. São Paulo: Planeta, 2017.  
Uol.  
Wikipédia.  
REDE GLOBO. G1 e Jornal Nacional. 26 jul. 2016  
REDE GLOBO. Esporte Espectacular. 31 dez. 2023  
DIÁRIO DO GRANDE ABC. 25 jun. 2021

# Os jogos do Sport Club Corinthians Paulista em São Caetano do Sul

Renato Donisete Pinto

O Sport Club Corinthians Paulista foi fundado por operários no dia 1º de setembro de 1910, no bairro paulistano do Bom Retiro. Tornou-se um dos grandes clubes do futebol brasileiro, sendo conhecido mundialmente. Possui uma das maiores torcidas do país, chamada carinhosamente de Fiel.

O clube visitou a cidade de São Caetano do Sul por diversas oportunidades. Grandes craques desfilaram sua habilidade pelos gramados sul-são-caetanenses, onde foram realizados jogos amistosos comemorativos, partidas válidas pelos campeonatos paulista e brasileiro e pelos torneios Rio-São Paulo e Laudo Natel; além da participação na inauguração oficial do Estádio Municipal Anacleto Campanella.

O goleiro Aldo segurando a  
ataque do Corinthians. Foto de  
25 de novembro de 1956



*Arquivo/Aldo Malagoli*

## SÃO CAETANO E.C. x S.C. CORINTHIANS PAULISTA

Segundo o pesquisador e jornalista Celso Dario Unzelte, o ano de 1934 marca o primeiro registro da visita do Corinthians a São Caetano do Sul, na época em que a localidade ainda era um distrito do município de São Bernardo. O clube veio com um segundo quadro para realizar um jogo amistoso comemorativo dos 20 anos do São Caetano Esporte Clube.

### São Caetano E.C. 1 x 4 S.C. Corinthians Paulista

Amistoso/ 1º de maio de 1934/ Estádio da Rua 28 de Julho/ Corinthians: Onça, Chaves e Jango; Reis, Mello e Carlos; Antoninho, Miguelzinho, Gambinha, Baptista e Rato II. Todos os gols do Corinthians foram anotados pelo jogador Gambinha.

Quatro anos depois, aconteceu um amistoso no dia 12 de junho, mesma data e horário do jogo Brasil 1 x 1 Tchecoslováquia, válido pela Copa do Mundo de 1938. No estádio da Rua Paraíba, foram instalados dois alto-falantes para transmissão da narração do jogo.

**São Caetano E.C. 1 x 5 S.C. Corinthians Paulista**  
Amistoso/ 12 de junho de 1938/ Estádio da Rua Paraíba. Em 1944, a Liga Santoandreense de futebol promoveu um jogo amistoso entre a seleção de Santo André contra a equipe mista do Corinthians. Três jogadores do São Caetano E.C. fizeram parte desse selecionado: Strufaldi, Antonio Freire da Paz e José Teixeira Cardoso. O Corinthians aplicou uma sonora goleada na seleção andreense.

**Seleção de Santo André 0 x 7 S.C. Corinthians Paulista**  
Amistoso/ 17 de dezembro de 1944/ Estádio da Rua Paraíba/ Corinthians: Louro, Arioaldo e Valussi; Hélio, Pellicciari e Palmer; Jerônimo (Agostinho), Nino, César, Eduardinho (Bode) e Hércules. A partida foi conduzida pelo árbitro Atílio Grimaldi. Gols: César (3), Nenê (contra), Augusto, Eduardinho e Hércules.

Em comemoração do 35º aniversário do São Caetano E.C., o Corinthians visitaria São Caetano do Sul para outra partida amistosa.

**São Caetano E.C. 1 x 3 S.C. Corinthians Paulista**  
Amistoso/ 1º de maio de 1949/ Estádio da Rua Paraíba/ São Caetano: Osvaldo; Neno e Dati (Olegário); Mosca, Ninim e Sérgio; Andó, Salum (João), Branco, Salinho e Elzo (Lênin). Corinthians: Narciso; Valussi (Rubens) e Renato; Pellicciari, Falco e Dario; Tinini (Nelsinho), Colombo, Constantino, Severo e Luizinho. Técnico: Joreca. Gols: Lênin (contra), Colombo, Nelsinho e Salum (pênalti)/ Renda: Cr\$20.000,00.

No ano seguinte, o alvinegro do Parque São Jorge retornaria a São Caetano do Sul para novo jogo amistoso.



Meio-campista do Corinthians realiza um passe observado por Mineiro, do São Caetano. Foto de 28 de novembro de 2004

**São Caetano E.C. 0 x 1 S.C. Corinthians Paulista**  
Amistoso/ 11 de junho de 1950/ Estádio da Rua Paraíba/ São Caetano: Orestes, Mosca e Nenê; Armando, Sidney (Ribeiro) e Shuber; Iube, Rubens (Andó), Osvaldo, Wilson e Elzo. Corinthians: Bino; Murilo e Rosalém; Ferrão, Hélio e Belfare; Castro, Jonas, Nardo, Nenê e Nelsinho (Noronha). Técnico: Achiles Gama Malcher. Renda: Cr\$ 10.000,00. Gol: Noronha, aos 44 minutos do primeiro tempo.

Com um time misto, em 1952, o Corinthians enfrentou o São Caetano E.C. Com o empate, o time da capital paulista conseguiu manter uma invencibilidade de mais de um ano.

**São Caetano E.C. 0 x 0 S.C. Corinthians Paulista**  
Amistoso/ 1º de maio de 1952/ Estádio da Rua Paraíba/ São Caetano: Orestes, Mosca e Dati; Sidnei, Vitor e Nilo; Rino, Nilson, Osvaldo, Feijão e Mário (Simão II). Corinthians: Mião, Dilvo e Sula; Eni (Alfredo), Vitor e Diogo; Rato (Benedito), Guerra, Rodolfo, Totio e Mário. Árbitro: Válter Pereira Diniz. Renda: aproximadamente Cr\$15.000,00.

## A.A. SÃO BENTO x S.C. CORINTHIANS PAULISTA

Em 1954, surgiu uma nova agremiação no futebol de São Caetano do Sul, a Associação Atlética São Bento, fruto da fusão do Comercial F.C., da capital, e do São Caetano E.C., sendo desfeita no final de 1957. Nessa fase, o Corinthians teve momentos marcantes na cidade: a equipe foi convidada para o jogo da estreia da A.A. São Bento no dia do aniversário da cidade.

### **A.A. São Bento 2 x 1 S.C. Corinthians Paulista**

Amistoso/ 28 de julho de 1954/ Estádio Conde Francisco Matarazzo (Rua Paraíba)/ São Bento: Narciso; Pascoal (Turcão) e Lamparina; Alfredo, Savério e Alan; Alcino, Zé Carlos, Bota, Fraga e Nelsinho. Corinthians: Cabeção, Homero, Diogo (Idário), Olavo, Julião e Roberto Belangero; Cláudio, Luizinho (Souzinha), Gatão, Nonô (Rato) e Simão. Técnico: Oswaldo Brandão. Árbitro: Antônio Musitano. Renda: Cr\$156.610,00. Gols: Fraga, aos 10, Zé Carlos, aos 35, e Simão, aos 36 minutos do segundo tempo.

Momento histórico. No início de 1955, o Corinthians foi convidado para a inauguração oficial do Estádio Municipal Anacleto Campanella.

### **A.A. São Bento 2 x 3 S.C. Corinthians Paulista**

Amistoso/ 13 de janeiro de 1955/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ São Bento: Narciso (Fábio), Elpídio e Lamparina (Jorge); Ruiz, Savério (Rubens de Almeida, depois Wallace) e Diogo (Brandão); Sampaio (China), Bota, Zé Carlos (Gibi), Dema (Élson) e Nelsinho (Carlinhos). Corinthians: Gilmar (Cerri), Homero e Alan; Olavo (Rivetti), Goiano (Clóvis) e Roberto Belangero (Walmir); Cláudio (Zezé), Luizinho, (Gatão, depois Carbone), Baltazar (Paulo), Rafael (Nardo) e Nonô (Simão). Técnico: Oswaldo Brandão. Árbitro: João Etzel Filho. Renda: Cr\$ 152.705,00. Gols: Nonô, a 1, e Nel-

sinho, aos 3 minutos do primeiro tempo; Nardo, aos 17 e 18, e Ruiz (pênalti), aos 42 minutos do segundo tempo.

No mesmo ano, o esquadrão alvinegro veio disputar a Taça Luiz Fortes Machado, que seria um quadrangular envolvendo São Bento, Juventus e Portuguesa, mas que não teve continuidade.

### **A.A São Bento 1 x 3 S.C. Corinthians Paulista**

Amistoso/ 20 de março de 1955/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ São Bento: Secco; Curtis e Elpídio; Bauer, Savério e Rubens de Almeida; Gibi, Zé Carlos, Bota, Dema e Nelsinho. Corinthians: Cerri, Olavo e Alan; Julião, Goiano e Almir; Nonô (Carbone), Cláudio, Paulo (Rafael), Nardo e Simão (Bicudo). Técnico: Oswaldo Brandão. Árbitro: Pedro Calil. Renda: Cr\$29.135,00. Gols: Gibi, aos 9, e Nardo, aos 22 minutos do primeiro tempo; Nardo, aos 26, e Carbone, aos 44 minutos do segundo tempo.

Em outubro de 1955, pelo segundo turno do Campeonato Paulista, mais uma nova vitória.

### **A.A. São Bento 2 x 3 S.C. Corinthians Paulista**

Campeonato Paulista/ 30 de outubro de 1955/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ São Bento: Arlindo, Pascoal e Lamparina; Maurinho, Savério e Diogo; Gibi, Bota, Zé Carlos, Dema e Chuna. Corinthians: Gilmar, Olavo e Alan; Idário, Julião e Goiano; Cláudio, Luizinho, Paulo, Carbone e Jansen. Técnico: Oswaldo Brandão. Árbitro: Mário Vianna. Renda: Cr\$ 295.340,00. Gols: Bota, aos 14, Julião (contra), aos 39, e Carbone, aos 41 minutos do primeiro tempo; Carbone, aos 20 e aos 25 minutos do segundo tempo.

Em 1956, vitória corintiana em partida disputada pelo segundo turno do Campeonato Paulista. O Corinthians conquistava a 24ª partida invicta e, no jogo seguinte, conquistaria a Taça dos Invictos, promovida pelo jornal *A Gazeta Esportiva*.

**A.A. São Bento 1 x 2 S.C. Corinthians Paulista**  
Campeonato Paulista/ 25 de novembro de 1956/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ São Bento: Aldo, Elpídio e Savério; Maurinho, Rubens de Almeida e Diogo; Marinho, Zé Carlos, Bota, Dema e Oswaldo. Técnico: Álvaro Nahun. Corinthians: Gilmar, Olavo e Alan; Idário, Goiano e Roberto Belangero; Cláudio, Paulo, Zague, Rafael e Zezé. Técnico: Oswaldo Brandão. Árbitro: Esteban Marino. Renda: Cr\$ 391.840,00. Gols: Zague, aos 21, Paulo, aos 27, e Zé Carlos, aos 41 minutos do segundo tempo.

Em 1957, o Corinthians enfrentaria a A.A. São Bento num jogo amistoso na cidade como complemento do pagamento do passe do pontadireita sambentista Zé Carlos, que fazia apenas 19 jogos pelo Timão.

**A.A. São Bento 1 x 2 S.C. Corinthians Paulista**  
Amistoso/ 9 de junho de 1957/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ São Bento: Aldo, Allan e Tuja; Hélio, Rubens de Almeida e Diogo; Elzo (Vicente), Osvaldo, Bota (Gibi), Dema e Varca. Técnico: Álvaro Nahun. Corinthians: Rossi, Homero e Olavo; Idário (Eni), Goiano e Roberto Belangero; Zé Carlos, Luizinho, Zague (Beni), Rafael e Boquita. Técnico: Oswaldo Brandão. Árbitro: João Rela Filho. Renda: Cr\$ 66.620,00. Gols: Bota, aos 23, e Boquita, aos 26 minutos do primeiro tempo; Roberto, aos 5 minutos do segundo tempo.

### **GENERAL MOTORS E.C. x S.C. CORINTHIANS PAULISTA**

O General Motors Esporte Clube foi fundado em 20 de novembro de 1935, disputou a terceira divisão do Campeonato Paulista em 1963 e 1964. Realizado no extinto Estádio dos Eucaliptos, esse amistoso ocorreu em junho de 1964 e marcou a estreia do craque Roberto Rivellino com a camisa do Corinthians. Rivellino voltaria a jogar nesse campo em 1984, em partida beneficente que reuniu grandes craques do futebol.

### **General Motors E.C. 0 x 6 S.C. Corinthians Paulista**

Amistoso/ 29 de junho de 1964/ Estádio dos Eucaliptos/ General Motors: não disponível. Corinthians: Cabeção (Ronaldo), Augusto, Tõni e Jorge; Amaro e Ari Clemente; Davi (Zé Luís), Manoelzinho (Sérgio Echigo), Ferreirinha (Roberto Rivellino), Osmar e Lima. Técnico: Roberto Belangero. Árbitro: Agenor Ferreira Ramos. Gols: Osmar (2), Manoelzinho, Davi, Amaro e Lima.

### **C.A MONTE ALEGRE x S.C. CORINTHIANS PAULISTA**

Em 1965, o Corinthians voltaria a jogar amistosamente com outra tradicional equipe de São Caetano do Sul. O Clube Atlético Monte Alegre foi fundado em 1917 e participou da terceira divisão em 1963 e na segunda divisão do Campeonato Paulista nos anos de 1964, 1965 e 1966.

### **C.A. Monte Alegre 1 x 1 S.C. Corinthians Paulista**

Amistoso/ 11 de abril de 1965/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ Monte Alegre: Écio, Fernando (Oscar), Oliveira e Wilmar; Riberto e Nelsinho; Hugo (Ditinho), Levi (Valtinho), Touguinha, Edgar (Jota) e Claudinei (Sérgio, depois Tim). Corinthians: Heitor, Augusto, Eduardo (Daudt), Clóvis e Édson Cegonha; Gaspar e Rivellino (Luizinho); Marcos, Flávio, Geraldo José e Bazani (Osmar). Técnico: Oswaldo Brandão. Árbitro: Nicolino Basílio Passito. Renda: Cr\$ 8.270.000,00. Gols: Tim (pênalti), aos 4, e Flávio (pênalti), aos 33 do primeiro tempo.

### **SAAD E.C. x S.C. CORINTHIANS PAULISTA**

Em 1972, o Saad Esporte Clube recebeu o Corinthians para dois amistosos.

### **Saad E.C. 3 x 0 S.C. Corinthians Paulista**

Amistoso/ 30 de janeiro de 1972/ Estádio Municipal Anacleto Campanella.

### **Saad E.C. 2 x 0 S.C. Corinthians Paulista**

Amistoso/ 5 de março de 1972/ Estádio Municipal Anacleto Campanella.

Em disputa pelo Torneio Laudo Natel de 1973, o Corinthians veio a São Caetano do Sul e só conseguiu superar o Saad na prorrogação. Curiosidade: no time do Saad, jogavam os ídolos santistas Joel Camargo e Dorval. Na sequência do torneio, o Timão conquistou o título em cima do Palmeiras.

### **Saad E.C. 0 x 0 S.C. Corinthians Paulista**

Torneio Laudo Natel/ 4 de fevereiro de 1973/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ Saad: Fininho; Celso, Flávio, Oscar e Arnaldo; Joel Camargo, Marcio e Fernandes; Dorval (Nenê), Edinho (Caxias) e Wagner. Corinthians: Ado; Zé Maria, Wagner, Ademir e Miranda; Tião, Adãozinho e Nelson Lopes; Vaguinho, Tião Marino (Mirandinha) e Marco Antonio. Árbitro: Vilmar Serra. Renda: Cr\$ 77.480,00. Ocorrência: Na prorrogação, vitória do Corinthians por 2 a 0, com gols de Nelson Lopes, aos 14 minutos, e Vaguinho, aos 25 minutos.

## **CORINTHIANS x A.D. SÃO CAETANO**

Primeiro jogo entre as duas agremiações. A Associação Desportiva São Caetano recebeu o Corinthians para um jogo festivo de entrega das faixas de campeão da Série A2, conquistada pelo Azulão. Ver mais na edição 65 da revista *Raízes* (setembro de 2022).

### **A.D. São Caetano 3 x 1 S.C. Corinthians Paulista**

Amistoso/ 27 de julho de 2000/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ São Caetano: Silvio Luiz (Luciano); Japinha (Nelsinho), Daniel, Dininho (Serginho) e César (Adriano Luiz); Claudcir (Solemar), Magrão (Adãozinho), Esquerdinha (De Moura) e Leto (Romerito); Zinho (Adhemar) e Túlio Maravilha (Alex Rossi). Técnico: Jair Picerni. Corinthians: Maurício (Yamada); Índio

(Angelo), Fábio Luciano (Batata), Adílson (Marcelo) e André Luiz (Pingo); Márcio Costa (João Carlos), Rodrigo Pontes, Marcelinho Carioca (Andrezinho) e Ricardinho (Kléber); Fernando Baiano e Luizão (Éwerton). Técnico: Oswaldo Alvarez. Árbitro: Edilson Pereira de Carvalho. Gols: Túlio, aos 37, Marcelinho Carioca (pênalti), aos 40, e Zinho, aos 44 minutos do primeiro tempo; Adhemar, aos 30 minutos do segundo tempo.

Na primeira fase desse campeonato, a Federação Paulista de Futebol apresentou novidades no regulamento: se o jogo terminasse empatado, era decidido nos pênaltis; além de o jogo ser comandado por dois árbitros em campo. Partida válida pela sexta rodada. O São Caetano venceu por 3 a 1 nas penalidades. O Corinthians se tornaria campeão paulista de 2001.

### **A.D. São Caetano 1 x 1 S.C. Corinthians Paulista**

Campeonato Paulista/ 24 de fevereiro de 2001/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ São Caetano: Sílvio Luís; Nelsinho, Daniel, Dininho e César; Fabinho, Adãozinho, Esquerdinha e Márcio Griggio (Gilmar); Wágner (Romualdo) e Magrão (Sinval). Técnico: Jair Picerni. Corinthians: Maurício; Rogério, Scheidt, João Carlos e Kléber; Otácilio, Marcos Senna (Gallo), Pereira (Gil) e Ricardinho; Éwerton e Luizão. Técnico: Wanderley Luxemburgo. Árbitro: Paulo César de Oliveira e Luís Cansian. Público: 12.450 pagantes. Gols: Ricardinho, aos 18, e Wagner, aos 26 minutos do primeiro tempo.

Vitória corintiana em partida válida pelo Torneio Rio-São Paulo de 2002.

### **A.D. São Caetano 0 x 1 S.C. Corinthians Paulista**

Torneio Rio-São Paulo/ 20 de março de 2002/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ São Caetano: Sílvio Luíz; Russo, Daniel, Dininho e Marcos Paulo; Messias (Marco Aurélio), Marcos Senna (Marlon), Adãozinho e Aílton; Wagner

(Somália) e Brandão. Técnico: Jair Picerni. Corinthians: Dida; Rogério, Fábio Luciano, Scheidt e Kléber (Renato); Vampeta, Fabrício e Ricardinho; Leandro (Fumagalli), Deivid e Gil. Técnico: Carlos Alberto Parreira. Árbitro: Paulo César de Oliveira. Público: 7.968 pagantes. Gol: Vampeta, aos 15 minutos do primeiro tempo.

Domínio de bola do meio-campista Roger, observado pelos defensores do São Caetano. Foto de 30 de agosto de 2006

Foto/Fernando Nonato  
Arquivo/ Diário do Grande ABC

Goleada do São Caetano, com destaque para o volante Claudecir, que fez dois gols na partida. O Corinthians era comandado pelo campeão mundial Carlos Alberto Parreira.

Douglas partindo para o ataque, acompanhado pelo atacante William. Foto de 18 de fevereiro de 2012

Foto/André Henriques  
Arquivo/ Diário do Grande ABC

### **A.D. São Caetano 3 x 0 S.C. Corinthians Paulista**

Campeonato Brasileiro/ 18 de agosto de 2002. Estádio Municipal Anacleto Campanella/ São Caetano: Luciano; Marlon, Claudecir, Dininho e Serginho; Magrão (Irinei), Adãozinho, Anaílson (Daniel) e Fabio Santos; Wágner (Edu Salles) e Adhemar. Técnico: Mário Sérgio. Corinthians: Doni; Rogério, Scheidt, Fábio Luciano e Kléber; Fabrício, Fabinho (Gilmar Parrudo), Vampeta e Renato; Deivid e Gil. Técnico: Carlos Alberto Parreira. Árbitro: Paulo César de Oliveira. Gols: Claudecir, aos 7 e aos 19 minutos do primeiro tempo; Edu Salles, aos 32 do segundo tempo.

Atacante Jô cabeceando na área do São Caetano. Foto de 14 de março de 2021



Jogo válido pela 12ª rodada do Campeonato Brasileiro de 2003.

**A.D. São Caetano 1 x 0 S.C. Corinthians Paulista**  
Campeonato Brasileiro/ 8 de junho de 2003/  
Estádio Municipal Anacleto Campanella/ São  
Caetano: Sílvio Luiz; Dininho, Thiago e Gus-  
tavo; Ramalho, Fábio Santos, Marcelo Mattos  
(Raulen), Capixaba e Mateus (Mineiro); Marlon  
e Marcinho. Técnico: Mário Sérgio. Corinthians:  
Doni; Rogério, Fábio Luciano, Anderson e Kléber;  
Fabinho, Fabrício (Lucas), Leandro e Jorge Wá-  
gner; Leandro Amaral (Fumagalli) e Gil. Técnico:  
Geninho. Árbitro: Sálvio Spíndola Fagundes Fi-  
lho. Renda: R\$ 72.885,00. Público: 8.840 pagantes.  
Gol: Marcinho, aos 24 minutos do primeiro tempo.

Vitória de virada do São Caetano, que marcou  
a 100ª partida do lateral Marcelo Mattos com a  
camisa do Azulão.

**A.D. São Caetano 2 x 1 S.C. Corinthians Paulista**  
Campeonato Brasileiro/ 28 de novembro de  
2004/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/  
São Caetano: Sílvio Luiz; Thiago, Marco Aurélio  
(Euller) e Dininho; Ceará, Marcelo Mattos, Mi-  
neiro, Marcinho (Éder) e Triguinho; Fernando  
Baiano (Lúcio Flávio) e Fabrício Carvalho. Técni-  
co: Péricles Chamusca. Corinthians: Fábio Costa;  
Bebeto, Marcelo Oliveira e Betão; Coelho (Bruno  
Octávio), Wendel, Rosinei, Fábio Baiano (Rodri-  
go) e Fininho; Gil e Jô (Alessandro). Técnico: Ti-  
te. Árbitro: Luís Marcelo Vicentin Cansian. Ren-  
da: R\$ 51.849,00. Público: 4.763 pagantes. Gols:  
Coelho, aos 6, Fabrício Carvalho, aos 28, e Lúcio  
Flávio, aos 41 minutos do segundo tempo. Cartões  
vermelhos: Rodrigo e Éder.

Pela 39ª rodada do Campeonato Brasileiro de  
2005, a vitória do São Caetano adiou a conquista  
do título do Corinthians e afastou o Azulão da

zona de rebaixamento.

**A.D. São Caetano 1 x 0 S.C. Corinthians Paulista**  
Campeonato Brasileiro/ 16 de novembro de  
2005/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/  
São Caetano: Sílvio Luiz; Neto, Gustavo e Thia-  
go; Alessandro, Zé Luis, Paulo Miranda (Claude-  
cir), Márcio Richards (Júlio César) e Triguinho;  
Edílson (Somália) e Dimba. Técnico: Cuca. Co-  
rinthians: Fábio Costa; Eduardo Ratinho, Betão,  
Marinho e Gustavo Nery; Wendell (Bobô), Mar-  
celo Mattos (Élton), Rosinei e Carlos Alberto  
(Hugo); Nilmar e Jô. Técnico: Antônio Lopes. Ár-  
bitro: Lourival Dias Filho. Renda: R\$ 95.690,00.  
Público: 11.250 pagantes. Gol: Betão (contra), aos  
2 minutos do primeiro tempo.

Virada do São Caetano nos acréscimos, com  
gol da promessa Leandro Lima, que deixou a Fiel  
irritada. Nesta edição do Campeonato Paulista, o  
São Caetano terminou na frente do Corinthians  
na classificação final.

**A.D. São Caetano 2 x 1 S.C. Corinthians Paulista**  
Campeonato Paulista/ 8 de fevereiro de 2006/ Es-  
tádio Municipal Anacleto Campanella/ São Cae-  
tano: Sílvio Luiz, Anderson Lima, Tiago, Gustavo  
e Alex (Canindé); Zé Luís, Paulo Miranda, Clau-  
decir e Leandro; Anderson Ataíde (Márcio Ri-  
chards) e Marcelinho (Dimba). Técnico: Nelsinho  
Baptista. Corinthians: Marcelo; Eduardo Ratinho  
(Edson), Betão, Marinho e Fininho; Marcelo Ma-  
ttos, Bruno Octávio, Élton e Carlos Alberto (Ji-  
paraná); Nilmar e Rafael Moura. Técnico: Antô-  
nio Lopes. Árbitro: Marcelo Aparecido Ribeiro  
de Souza. Renda: R\$ 98.676,00. Público: 9.523  
pagantes. Gols: Rafael Moura, aos 32 minutos do  
primeiro tempo; Zé Luís, aos 5, e Leandro, aos 49  
minutos do segundo tempo.

A curiosidade desse jogo ficou por conta do ar-  
queiro Sílvio Luiz, ídolo do Azulão e recordista

de partidas pelo clube, apresentando-se em São Caetano do Sul com a camisa do Corinthians, seu novo clube. No final do campeonato, o São Caetano acabaria rebaixado para a Série B.

**A.D. São Caetano 0 x 1 S.C. Corinthians Paulista** Campeonato Brasileiro/ 30 de agosto de 2006/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ São Caetano: Luiz, Anderson Lima, Thiago, Gustavo e Canindé; Daniel, Rafael Muçamba, Marabá (Marcelinho) e Élton (Alessandro); Diego Tardelli (Leandro Lima) e Gustavo Gaúcho. Técnico: Paulo César Gusmão. Corinthians: Sílvio Luiz; Eduardo Ratinho, Betão, Marinho e Rubens Júnior; Marcelo Mattos, Rafael Fefo, Rodinei, Roger (Renato) e Carlos Alberto; Rafael Moura. Técnico: Emerson Leão. Árbitro: Carlos Eugênio Simon. Renda: R\$ 58.265,00. Público: 3.349 pagantes. Gols: Rafael Moura, aos 11 minutos do primeiro tempo.

Pela oitava rodada do Campeonato Paulista, o Corinthians também disputava a Libertadores e decidiu poupar alguns titulares para este jogo. Ano espetacular para o alvinegro do Parque São Jorge: campeão da Taça Libertadores da América e do Mundial de Clubes da FIFA.

**A.D. São Caetano 0 x 1 S.C. Corinthians Paulista** Campeonato Paulista/ 18 de fevereiro de 2012/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ São Caetano: Luiz; Daniel, Jorge Luiz, Preto Costa e Diego; Augusto Recife, Marcone (Thiago Silvy), Anselmo e Marcelo Costa; Geovane (Ailton) e Betinho (Pedro Júnior). Técnico: Márcio Araújo. Corinthians: Danilo Fernandes; Welder, Wallace, Marquinhos e Ramon; Edenilson, Gomes, Ramirez e Douglas (Victor Júnior); Willian (Gilsinho) e Adriano (Elton). Técnico: Tite. Árbitro: Aurélio Santana Martins. Renda: R\$ 194.435,00. Público: 5.609 pagantes. Gol: Willian, aos 13 minutos do segundo tempo.

Pela quarta rodada do Campeonato Paulista, o

Timão visitaria São Caetano do Sul em meio à pandemia de Covid-19. O jogo foi realizado com portões fechados e um rígido protocolo de segurança.

**A.D. São Caetano 0 x 1 S.C. Corinthians Paulista** Campeonato Paulista/ 14 de março de 2021/ Estádio Municipal Anacleto Campanella/ São Caetano: Luiz; Tony, Lucas Dias (Polidoro), Carlos Alexandre e Daciel (Neto); Charles, Luiz Felipe, Diego Cardoso e Guilherme Castro (Marcinho); William Amorim (Guilherme Pira) e Carlinhos (Emerson Lima). Técnico: Wilson Júnior. Corinthians: Cássio; Fagner (João Victor), Gil, Jemerson e Bruno Mendez; Gabriel, Otero, Luan (Vitinho) e Matheus Vital (Antony); Rodrigo Varanda (Gabriel Pereira) e Jô. Técnico: Vágner Mancini. Árbitro: Douglas Marques das Flores. Portões fechados. Gol: Bruno Méndez, aos 41 minutos do primeiro tempo.

Os jogos dos campeonatos das categorias de base e do futebol feminino do S.C. Corinthians Paulista disputados em São Caetano do Sul serão documentados em outra oportunidade. ■

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORBA, Marco. Azulão perde segunda em casa para invicto Timão. *Diário do Grande ABC*, 19 fev. 2012.
- CORINTHIANS: 24ª partida invicta. *A Gazeta Esportiva*, 26 nov. 1956.
- CORINTHIANS Paulista não correspondeu em SCS. *News Seller*, 18 abr. 1965.
- CRISTOFANI, Analy. Azulão arrasa o Corinthians. *Diário do Grande ABC*, 19 ago. 2002.
- \_\_\_\_\_. Azulão mantém freguesia e derrota Corinthians; título não sai domingo. *Diário do Grande ABC*, 17 nov. 2005.
- \_\_\_\_\_. Azulão vence Alvinegro de novo. *Diário do Grande ABC*, 9 jun. 2003.
- \_\_\_\_\_. Azulão vira na bola parada. *Diário do Grande ABC*, 29 nov. 2004.
- \_\_\_\_\_. Corinthians vence o São Caetano com futebol econômico. *Diário do Grande ABC*, 21 mar. 2002.
- ESTÁDIO CONTEÚDO. Em jogo ruim, Timão ganha do São Caetano e lidera grupo. *Diário do Grande ABC*, 15 mar. 2021.
- MANTEVE a invencibilidade. *O Esporte*, 2 mai. 1952.
- MÉDICI, Ademir. *Uma história de campeões: os 89 anos do São Caetano Esporte Clube*. São Caetano do Sul: São Caetano Esporte Clube, 2003.
- MONTE Alegre não tomou conhecimento do cartaz do Corinthians: 1x1. *Jornal de São Caetano*, 17 abr. 1965.
- O CORINTHIANS venceu em S. Caetano – 5 a 1. *A Gazeta*, 13 jun. 1938.
- RODRIGUES, Anderson e RAMOS, Raphael. Azulão faz nova molecagem para cima do Corinthians. *Diário do Grande ABC*, 9 fev. 2006.
- \_\_\_\_\_. Elenco acerta contas do Timão e complica vida do São Caetano. *Diário do Grande ABC*, 31 ago. 2006.
- UNZELTE, Celso Dário. *Almanaque do Corinthians*. 2ª edição. São Paulo: Abril, 2006.
- VENCEU espetacularmente a A.A. São Bento. *Jornal de São Caetano*, 31 jul. 1954.
- VEROTTI, Angelo. São Caetano faz Corinthians sambar na decisão por pênaltis. *Diário do Grande ABC*, 25 fev. 2001.

**Agradecimentos:** Vitoria Santos (Banco de Dados/ DGABC) e Celso Dario Unzelte

Renato Donisete Pinto é pedagogo e professor de Educação Física. Membro da Academia Popular de Letras de São Caetano do Sul e do Memofut (grupo de Literatura e Memória do Futebol), é autor do livro *Fanzine na Educação* (Marca de Fantasia, 2013) e coautor do *Almanaque do Saad Esporte Clube* (Edição dos Autores, 2019). Participou da *Antologia Bola na Rede* (InHouse, 2023).

# Memórias de um Sargento

TG 277 .  
Turma 66,  
valores  
evidenciados!

Angelo Honorato Zucato

**FORTUNATO ERA DESAJETADO**, corpo ligeiramente arqueado para frente. Parecia mais talhado para serviço bruto de roça do que para as atividades de motorista que exercia na companhia de gás.

Destoava daquela classe de jovens, recém-egressos do ensino médio e que, por contingência, foram chamados a servirem a pátria. Era essa a classe de jovens que frequentava o Tiro de Guerra em seu primeiro horário para facilitar a rotina dos que trabalhavam e estudavam à noite.

Por ter certa aptidão esportiva, de imediato fui engajado no time de basquete, o que me propiciava certas regalias, como dispensa da Ordem Unida<sup>1</sup>, pois precisava compor os treinos para a competição militar estadual que se aproximava.

A Ordem Unida fazia parte dos fundamentos básicos de qual-

quer tropa, e não podia ser de outra forma no Tiro de Guerra 277.

— Fortunato! Levanta esse fuzil, isto não é enxada. Sai de forma! Dez flexões! — ordenava, em voz firme, o sargento Kusdra.

Por mais que se esforçasse, lá ia novamente Fortunato pagar dez, depois 20, até o dia em que Kusdra, sem paciência, vociferou: — Fortunato, paga 50!

Ficamos atônitos ao ver Fortunato concluir as 50 flexões, ficar em forma e, sem demonstrar qualquer alteração na respiração, gritar: — Pronto, sargento!

Até aquele sargento experiente ficou perplexo diante daquele feito. Algumas semanas depois, mais perplexos ficamos nós quando, no mural da cantina, vimos no cartaz que compunha as modalidades esportivas: Campeonato de Flexões.

Não preciso mencionar quem venceu a competição inovada por Kusdra. Mas penso que fomos nós os privilegiados em aprender com aquele sargento que sempre há valores a serem evidenciados, cabendo à boa liderança, à habilidade e à observação extraí-los e valorizá-los.

R.I.P 1° Tenente Alexandre Kusdra 16-04-23. ■



Treinamento em grupo de combate do TG 277. Foto de 1966

Acervo/Angelo Honorato Zucato



Primeira turma (1966) do TG 277

Acervo/Angelo Honorato Zucato



Atiradores em Ordem Unida, em 1966, na sede do TG 277, então localizada na Rua Maranhão, nº 96

## NOTAS

<sup>1</sup> A Ordem Unida se caracteriza por uma disposição individual e consciente altamente motivada para a obtenção de determinados padrões coletivos de uniformidade, sincronização e garbo militar. Deve ser considerada por todos os participantes — instrutores e instruídos, comandantes e executantes — como externalização da disciplina militar, isto é, a situação de ordem e obediência que se estabelece voluntariamente entre militares, em vista da necessidade de eficiência na guerra. Fonte: Ministério da Defesa, Exército Brasileiro - Comando de Operações Terrestres, Manual de Campanha - Ordem Unida, 4ª Edição, 2019

Angelo Honorato Zucato é nascido em São Caetano do Sul. É formado em Engenharia Mecânica, pelo Instituto Mauá de Tecnologia e em Administração, pela Fundação Getúlio Vargas. Sua carreira profissional abrange as áreas de engenharia, gestão e direção em empresas nacionais e transnacionais na área de bens de capital sob encomenda.

# Lembranças e curiosidades

QUANDO AS FAMÍLIAS ITALIANAS chegaram às terras de Tijucuçu, hoje São Caetano do Sul, em 1877, muitas traziam consigo seus filhos jovens, além de inúmeras crianças.

Na vida em comunidade dos imigrantes, seus filhos começaram a criar laços de amizade entre si, dando início aos primeiros casamentos, uniões que viriam a se transformar em numerosas famílias.

Muitos foram os enlacs entre os filhos dos imigrantes italianos, unindo as famílias, agora pelo laço de parentesco, uma vez que, há tempos, já estavam ligados pelo trabalho, em busca do progresso em um novo país.

Celeste De Nardi e Lorenzina Gava De Nardi foram os primeiros imigrantes a se casarem no Núcleo Colonial de São Caetano. A união foi realizada na Catedral da Sé, pois não havia cartório civil ou Juiz de Paz no núcleo, e todos os casamentos tinham de ser realizados na capital de São Paulo.

Celeste era filho de Giovani De Nardi e Arcângela Fabríz De Nardi, família que integrou a primeira leva de imigrantes ita-

lianos. Quando chegaram ao núcleo colonial, Celeste tinha apenas 17 anos, e seus dois irmãos, Giácomo e Marieta, tinham 16 e 5 anos, respectivamente.

As famílias que deixaram Treviso, na Itália, à procura de novas terras, de uma nova moradia onde pudessem desenvolver seus trabalhos, vieram com muita vontade de vencer. Uma prova disso estava nos exemplos que essa mesma gente sempre nos deu. Vindo para um lugar desconhecido, deixavam para trás seus pais, irmãos, amigos, lares, pertences, apenas portando a vontade de vencer e a disposição para o trabalho.

Com diversos enlacs acontecendo naqueles primeiros anos, muitos nascimentos, ou seja, muitas crianças viriam a nascer. No dia 11 de outubro de 1877, nascia João De Nardi, o quarto filho (e o primeiro nascido no Núcleo Colonial de São Caetano) dos imigrantes Giovanni De Nardi e Arcângela Fabríz De Nardi. Pouco tempo depois, mais precisamente no dia 21 de julho de 1879, vinha ao mundo Luiz De Nardi, o filho primogênito de Celeste e Lorenzina De Nardi.



A matriarca Lorenzina Gava De Nardi em foto tirada em estúdio na década de 1920

Em razão dos conhecimentos que possuía na área de edificações civis, Celeste De Nardi foi o responsável pelas obras de construção do templo da Paróquia São Caetano e do imponente casarão que hoje abriga o Museu Histórico Municipal, ambos no Bairro da Fundação. As características arquitetônicas desse casarão se assemelham às de um palacete, daí ter ficado conhecido, entre os moradores da cidade, como Palacete De Nardi. Além de ter servido como residência à família de Celeste De Nardi, parte de suas instalações, na entrada do



Celeste De Nardi e Lorenzina Gava De Nardi em foto de 1903

Arquivo/FINASC

imóvel, acolheu duas salas de aula (masculina e feminina) do que era a escola pública local.

Um outro dado curioso a respeito da família De Nardi envolve Francisco Raul De Nardi, neto de Celeste e Lorenzina De Nardi. Nasceu na cidade, em 3 de dezembro de 1929, no Palacete De Nardi. Foi ordenado sacerdote no dia 8 de dezembro de 1966, em São Caetano do Sul, pelas mãos de dom Jorge Marcos de Oliveira, bispo diocesano de Santo André, tornando-se o primeiro padre descendente de uma das famílias de fundadores de São Caetano.

Sem confirmação, mas a minha avó, Augusta Dalcin Botteon, já falecida, afirmava que a sua mãe, Domingas Lott Dalcin, teria sido a primeira parteira na cidade, e única durante anos. Ela comentava que, por inúmeras vezes, em plena madrugada, era chamada, às pressas, para aten-

der parturientes. Sem dispor de qualquer meio de condução, Domingas fazia longas caminhadas a pé ou era conduzida em carroças, quando se tratava de casos que requeriam máxima urgência.

Outro fato importante que ficou na lembrança da minha avó Augusta foi o acontecido com sua mãe quando, em certa ocasião, estava acamada, acometida de uma espécie de sarampo e, com o corpo ardendo em febre, foi solicitada a atender uma parturiente. Demonstrando muito amor ao seu semelhante, como sempre fez, não vacilou um instante, auxiliando o parto em sua própria cama, trazendo ao mundo uma menina. Dias após esse fato, lamentavelmente sua mãe teve agravada a sua saúde, vindo a falecer.

Na época, medicamentos eram adquiridos em uma das primeiras farmácias estabelecidas em São Caetano do Sul, lo-

calizada na atual Avenida Conde Francisco Matarazzo, esquina com Heloísa Pamplona, a Farmácia do Fischer, cujo farmacêutico era Décio Mattos.

Quanto aos médicos existentes, um dos primeiros estabelecidos em São Caetano foi Constantino de Moura Baptista, que, segundo ela, era muito dedicado. Lembrava que, naquele tempo, uma consulta custava apenas três mil réis, sendo o mesmo preço cobrado pelos médicos com consultórios estabelecidos na capital de São Paulo.

Ainda na área da saúde, cabe registrar que o Hospital Bartira foi a primeira unidade hospitalar particular de São Caetano. Pertencia ao Dr. Souza Voto e se localizava na esquina das ruas Oswaldo Cruz e Marechal Deodoro. **(Mario Edson Botteon) ■**

FONTE

BOTTEON, Mario. *Jornal de São Caetano*. 30 e 31 jul. 1977

# CADEIRA ODONTOLÓGICA INFANTIL

ESSA CADEIRA começou sua história em 1965, em São Caetano do Sul. Ano e lugar em que Vera Lúcia Perrella, formada em Odontologia pela Universidade de São Paulo (USP), começou a atuar como a primeira odontopediatra da cidade. Foi nessa cadeira, da marca Atlante, que se sentaram mais de três gerações de pacientes! Filhos e netos dos primeiros pacientes atendidos pela doutora Vera.

“Até esta data ela tinha um lugar especial na clínica, mas tomamos a decisão de passar a história adiante para que outras pessoas possam sentir a nostalgia que muitos pacientes sentiram ao vê-la”, afirmou Vera. Em 2023, o equipamento foi doado ao acervo do Museu Histórico Municipal.

Vera nasceu em São Paulo, mas sempre morou em São Caetano do Sul. Estudou no Externato Santo Antônio e no Colégio Bonifácio de Carvalho. Kursou o ensino médio na capital paulista e se formou na USP em 1964. Teve então o início de sua carreira com seu primeiro consultório instalado na Rua Manoel Coelho, depois mudou para a Rua Santa Catarina e, finalmente, estabeleceu-se na Praça Cardeal Arcoverde, local onde a clínica atua até os dias de hoje, mas com atendimento realizado por suas filhas, também dentistas, Adriana Perrella e Débora Perrella.

Ela foi uma das primeiras mulheres dentistas de São Caetano, tendo seu consultório sido o primeiro especializado em odontopediatria do município. Vera exerceu a profissão por 50 anos. Ainda hoje continua atuando na área de odontologia, mas como proprietária de uma clínica de radiologia na cidade. (Colaborou com esta seção Nina Kuznetzow) ■



Acervo/Museu Histórico Municipal (IPHACSP)

Acervo/Vera Lúcia Perrella



Vera Lúcia Perrella atende paciente em clínica radiológica. Foto de 2024

# INOS CORRADIN



Acervo Pinacoteca Municipal (PMSCSP)

*A menina bela*  
Serigrafia  
63 x 45 cm  
1970

**INOS CORRADIN** nasceu em 14 de novembro de 1929, na cidade de Vogna, na Itália. Em 1950, aos 21 anos, chegou ao Brasil, estabelecendo-se em Jundiaí (interior de SP). Após ter sido convidado a integrar o Atelier Cooperativa Politone, mudou-se para a Vila Mariana, em São Paulo. Tempos depois seguiu para a Bahia para trabalhar com o pintor Trindade Leal. Ao longo dos anos, Corradin levou sua obra para outros Estados brasileiros e também para o exterior, expondo na França, Alemanha e Estados Unidos.

Corradin já expôs em São Caetano por duas vezes. Em 2013, a exposição *Universo Lúdico de Inos Corradin* ficou em cartaz na Pinacoteca Municipal. Já em 2016, foi a vez do Espaço do Forno receber a mostra *Alegria*, com obras do artista. ■

## EXPOSIÇÕES

### **É tudo brincadeira**

A Fundação Pró-Memória promoveu, no Anexo da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, localizado no Espaço Verde Chico Mendes, a exposição *É Tudo Brincadeira*, de 13 de janeiro a 5 de abril. A mostra viajou ao século 20 mostrando os brinquedos utilizados pelas crianças nas décadas passadas, carregando memórias e nostalgia. Pião de madeira, bola de meia, robô de plástico e jogo de cozinha são alguns exemplos de brinquedos que foram expostos e que pertencem ao Museu Histórico de São Caetano do Sul.

### **Divertidos Tempos do Passado**

Aberta em 1º de abril, a exposição *Divertidos Tempos do Passado* apresenta um panorama das principais atividades de lazer dos antigos moradores da cidade entre as décadas de 1920 e 1960, tendo como base o acervo do Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. Em cartaz no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes.



### **Troféus que contam História**

Mais uma nova exposição da Fundação Pró-Memória, desta vez em parceria com a Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Juventude. No dia 10 de abril, foi aberta a mostra *Troféus que contam História*, no Anexo da Prefeitura, no Espaço Verde Chico Mendes.

### **Além do Olhar, de Regis Ribeiro**

De 24 de abril a 14 de julho, ficou em cartaz na Pinacoteca Municipal a exposição *Além do Olhar*, com obras de Regis Ribeiro e resultado do trabalho de uma década do artista sul-são-caetanense. Seleccionada pela Secretaria Municipal de Cultura por meio de edital da Lei Paulo Gustavo (lei complementar 195/2022), do Ministério da Cultura, a mostra teve curadoria de Icaro Ferraz Vidal Jr. Gravuras e conceitos relacionados à pintura foram apresentados na mostra que revelou o *modus operandi* único por meio do qual os materiais alternativos tomam corpo na produção do artista.

## PROJETOS

### **Férias na Pinacoteca**

O projeto *Férias na Pinacoteca* deu início às atividades da Fundação Pró-Memória no mês de

janeiro. Dos dias 15 a 26, foram promovidas as seguintes oficinas de arte gratuitas para adultos e crianças: *Gravura no Isopor para Pais e Filhos*, com Regis Ribeiro (dia 15); *Impressões Poéticas da Natureza*, com Regis Ribeiro (dia 22); *Máscaras de Cerâmica*, com Delfina Reis (dias 16 e 23); *Princípios de Monotipia e Processos Híbridos*, com Vitória Fogaça e Bruna Marasato (dias 17 e 24); *Eu sou Argila*, com Maitê Andorra (dias 19 e 26).

**Férias de julho** - Nos dias 2, 3 e 4 de julho, foi a vez do personagem Zé do Brejo, interpretado por Emerson Santtana, participar do projeto *Férias na Pinacoteca*. Contando histórias e cantando cantigas de roda, levou o público infantil a viajar pela imaginação. Após cada narrativa, a criançada foi convidada a vivenciar uma experiência musical com temas do folclore brasileiro.



### **Cidadão da História**

No primeiro semestre de 2024, a Fundação Pró-Memória deu continuidade a sua participação no programa *Cidadão da História*, que

integra o projeto *Governo em Movimento*, da prefeitura municipal, e promove homenagens a municípios e estabelecimentos comerciais e industriais há mais tempo no município.

**Bairro Prosperidade - Dia 24 de fevereiro**

**MUNÍCIPES:** FLAVIO BAGGIO, HERMINIA RODRIGUES BELLUÇO, MARIA PULQUERIA DOS SANTOS, TEREZINHA LUCILIA ALVES.

**EMPRESAS:** AFEG- METALURGIA, EASY DRINKS

**Bairro Barcelona - Dia 24 de fevereiro**

**MUNÍCIPES:** CELINA FIOROTTI, DORALICE DANTAS DE OLIVEIRA, ELISABETE MARTINS RIGHETTO SOTO, FELICIANO IGNÁCIO RIBEIRO, MARIA APARECIDA SANCHES, OSMAR FERREIRA, LUIZ RUBENS GERTRUDES.

**EMPRESAS:** PET FELIZ, DOM SABATINI- RADIADORES E AR CONDICIONADO

**Bairro Santo Antonio - Dia 16 de março**

**MUNÍCIPES:** ASTROGESIO TEODORO MARIANEK ALVES E ANA MARIA DE OLIVEIRA MARIANEK ALVES, AURORA PATTARO BIANCHI, DONIZETE APARECIDO GONÇALVES DE GOUVEIA E SANDRA REGINA BITTANCOURT GOUVEIA, JULCE APARECIDA LOPES ULIANA E MOACIR ULIANA, MARIO MARINOTTI E EDNA TORRES MARINOTTI. **EMPRESAS:** ENCANTO LAVANDERIA LTDA.

**Bairro Santa Paula - Dia 16 de março**

**MUNÍCIPES:** ANALIA MATHEUS GIANIPERO, ANTONIO SATURNINO DA SILVA E MARIA ELISABETE FERNANDES DA SILVA, CARMEN RETAMERO, ILDA RIBEIRO DENADAI, IZABEL GARCIA MORCILLO, MARISE DALL'ANTONIA. **EMPRESAS:** GHULA GULAH RESTAURANTE.

**Bairro Centro - Dia 27 de abril**

**MUNÍCIPES:** AUREA ILZANETE CORNIATTI, NILMEN GUIMARÃES

E ENID NOGUEIRA GUIMARÃES, LENEUZA MARIA SILVESTRE, MARIA DO CARMO ZUCCO, FRANCISCO DAS CHAGAS SILVA. **EMPRESAS:** LOJAS TIO GIL, CIA DA BELEZA, COIFAS SÃO JUDAS.

**Bairro Oswaldo Cruz - Dia 27 de abril**

**MUNÍCIPES:** JOÃO BATISTA PINTO E MADALENA DE MARTINI PINTO, JOSÉ FRANCISCO DE LIMA FILHO, ODAIR CHIARELI ZANIRATTO E ANTONIETA LUVIZOTTO, SERGIO JOSÉ BERNARDINO E PATRICIA ROSANGELA MORALES BERNARDINO. **EMPRESAS:** BUFFET LAGUNA, CLINICA ODONTOLÓGICA - DR. ANTONIO SANGIULIANO.

## EVENTOS

### **Encontro com Educadores nas exposições Sentir pra Ver e Movimento em Branco**

No dia 23 de março, das 9h às 12h, a Pinacoteca de São Caetano realizou um Encontro com Educadores, abordando temas sobre acessibilidade e ações educativas inclusivas em museus e instituições educativas e culturais no Brasil. O encontro foi direcionado a professores, profissionais da área de educação e arte-educadores, e orientado pela arte-educadora Amanda Tojal, a pedagoga Claudia Aoki e o artista plástico Alfonso Ballesterro.



### **Encontro com artista Regis Ribeiro**

No dia 29 de maio, a Pinacoteca promoveu um Encontro com o artista Regis Ribeiro. Ele e a curadora e artista visual Bruna Marassato conduziram um bate-papo sobre a pesquisa e o trabalho de investigação de materiais e poéticas, além de outras questões que permeiam o pensamento gráfico de Regis nos trabalhos da exposição *Além do Olhar*, que fica em cartaz no local.

### **Palestra aos novos guardas civis municipais**

No dia 10 de junho, a Fundação Pró-Memória participou do primeiro dia de aula dos novos guardas civis municipais, que deram início ao processo de treinamento, com uma palestra sobre a história de São Caetano do Sul, ministrada pela jornalista Paula Fiorotti. O objetivo era promover um primeiro contato dos futuros colaboradores com a evolução histórica do município.

### **Conversa com o Curador**

Ícaro Ferraz Vidal Jr, curador da exposição *Além do Olhar*, do artista plástico Regis Ribeiro, esteve na Pinacoteca Municipal no dia 26 de junho, para um bate-papo com o público sobre o processo curatorial da mostra. Na ocasião, foi realizado o lançamento do catálogo digital da exposição, que está disponível no site da instituição ([fpm.org.br](http://fpm.org.br)).

Acervo/FPMSCS



Reunião de um grupo de amigos no Bar do Momi, que ficava na Rua 28 de Julho, no Bairro da Fundação. O estabelecimento comercial pertencia a Girolamo Ceschim (o Momi) e marcou época como um dos principais pontos de encontro da cidade, popularizando-se pela qualidade de seu restaurante e pelo movimento constante em suas canchas de bocha

Acervo/FPMSCS



Procissão dos vicentinos em frente à Paróquia Sagrada Família, na Praça Cardeal Arcoverde, em 1957

Acervo/FPMSCS



Paróquia Nossa Senhora da Prosperidade na Praça da Riqueza. A paróquia foi criada em 1954, mas, antes desse episódio, houve um grande movimento popular, no início da década de 1950, em prol da construção do seu templo

Acervo/FPMSCS



Modelo de automóvel Pontiac, ano 1941, em exposição promovida pela General Motors

Acervo/FPMSCS



Capela de Santo Antônio em foto tirada em 1951, por ocasião da primeira missa nela celebrada. Essa capela foi construída pela família Molinari em 1924 e ficava na Avenida Senador Roberto Simonsen. Com a abertura da Rua Constituição, essa capela primitiva foi demolida e uma nova foi edificada ao lado

O menino José Fernando em terreno situado junto ao Rio dos Meninos. Ao fundo, aparece o moinho que pertenceu à antiga fábrica de pólvora de Attilio Tosetti

Acervo/FPMSCS





Evento comemorativo dos 25 de fundação da Pan (Produtos Alimentícios Nacionais) em 1960. A fábrica iniciou sua trajetória em São Caetano em 1935, graças a Aldo Aliberti e a Oswaldo Falchero, os seus idealizadores

Obras de construção da Praça São Caetano Di Thiene no final da década de 1970. Situada no quadrilátero formado pelas avenidas Goiás e Dr. Augusto de Toledo e pelas ruas Oswaldo Cruz e Marechal Deodoro, a praça foi inaugurada durante a gestão do prefeito Raimundo da Cunha Leite (1977-1982)



Acervo/FPMSCS



Fachada da Ferro Enamel, empresa fundada em 30 de agosto de 1935 que atuava no segmento de fitas metálicas, vidrados cerâmicos e corantes minerais. Situada na esquina das avenidas Goiás e Dr. Augusto de Toledo, com as obras de duplicação da primeira, na década de 1970, transferiu-se para São Bernardo do Campo

Acervo/FPMSCS



Crianças brincando num pequeno lago formado no terreno do antigo Buracão da Cerâmica na década de 1970, onde hoje se encontra o Espaço Verde Chico Mendes



# FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA

- SEDE ADMINISTRATIVA
- PINACOTECA MUNICIPAL
- CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Avenida Dr. Augusto de Toledo, nº 255  
São Caetano do Sul – SP  
(11) 4223-4780  
fpm@fpm.org.br  
pinacoteca@fpm.org.br  
centro.documentacao@fpm.org.br

---

- MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL
- Rua Maximiliano Lorenzini, nº 122
- São Caetano do Sul – SP
- (11) 4229-1988
- museu@fpm.org.br

---

- SALÃO EXPOSITIVO
- ESPAÇO VERDE CHICO MENDES
- Avenida Fernando Simonsen, nº 566
- São Caetano do Sul – SP

---

- ESPAÇO CULTURAL
- CASA DE VIDRO
- Praça do Professor
- (altura da Av. Goiás, nº 1.111)
- São Caetano do Sul – SP

---

- ESPAÇO DO FORNO
- Praça do Forno
- Espaço Cerâmica
- São Caetano do Sul – SP



**WWW.FPM.ORG.BR**



ISSN 1415-3173



FUNDAÇÃO  
PRÓ-MEMÓRIA  
SÃO CAETANO DO SUL



SÃO  
CAETANO  
DO SUL  
PREFEITURA MUNICIPAL